

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

Departamento de Ciência Política

Graduação em Gestão Pública

**Medo do crime, sensação de segurança e bases comunitárias móveis:
As percepções dos frequentadores do bairro Sagrada Família em 2019**

Mateus Senna Franco

Orientadora: Ludmila Ribeiro

Belo Horizonte

Novembro de 2019

AGRADECIMENTOS

A elaboração da monografia foi um processo de muito trabalho e aprendizado, que remete ao fim de uma etapa muito especial que é a graduação. Considero importante agradecer e reconhecer a importância de diversas pessoas que em muito contribuíram em minha jornada.

Primeiramente, gostaria de agradecer aos meus pais, que me deram apoio, amor e estrutura para que eu pudesse trilhar esse caminho que considero um privilégio, já que o ensino superior ainda é inacessível à maioria da população em nosso país. Agradeço também à minha avó, pelo amor incondicional e ombro amigo de sempre, à minha esposa Giulia Lage, que com seus múltiplos talentos muito me ensina e me inspira diariamente a progredir, junto ao pequeno Théo, que cresce em uma velocidade impressionante, me convencendo de que a infância é a fase mais evoluída da espécie humana.

Registro também o meu muito obrigado aos amigos e companheiros da Reggae Nomos e todos os agregados envolvidos, que tornam a vida mais feliz e engraçada, cada um ao seu modo especial.

Agradeço a Deus pela oportunidade de ter conhecido diversas figuras inspiradoras, que por meio do exemplo, me motivam a buscar ser a minha melhor versão. Aos queridos professores Felipe Riccio, Nerea Ramirez, Noelle del Giúdice, Paulo Victor Melo, e todos os membros do Grupo Opinião Pública, que me concederam a primeira oportunidade de aprofundar meus conhecimentos na área da Ciência Política e tomar verdadeiro gosto pelo estudo.

Em minha trajetória também tive o prazer de participar do brilhante trabalho realizado pela equipe da SEPLAG, onde constatei a importância da informação de qualidade para a tomada de decisão, pude conhecer um ambiente laboral impressionantemente agradável e aprendi o ofício que exerço até hoje, com dedicados profissionais como Raphael Vasconcelos, que sempre com muita amizade, tato e sabedoria contribuiu para meu crescimento pessoal e profissional, Gustavo Oliveira, que muito me ensinou com seus conhecimentos tão versáteis e que me sugeriu o tema do presente trabalho, Solimar Assis, que considero um exemplo pessoa, transbordando empatia e competência e toda a equipe da SCIAPE.

Meus sinceros agradecimentos também à Fernanda Quintão e Diego Ferreira, que me receberam muitíssimo bem, concedendo a oportunidade de mostrar o conhecimento adquirido ao longo do curso e da vida em prol da grande missão de contribuir para tornar melhor a vida de todo o povo mineiro.

Agradeço também à minha orientadora Ludmila, que com muita competência e paciência me orientou durante o presente trabalho, proporcionando muito conhecimento e tranquilidade durante todo o processo, assim como aos diversos professores que tive durante a graduação, como Ana Paula Karruz, Bebeto, Felipe Nunes, Geralda Luiza, Márcia Miranda, Marcus Abílio e diversos outros.

Registro aqui minha gratidão a todos vocês.

Sumário

INTRODUÇÃO	4
Metodologia	6
Organização do trabalho	9
Capítulo 1 - INSEGURANÇA: MEDO DO CRIME NO ESPAÇO URBANO	11
Determinantes da percepção de risco	14
Espaço urbano e medo do crime	16
A percepção de insegurança e a vitimização: quais são os determinantes?	17
Capítulo 2 – O POLICIAMENTO COMUNITÁRIO E AS BASES COMUNITÁRIAS MÓVEIS	20
A polícia comunitária como um exemplo de polícia cidadã?	22
As bases comunitárias móveis em Minas Gerais	23
Capítulo 3 – A INCIDÊNCIA DO CRIME NO BAIRRO SAGRADA FAMÍLIA	26
A violência no Bairro Sagrada Família	26
(1) Análise do ano de 2016 – O ano anterior à implantação das Bases Comunitárias Móveis	27
(2) Análise do ano de 2017 – O ano da implementação das Bases Comunitárias Móveis	28
(3) Análise do ano de 2018 – O ano seguinte à implementação das Bases Comunitárias Móveis	29
(4) Análise do ano de 2019 – Dois anos após a implementação das Bases Comunitárias Móveis.....	30
(5) Comparando o antes e o depois da instalação das bases comunitárias móveis.....	31
Capítulo 4 – O SURVEY NAS PRAÇAS DO BAIRRO SAGRADA FAMÍLIA	34
Capítulo 5 – MEDO, PERCEPÇÃO DE RISCO E VITIMIZAÇÃO NAS PRAÇAS DO BAIRRO SAGRADA FAMÍLIA	39
Medo do crime	40
(1) Invasão à residência	41
(2) Roubo/Assalto	45
(3) Furto e roubo de carros e motos.....	49
(4) Brigas Agressões físicas	53
(5) Agressão Sexual	57
Percepção de Risco	60
Sensação de Segurança	65
Vitimização	72
Percepção sobre as bases comunitárias	76
CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
REFERÊNCIAS	83
Apêndice I – questionário	93
Apêndice II - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	98

INTRODUÇÃO

A insegurança da população pode ser considerada um problema potencialmente grave. Esse fato costuma gerar uma supervalorização da individualidade e um enfraquecimento dos laços sociais, já que evitar o “outro” traz uma falsa sensação de segurança, conduzindo a uma “auto-segregação” (BAUMAN, 2003). Diante da sensação de insegurança, é mais provável que as pessoas se exponham menos, fiquem mais reclusas em suas casas, cada vez mais protegidas por equipamentos de segurança, que evoluem constantemente. Esse afastamento do resto do mundo pode enfraquecer o comércio de uma região, além de reduzir a qualidade de vida de uma população, cada vez mais preocupada, crendo que pode ser vitimada a qualquer momento, sendo o medo uma reação às crenças do perigo (BORGES, 2011).

Atualmente há um relativo consenso no ramo da segurança pública sobre o papel da polícia na prevenção e no controle do espaço público, o que pode reverberar no sentimento de segurança de maneira independente dos fatores socioeconômicos e ambientais (BEATO, SILVA e TAVARES, 2008). Em outras palavras, é possível afirmar que as ações de segurança pública contribuem para a diminuição do medo do crime.

Todavia, várias são as análises que não utilizam essas informações, tornando comum o fato de os estudos sobre medo do crime se limitarem a identificar sua correlação com medidas sociodemográficas, levando a conclusões como, por exemplo, de que mulheres têm mais medo, ou de que há maior percepção do medo com o avanço da idade (GAROFALO, 1979; BAUMER, 1985 apud SILVA e BEATO FILHO, 2013).

Para além da ausência de trabalhos interligando o sentimento de medo às ações públicas (ao invés de cruzar essa percepção somente com os dados socioeconômicos), existe uma enorme controvérsia sobre o que seria uma boa medida do medo, evidenciando uma falta de consenso sobre o real significado do sentimento provocado pelo crime (FERRARO; LAGRANGE, 1987; ROUNTREE; LAND, 1996 apud SILVA e BEATO F., 2013). O medo é uma reação ao ambiente percebido, podendo ser resultado de um processamento cognitivo ou de uma avaliação de informação recebida. É uma emoção, um sentimento de alarde ou pavor causado por uma consciência ou expectativa de perigo (SLUCKIN, 1979 apud SILVA e BEATO FILHO, 2013).

Considerando os dois pontos destacados pela literatura, este trabalho pretende verificar a relação existente entre sentimento de medo e (i) perfis sociodemográficos, (ii) experiências de vitimização por crime e (iii) presença da polícia e percepção dessa ação por meio das Base Comunitária Móvel. Com esses procedimentos, essa monografia pretende responder se a implantação da base comunitária na Praça Nilo

Peçanha, área de maior movimento do bairro Sagrada Família, diminui o medo do crime de seus frequentadores, já que diversos autores, como Rodrigues e Oliveira (2002), confirmam a importância do policiamento ostensivo na diminuição da ocorrência de crimes e no aumento da sensação de segurança dos cidadãos.

A ideia de tentar fazer uma avaliação do sentimento de segurança dos cidadãos após a implantação das bases comunitárias móveis decorre da percepção de que existe uma demanda cada vez maior pela coerência entre as polícias e as sociedades democráticas, devendo aquelas agir de forma transparente, controlada e eficiente. A literatura aponta para a importância da adoção de estratégias proativas de prevenção e controle da criminalidade nessas sociedades democráticas (GOLDSTEIN, 1990 apud BEATO, SILVA e TAVARES, 2008), utilizando a gestão de informações para alocação focalizada e pontual de unidades policiais, que parece impactar significativamente as taxas de criminalidade (SHERMAN, GARTIN e BUERGER, 1989 apud BEATO, SILVA E TAVARES, 2008; BEATO F., VIEGAS e PEIXOTO, 2004 apud BEATO, SILVA E TAVARES, 2008).

A criação das Bases Comunitárias Móveis foi uma das estratégias apresentadas pelo Governo do Estado de Minas Gerais para cumprir esse propósito, melhor combater a criminalidade e reduzir o sentimento de medo. Conforme informações divulgadas na instrução nº 3.03.21/2017-CG, que regula o emprego das Bases do Projeto Segurança Comunitária, vinculadas ao programa “Mais Segurança” do Governo de Minas Gerais, criado durante a gestão de Fernando Pimentel (2015-2018), a base comunitária foi a estratégia utilizada para reduzir os índices de criminalidade, com maior proximidade entre o trabalho da Polícia Militar junto ao cidadão, aumentando a sensação de segurança e o trabalho de patrulhamento da cidade.

O programa “Mais Segurança” consta da segunda etapa do programa “Mais Investimentos”, que previu a divisão da capital, Belo Horizonte, em 86 territórios, onde foram instaladas bases comunitárias, compostas por uma van monitorada por câmeras, rádios digitais e equipamentos de segurança. Nas vans são realizados registros de ocorrências, através de sistemas informatizados. Cada base conta com duas motos, totalizando 172 unidades em Belo Horizonte, à disposição para o patrulhamento e atendimento de ocorrências. É importante ressaltar que todo esse aparato foi somado ao serviço de rádio patrulhamento já realizado na cidade.

Por ser uma política recente e ainda pouco estudada no contexto acadêmico, acredita-se na relevância do tema para a ciência, e também para disponibilizar publicamente um *feedback* sobre a política, incentivando maior investimento ou mesmo sua retração, em um contexto principalmente eleitoral, já que

a monografia analisará a sensação de segurança das pessoas, não o aumento ou diminuição dos crimes de fato.

A fim de explorar os efeitos da ação Base Comunitária Móvel sobre o sentimento de medo dos frequentadores da Praça Nilo Peçanha, o presente trabalho assume como objetivos específicos a verificação da relação de variáveis como sexo, idade, horário, nível socioeconômico, cor/raça, nível de exposição, vitimização anterior por crime (própria e de pessoas próximas), a avaliação do serviço da base de segurança e a sensação de segurança desses cidadãos. Para tanto, este trabalho coletou dados primários em duas praças do bairro Sagrada Família: uma que possui a base comunitária (Nilo Peçanha) e outra que não a possui (Praça do Grotá).

O questionário foi aplicado a 200 respondentes, sendo que as questões utilizadas no instrumento (Apêndice I) foram retiradas da “Pesquisa de Percepção do Medo Minas Gerais”, realizada pelo CRISP-UFMG (2009). A pesquisa teve caráter inovador, pois além de mapear a percepção de medo dos cidadãos, possibilitou conhecer o modo como os indivíduos modificam suas rotinas diárias ou evitam situações que consideram inseguras.

Portanto, utilizando revisão bibliográfica e levantamento de dados primários, o trabalho busca verificar se a instalação da Base Comunitária Móvel na praça Nilo Peçanha, no bairro Sagrada Família, em Belo Horizonte, aumenta a sensação de segurança de seus frequentadores, baseando-se nos efeitos já apontados pela literatura sobre policiamento comunitário.

Metodologia

“A influência da implantação da Base Comunitária Móvel da Polícia Militar de Minas Gerais na Praça Nilo Peçanha, na sensação de segurança dos frequentadores do bairro Sagrada Família em 2019” é um trabalho exploratório, produzido com dados primários, obtidos por meio de uma análise de conteúdo, e do resultado de uma pesquisa de survey, produzida com 200 questionários, aplicados em um raio de 300 metros das praças Nilo Peçanha, localizada na Rua Conselheiro Lafaiete, número 687, e que possui uma Base Comunitária Móvel; e da Praça do Grotá, situada na Rua São Luiz, à altura do número 411, que não conta com a presença da mesma política pública.

A escolha do bairro Sagrada Família se deu por conta de ser o bairro mais populoso de Belo Horizonte e também o bairro onde o realizador deste trabalho cresceu e reside até hoje, tendo, portanto, além de relevância científica, valor emocional para o autor.

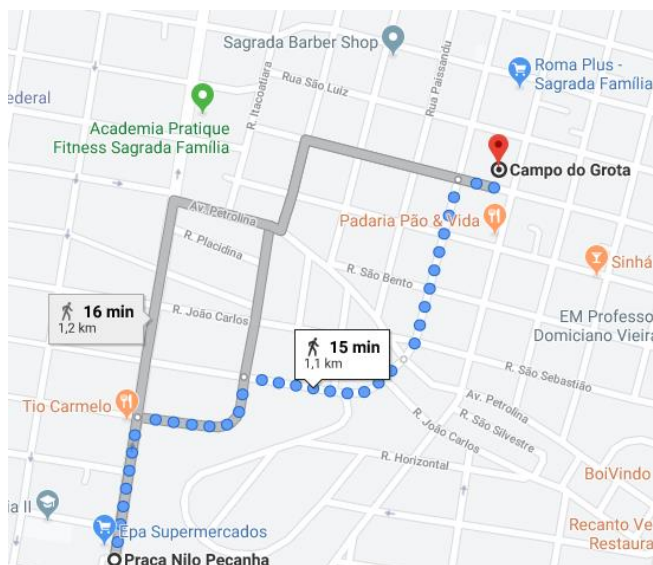
Uma das estratégias adotadas para cumprir os objetivos do trabalho foi analisar as notícias divulgadas nos jornais para buscar na cobertura midiática dos crimes que ocorrem no Sagrada Família, para compreender, em alguma medida, como se forma a percepção do crime entre seus frequentadores. A fim de realizar essas observações, foi realizada uma análise de conteúdo dos sites de dois dos principais jornais da capital mineira entre 2016 e agosto de 2019. O jornal Super é um tabloide e possui a maior tiragem jornalística em Belo Horizonte. O segundo maior, O Tempo, é um jornal mais tradicional, mas pertence à mesma empresa do primeiro, a Sempre Editora. Portanto, buscando uma visão mais diversificada, o segundo veículo de comunicação selecionado foi o site do Estado de Minas, um jornal de grande circulação, que ocupa a 3ª maior tiragem na cidade de Belo Horizonte e não possui relação com os veículos de comunicação da Sempre Editora.

Foram contabilizadas todas as notícias relacionadas a crimes ocorridos no bairro Sagrada Família entre o ano de 2016 e a data de 21/08/2019. Essas notícias foram categorizadas entre os 12 principais crimes monitorados pela PMMG. São estes: homicídio consumado, homicídio tentado, lesão corporal consumado, sequestro e cárcere privado consumado, estupro consumado, estupro tentado, estupro de vulnerável consumado, estupro de vulnerável tentado, roubo consumado, furto consumado, extorsão consumada e extorsão mediante sequestro. Além dessas categorias, houve também notícias relacionadas a tráfico e uso de drogas, e também uma invasão, que não se enquadram nas categorias supracitadas.

Também foram analisados os Boletins de Ocorrência de crimes ocorridos no bairro Sagrada Família durante o mesmo período.

As praças estão separadas por uma distância de 1,1 quilômetro. Foram aplicados 100 questionários em cada praça, a fim de se obter um valor percentual em um ambiente que conta com a praça Nilo Peçanha, que conta com a política pública, como grupo de tratamento, e a praça do Grota, que não possui Base Comunitária Móvel e servirá como grupo controle, possibilitando comparações e a realização de inferências qualitativas e quantitativas com base nas obras sobre o tema utilizadas como referência bibliográfica. As praças possuem semelhanças, como presença de diversos estabelecimentos em seus arredores, inclusive supermercados.

Mapa 1: Distância entre as praças Nilo Peçanha e Grotá



Fonte: Google Maps

No questionário foram inseridas perguntas relacionadas a sexo, idade e nível socioeconômico, variáveis que dizem muito sobre o nível de exposição ao crime e, por conseguinte, à vitimização. O critério cor/raça ajuda a compreender o quão heterogêneo é o local pesquisado, o que pode interferir na sensação de segurança das pessoas. Além disso, perguntas sobre vitimizações passadas ou o conhecimento de crimes que tiveram como vítimas pessoas próximas devem ser consideradas, uma vez que essas experiências podem fazer com que o indivíduo se sinta menos seguro, por razões intrínsecas à experiência citada.

A estratégia adotada para estabelecer as cotas de respondentes foi utilizar uma divisão abrangente para possibilitar a caracterização dos frequentadores das praças, considerando inclusive a possibilidade de identificar grupos que as frequentam mais ou menos e em quais horários, buscando relacionar esse fator à literatura que disserta a respeito de sensação de segurança e medo do crime no ramo da Segurança Pública. A entrevista foi realizada com 100 homens e 100 mulheres, divididos em quatro grupos etários com 25 membros em cada, sendo estes: 18 a 33 anos, 31 a 46 anos, 44 a 59 anos e outro de 60 anos ou mais, com o cuidado de não incluir nenhuma pergunta que possa identificar o entrevistado. Logo, o questionário foi aplicado para 200 pessoas, 100 em cada praça, possibilitando estabelecer um valor percentual em cada local. Para tornar a pesquisa mais confiável, foi realizado um pareamento de características entre as praças, portanto ficou definida a divisão entre 50% homens e 50% mulheres, 50% brancos e 50% não brancos, divididos em grupos de 18 a 33 anos, 31 a 46 anos, 44 a 59 e 60 anos ou mais.

Os questionários foram aplicados entre os dias 15/08/2019 e 30/09/2019, em períodos matutinos,

vespertinos e noturnos. Os dados coletados em papel foram organizados na plataforma Google Forms, que permite inserir as respostas e automaticamente organizá-las em planilhas no programa Excel. Desse modo, os resultados são observados com maior clareza. Os *surveys* foram de grande utilidade para a operacionalização deste estudo, pois o trabalho utilizou um conceito de nuances complexas, que relaciona elementos objetivos, ligados às características do espaço, a respostas absolutamente subjetivas, que variam de acordo com cada indivíduo. Deve-se considerar também que o medo envolve diversos aspectos da experiência social, nem sempre contemplados por instrumentos de coleta de informações quantitativas (PAIN 2000 apud RODRIGUES e OLIVEIRA, 2012).

Organização do trabalho

Para compreender melhor os conceitos necessários, os perfis dos frequentadores das praças Nilo Peçanha e Grota e sua relação com medo do crime, percepção do risco e a vitimização já sofrida direta ou indiretamente, o presente trabalho foi organizado em cinco capítulos.

No capítulo 1 apresenta elementos teóricos sobre o tema medo do crime no espaço urbano, que possui diversas correntes teóricas que foram mudando ao longo do tempo, buscando compreender e se aprofundar cada vez mais nos diversos elementos subjetivos, emocionais e cognitivos, que compõem esse fenômeno tão presente nas cidades de todo o mundo.

O capítulo 2 trata do policiamento comunitário, uma estratégia que buscou o desenvolvimento do trabalho policial nos aspectos social e de sustentabilidade, que se tornou tendência e cresce há alguns anos. Hoje em Belo Horizonte é representada pela política pública das Bases Comunitárias Móveis, em que a polícia busca trabalhar em parceria com a comunidade, realizando policiamento ostensivo e facilitando o fluxo de informações com os moradores, em um esforço de trazer mais segurança e bem-estar a toda a comunidade.

No capítulo 3 há uma breve pesquisa sobre a história do bairro Sagrada Família, com dados sobre seus índices de violência, solicitados por meio da Lei de Acesso à Informação no próprio site da PMMG, com dados de 01/01/2016 a 12/08/2019, e também uma análise de conteúdo com as notícias sobre crimes no bairro Sagrada Família entre 2016 e 2019, nos sites dos principais jornais do estado, que são o Super, jornal de maior tiragem em todo o estado, e o Estado de Minas, seu principal concorrente. Apesar do escopo do trabalho se ater à sensação de segurança, é importante verificar os índices de risco objetivo,

para avaliar se a violência do bairro justifica um nível maior de medo por parte de seus frequentadores, e principalmente, quais são os principais crimes que ocorrem no bairro.

O capítulo 4 contém dados levantados por meio do *survey*, em um esforço de traçar um perfil dos frequentadores das praças Nilo Peçanha e Grota, com informações como a distribuição por sexo, idade, cor, escolaridade, exercício de atividade remunerada, renda e exposição individual ao risco. Essas informações são importantes para uma melhor compreensão da análise posterior, no capítulo 5.

No capítulo 5 são apresentadas as estatísticas descritivas de medo do crime e de percepção de risco, com dados desagregados sexo, idade, escolaridade e renda. Com isso, busca-se verificar padrões e grupos que se destacam em relação ao medo e à experiência de vitimização por diversos crimes, que podem ter origem na visão de si mesmo como alvo atrativo, em experiências diretas ou indiretas envolvendo a criminalidade, ou mesmo como resultado da ausência da polícia. Nessa dimensão, procuramos captar algum *feedback* sobre a política pública da Base Comunitária Móvel, implantada em 2017 na praça Nilo Peçanha, verificando se, na opinião dos entrevistados, há melhora na sensação de segurança dos moradores e frequentadores dessas duas grandes praças do bairro Sagrada Família.

Capítulo 1 - INSEGURANÇA: MEDO DO CRIME NO ESPAÇO URBANO

Lebrun (2006) em um de seus trabalhos destaca um pensamento hobbesiano, afirmando que o conflito generalizado é característico do ser humano. O filósofo acreditava em um estado de constante guerra e luta, comumente sintetizada na máxima “o homem é o lobo do homem”. Esse pensamento destaca a importância dada à segurança pessoal, em que as sociedades firmam um contrato social com o Estado e seu poder coercitivo que o protege dessa natureza conflituosa e, também, o exige o cumprimento de diversas leis. Por medo do uso legítimo da violência pelo Estado, as pessoas têm um nível menor de liberdade para, em contrapartida, garantirem níveis maiores de segurança para todos.

Diversos autores apontam que o medo é algo natural. Um fenômeno de paralisação ou de detenção do curso vital, um sinal de alerta e aviso de perigo iminente. É, portanto, uma defesa natural, uma garantia contra os perigos, um reflexo que contribui para que os seres escapem provisoriamente à morte (DELUMEAU, 2002 apud CAMINHAS, 2010; MIRA Y LOPEZ apud CAMINHAS, 2010). Segundo Caminhas (2010), as pessoas procuram bons níveis de segurança porque este é o símbolo da vida, enquanto a insegurança é o símbolo da morte. Esta, a morte, é apontada como o principal medo das pessoas.

Da morte, sempre foi a resposta. E de todos os males que possam simbolizá-la, entregá-la, recordá-la aos mortais. Da morte violenta, completaria Hobbes. De todos os entes reais ou imaginários que sabemos ou cremos dotados de poder de vida e de extermínio: da natureza desordenada, da cólera de Deus, da manha do Diabo, da crueldade de tirano, da multidão enfurecida; dos cataclismos, da peste, da fome e do fogo, da guerra e do fim do mundo. Da roda da fortuna. Da adversidade. Da repressão, murmuram os pequenos; da subversão, tropejam os grandes (CHAUÍ, 1987 apud CAMINHAS, 2010).

A autora Marilena Chauí (1987) considera o medo uma espécie de “paixão triste”, tão nociva para quem o sente quanto o ódio, cujas origens e efeitos se articulam a outras características do indivíduo, agindo de forma sistêmica, determinando sua maneira de sentir, viver e pensar.

Existem dois tipos de medos: os individuais e os coletivos. O primeiro tipo trata dos medos pessoais, privados e isolados, que se apresentam de diferentes maneiras, individualmente. Esses são construídos ao longo da vida de cada indivíduo, relacionados aos contextos pessoais, à perspectiva e às possibilidades cognitivas de experiências vividas ou imaginadas (Mira y Lopez, 2005, apud Caminhas, 2010). Já os medos coletivos podem atingir toda uma sociedade ou determinados perfis, baseados em características como nível socioeconômico, gênero, idade e escolaridade (Baierl, 2004, apud Caminhas, 2010).

Delumeau (2009) aponta a confusão histórica existente entre medo e covardia. Apesar de atualmente a probabilidade de um indivíduo sofrer uma morte violenta ser menor do que na Idade Média, isso decorre da percepção de que naquele tempo a valentia individual era um privilégio dos nobres e exaltada como uma virtude, enquanto o medo coletivo era inerente aos pobres e interpretado como sinônimo de covardia. Hoje, há maior aceitação sobre a natural relação entre o medo e o ser humano, com estudos que identificam os efeitos de diversas variáveis sobre seus medos.

O emprego do conceito geral de medo de crime guarda algumas limitações, e a principal delas é a incapacidade de que, sob essa mesma denominação, sejam incluídas todas as dimensões envolvidas na conformação desse fenômeno, que se configura simultaneamente como social e político. A utilização exclusiva de qualquer uma dessas dimensões como medida de medo do crime não corresponde ao real, pois não abarca a variabilidade do conceito, a qual pode ser ainda mais explorada ao considerar sua relação com os diferentes tipos de crime.

Há diferenças entre o medo de ser vítima de agressão, assalto ou arrombamento, uma vez que esses eventos possuem naturezas distintas e, pela mesma razão, não devem ser condicionados pelo mesmo elenco de fatores. Rountree (1998), por exemplo, encontrou diferentes fatores explicativos para o medo de delitos contra a propriedade e crimes violentos, além de confirmar a relevância da vitimização anterior como aspecto a ser considerado na definição do medo, contrariando trabalhos que desqualificariam a violência objetiva como fator significativamente associado à percepção de risco.

A percepção de si como alvo atrativo, a avaliação de um ambiente como perigoso, a percepção da violência na sociedade, a sensação de vulnerabilidade (indivíduo desprotegido pela rede de relações ou pela atuação ineficaz da polícia) e as distintas visões de quem é o potencial ofensor são crenças que, em interação, podem fazer com que as pessoas se sintam mais ou menos seguras na cidade. Algumas crenças representam uma relação mais evidente com características pessoais, como a crença na atratividade do alvo (a qual poderia justificar, em alguma medida, a preponderância do medo entre mulheres e idosos) ou a crença em um determinado perfil de agressor. Essas crenças informam sobre a constituição da imagem do potencial criminoso a partir da formação de identidades em oposição, como acontece em situações de conflitos étnicos, ou ainda por meio da construção de estereótipos relacionados ao elemento ou ao comportamento suspeito. Todos esses fatores alteram o medo do crime, fazendo com que a sensação de vulnerabilidade varie de maneira paralela, mas não coincidente com o risco de vitimização (BORGES, 2011).

O medo do crime envolve as dimensões emocionais e cognitivas, dando ao indivíduo a expectativa de que determinada situação ou local ofereça riscos aos seus pertences ou à sua integridade física (RODRIGUES e OLIVEIRA, 2012). Essas dimensões podem se ligar a elementos mais psicológicos ou mais objetivos. A dimensão emocional envolve elementos psicológicos, não necessariamente pela sensação de risco iminente. Por sua vez, a dimensão cognitiva está relacionada à organização social e comunitária, sendo um agravante a percepção de desorganização social e física e a vitimização anterior. A sensação geral de insegurança é um exemplo de medida classificada nessa dimensão emocional, enquanto modelos específicos como aqueles que distinguem o tipo de evento criminoso informam sobre os tais componentes cognitivos (ROUNTREE 1998, apud RODRIGUES e OLIVEIRA, 2012; KANAN e PRUITT, 2002 apud RODRIGUES e OLIVEIRA, 2012).

Segundo Caminhas (2010), o cidadão com medo passa a viver em um exercício de prevenção constante, sentindo-se cada vez mais exposto e fragilizado frente às ameaças cotidianas de violência, percebendo o espaço público como um ambiente de vulnerabilidade e perigo. O autor considera, nesse contexto, o medo do crime um grave problema social, de grande relevância política, empírica e teórica, porém destaca que ainda são poucos os estudos que examinam sua frequência e intensidade.

Segundo Lee (2001), somente após 1960 o tema “medo do crime” progressivamente ganhou espaço no campo de estudo. Inicialmente, o medo era visto apenas como consequência trivial da criminalidade, ignorando outros fatores. Um dos primeiros estudos de maior relevância para o desenvolvimento dessa área de conhecimento nos EUA foi realizado em 1960 pelo *Gallup Organization* e pelo *National Opinion Research Center* (NORC) que, por meio de *surveys*, identificou a diferença entre o risco de vitimização real e a percepção do risco. Isso representou uma grande evolução nesse campo de estudo, uma vez que na América Latina o tema é tratado predominantemente de forma qualitativa, e na Europa, de forma predominantemente teórica. Há, nessas regiões, portanto, uma carência de pesquisadores quantitativos.

Os estudos brasileiros sobre o tema começaram a surgir na década de 1980, em um contexto em que pautas como democratização, criação do espaço público e crise urbana eram amplamente discutidos. Os estudos latino-americanos permanecem predominantemente qualitativos, e diversos autores (URIBE, 2002, ALCALÁ, 2002, GRIMSON, 2002, MEDINA; MARTÍNEZ; ARBELÁEZ, 2002) o fazem sob uma perspectiva de ordem cultural, analisando padrões de comportamento acerca do medo do crime, como ações que contêm um nível de produção e de reprodução de uma cultura do medo.

Os estudos estadunidenses e britânicos são as maiores referências do assunto, utilizando grandes bancos de dados feitos por meio de *surveys*, como no caso da Gallup, da NORC nos EUA e da *British Criminal Survey* na Inglaterra. Esses trabalhos apontam fatores que parecem ter efeito sobre o medo do crime, como vulnerabilidade, meios de comunicação de massa, incivildades física e social, vitimização direta e indireta, confiança nas instituições e percepção do risco.

Determinantes da percepção de risco

Existe grande confusão conceitual sobre a diferença entre o risco percebido e o risco objetivo. O primeiro trata do medo do crime e da percepção do risco, objeto de estudo do presente trabalho. O risco objetivo trata da vitimização em si, da probabilidade real de um indivíduo ser vítima de um crime. O risco percebido não é uma medida objetiva, mas sim subjetiva e indireta. É a percepção do indivíduo em relação ao risco de ser vitimado, baseado em seus próprios critérios.

Caminhas (2010) destaca que a literatura sobre o tema tem demonstrado que as percepções de risco têm fraca ou nenhuma correlação com as estimativas oficiais de risco objetivo de vitimização. Mulheres e idosos, por exemplo, apresentam em grande parte dos *surveys* percentuais baixos de risco objetivo e os percentuais mais altos de medo e percepção de risco. Segundo Rountree (1998), os debates atuais evidenciam o “medo do crime” como um conceito multidimensional, considerando tanto a noção cognitiva (percepção do risco e ansiedade) quanto emocional (sentimento de medo). Nessa equação, a desorganização física é um importante elemento a ser considerado, pois altera a percepção do espaço, transmitindo ao indivíduo a sensação da falta de controle da população local sobre o que ocorre naquela área, associando o local a elevadas taxas de criminalidade e insegurança (ROBINSON, LAWTON, TAYLOR e PERKINS, 2003 apud RODRIGUES e OLIVEIRA, 2012). Logo, essa é uma dimensão que atua sob o risco percebido de forma muito eminente. As condições culturais, de sociabilidade e de territorialidade também devem ser consideradas, como por exemplo características de estrutura defensiva, pessoas que ocupam as ruas e presença de equipamentos de segurança nos imóveis, como câmeras e cercas (TAYLOR, GOTTFREDSON e BROWER, 1984 apud RODRIGUES e OLIVEIRA, 2012).

A noção cognitiva está relacionada à organização social e comunitária, reagindo principalmente a fatores como a percepção das desorganizações social e física e a vitimização anterior. A noção emocional

é motivada por elementos psicológicos e não necessariamente pela sensação de risco iminente, dando à percepção seu caráter indireto. Essa distinção é importante, e segundo Rodrigues e Oliveira (2007), os primeiros estudos a mensurar o medo do crime não distinguiam as situações de risco objetivo de outras puramente emotivas.

Borges (2011 apud RODRIGUES E OLIVEIRA, 2012), em seus estudos, busca realizar essa distinção, considerando o medo como resultado de crenças constituídas a partir das experiências sociais, associando a este conceito a realidade (taxas de crime, vitimização etc.) e também a imaginação (influência da cobertura jornalística de crimes que aconteceram muito longe das áreas por onde os indivíduos circulam).

A análise da percepção individual tem relação direta com a avaliação das condições concretas de risco, como por exemplo grupos que têm hábitos que os tornam mais expostos à vitimização, que têm uma percepção mais acentuada de medo da violência. As percepções do risco, somadas à avaliação da seriedade do crime, determinam o grau de receio das pessoas em serem vítimas de eventos criminais. Os crimes são considerados mais sérios conforme são mais violentos, como no uso de ameaças, agressões e homicídios (WARR e STAFFORD, 1983 apud RODRIGUES e FERNANDES, 2007). Sendo o medo de vitimização por crime o objeto deste trabalho, este se aproxima mais do risco percebido, porém mais amplo, por considerar componentes psicológicos e emotivos, como, por exemplo, uma experiência vivida (FERRARO; LAGRANGE, 1987 apud RODRIGUES e FERNANDES, 2007).

Entre os determinantes do risco percebido, o sexo é importante, já que segundo estudos (WARR, 1984 apud RODRIGUES e OLIVEIRA, 2012; STAFFORD e GALLE 1984 apud RODRIGUES e OLIVEIRA, 2012), as mulheres se sentem mais inseguras que os homens, independente do horário e do local de avaliação, mas os índices variam pouco, pois devido ao medo, as mulheres se expõem menos que os homens. Pela mesma razão, a variável idade é importante, já que idosos e crianças também se expõem menos.

Segundo o estudo de Borges (2011), com dados da “Pesquisa sobre as Condições de Vida e o Acesso das Pessoas a Serviços Públicos aqui na sua Região/PCVAPSP-2010”, 37% da população se sente insegura no bairro de moradia durante o dia e 59% têm o mesmo sentimento durante a noite. Por outro lado, 74% das pessoas se sentem inseguras na cidade durante a noite. As pesquisas sugerem que as pessoas se sentem mais seguras em locais conhecidos e próximos de suas residências. Os dados apresentados nos mostram que é fundamental considerar o horário na avaliação de segurança.

Em geral, mulheres, idosos e pessoas com maior nível de educação se sentem mais inseguros por se considerarem mais atrativos aos possíveis agressores (BORGES, 2013), portanto o estudo buscará também comparar seus resultados com esse estudo feito anteriormente.

Espaço urbano e medo do crime

No espaço urbano, um termo que abrange a maioria dos medos relacionados às diversas formas de violência é o Medo do Crime. Segundo Abazzi Del Frate (1998) este é amplamente difundido em todos os países, interagindo com a violência urbana, afetando o cotidiano da população e a forma como vive. Logo, é um contexto no qual o risco percebido se confunde com o risco objetivo, em razão dos números de crime que são divulgados (CRISP, 2010).

Beato (1998) aponta a característica das cidades com maior grau de desenvolvimento, como Belo Horizonte, de possuírem uma taxa mediana maior de crimes contra a propriedade, já que tais delitos requerem um contexto material de oportunidades para ocorrerem. O aumento da criminalidade é considerado por vários autores um ônus do desenvolvimento, já que com este, aumentam as oportunidades de crime. Cidades com maior nível de desenvolvimento possuem maior anonimato entre as pessoas, mais transeuntes e famílias nucleares, enfraquecendo os meios tradicionais de controle social.

Beato (1998) indica também algumas estatísticas de um tipo de crime que assusta muitas pessoas: o assalto à mão armada. Os principais alvos desse delito são os transeuntes, devido à limitada capacidade defensiva das vítimas. Nele ocorre o uso de armas para minimizar a possibilidade de reação da vítima. Segundo Gottfredson (1990 apud BEATO 1998), 70% dos assaltos ocorrem nas ruas, com perdas modestas. Em mais de 60% dos casos, há mais de um ofensor, com um mesmo perfil: indivíduos jovens, homens e não-brancos, muitos deles alcoolizados ou drogados. Costumam escolher suas vítimas próximas aos locais em que vivem.

Segundo Mira y Lopez (2005 apud Caminhas, 2010), a epidemia de medo coletivo baseada na divulgação das taxas de criminalidade (sobretudo, de homicídios e roubos) resulta em catástrofe. Beato (1999) destaca a relevância da opinião pública sobre problemas sociais, como criminalidade e violência, que atingem todas as classes da sociedade. O medo da população se reflete em seu comportamento, que se previne como pode e investe em seguros, sistemas de segurança, cães de guarda, segurança privada, alarmes, ou mesmo em elementos mais simbólicos, como grades e muros altos.

Em razão da forma como a opinião pública, formada por elementos de risco objetivo e subjetivo, percebe as taxas de criminalidade, muito se gasta em segurança. Em estudo de 1998, Piquet Carneiro apresenta uma estimativa de aproximadamente 2 bilhões e meio de reais investidos em segurança pública, por ano, apenas no município do Rio de Janeiro, o equivalente a 5% de seu PIB. Beato (1999) classifica esta uma estimativa conservadora, por não considerar os expressivos gastos com segurança privada, nem os efeitos da violência sobre os empreendimentos privados. O gasto do estado de Minas Gerais, em 1995, segundo Gonçalves (1996) foi de R\$ 940 milhões, 10% de seu orçamento.

A violência é mais concentrada no espaço urbano, crescendo em proporção ao tamanho da população. Em faixas acima de 100 mil habitantes, o crescimento da violência é ainda maior (BEATO, 1999). Isso se torna um problema público, passível de discussão acerca de seus fatores culturais e estruturais, portanto precisa ser tratado. Em posse do poder coercitivo, cabe ao Estado utilizar-se de seu aparato e autoridade para buscar soluções. É comum que este o faça por meio de suas diversas polícias. Atualmente, em Belo Horizonte, os principais responsáveis por garantir a segurança, tanto percebida quanto objetiva, são os profissionais da Polícia Militar de Minas Gerais e da Guarda Municipal, cujas responsabilidades são de esferas diferentes do poder.

A percepção de insegurança e a vitimização: quais são os determinantes?

Nos itens anteriores, foi abordada a forma com que o medo está baseado em crenças que são construídas a partir de percepções e, sobretudo, na forma como as taxas de criminalidade existentes nas sociedades e divulgadas são transformadas em medos e comportamentos pelos indivíduos. Assim, nesta seção, objetiva-se mostrar o que realmente interfere nas taxas de vitimização. Procura-se, portanto, discutir se os elementos que explicam a percepção de insegurança e medo do crime são os mesmos que determinam a experiência de ser vítima do crime.

Borges (2011) aponta que a análise de algumas variáveis indica efeitos de características demográficas e sociais sobre a vitimização, indicando, por exemplo, que homens, jovens, solteiros ou moradores de zonas urbanas sofrem um risco maior de vitimização do que pessoas de outros perfis (BEATO, PEIXOTO; ANDRADE, 2004 apud Borges, 2013). Borges (2011) exemplifica esse fato com alguns estudos que indicam que o sexo da vítima pode contribuir significativamente para as variações das taxas de vitimização em função das diferenças de comportamento entre homens e mulheres, colocando o

homem como a vítima mais provável, por se expor mais em atividades rotineiras. Entretanto, mulheres podem ser vítimas mais atrativas por, teoricamente, possuírem menor capacidade de reação aos agressores.

A variável sexo já vinha sendo trabalhada por autores como Warr, Stafford e Galle, 1984, que afirmavam que mulheres se sentem mais inseguras que homens (apud BORGES, 2011). A pesquisa apresentada por Borges (2011) confirma a hipótese, encontrando 55,6% dos homens inseguros em seus bairros de moradia durante a noite, enquanto 61,4% das mulheres sentiam-se inseguras nas mesmas condições. Os resultados mostraram também diferenças entre as idades. Pessoas em etapas iniciais do ciclo de vida e idosos se expõem menos e possuem menor probabilidade de frequentarem espaços públicos, pois passam mais tempo em família e suas interações sociais são limitadas (BORGES, 2011).

A variável escolaridade permitiu observar que indivíduos com maior escolaridade provavelmente têm renda maior, tornando-se mais atrativos, por aparentarem capacidade de proporcionar um retorno maior, em caso de crimes de motivação financeira. Isso explica também a maior incidência da vitimização por agressão entre indivíduos de menor escolaridade e renda, indicando a importância da capacidade de proteção e do efeito socializador da educação (BORGES, 2011).

Status socioeconômico é uma variável que gera discordância entre os estudiosos do tema. Borges (2011) analisa estudos de Skogan e Maxfield (1981), que afirmam que pessoas de status socioeconômico mais baixo sentem-se menos seguras. Todavia, Davis e Peixoto (2003) encontraram resultados contrários na região metropolitana de Belo Horizonte. Afirmam que pessoas de status econômico mais alto possuem maior percepção de risco de vitimização. A renda familiar per capita é apontada como uma variável importante por Borges (2011). Os indivíduos que apresentaram maior insegurança na cidade são os que possuem renda familiar per capita de 3 salários mínimos ou mais.

A pesquisa apresentada por Borges (2011) mostra que as pessoas com maior nível de escolaridade tendem a se sentir mais inseguras do que as de menor escolaridade. Os mais escolarizados apresentaram maior insegurança por se sentirem mais atrativos, podendo indicar alguma relação entre maior escolaridade e classes sociais mais altas. Isso indica que indivíduos de maior poder aquisitivo se sentem mais atrativos por saberem que, caso vítimas de um assalto, renderão maior lucro ao criminoso (Borges, 2011).

A cor dos entrevistados também é um importante elemento a ser observado. Segundo Rountree, 1988 (apud BORGES 2011), alguns autores costumam verificar vulnerabilidade entre negros e pessoas de

baixo status socioeconômico, sendo estes grupos os que apresentam maior medo, e essa vulnerabilidade um dos fatores mais importantes na explicação da relação entre cor e status socioeconômico e medo do crime. Skogan e Maxfield, 1981 (apud BORGES, 2011) atribuem a diferença entre brancos e negros em relação ao medo do crime aos diferentes níveis de exposição, já que negros de todas as idades têm mais chances de viver em vizinhanças com altas taxas de crimes do que brancos.

Segundo alguns pesquisadores citados por Borges, 2011, os negros estão em desvantagem em relação aos brancos. Eles são mais pobres, possuem menor grau de escolaridade e apresentam menor expectativa de vida (HENRIQUES, 2001), bem como possuem maiores chances de vitimização (SOARES; BORGES, 2004) do que os brancos.

Mesmo não sendo vítima de algum crime, é comum o sentimento de insegurança, com o frequente crescimento da violência. Independentemente das estatísticas de vitimização objetiva, o presente trabalho busca também analisar as estatísticas acerca da sensação de segurança de seus entrevistados (BORGES, 2011). O horário do dia possui influência significativa no sentimento de insegurança (BORGES, 2011), e por isso este trabalho considera essa informação em seus resultados. Segundo a pesquisa apresentada, a influência do momento do dia para o medo na cidade é de 57% durante o dia e 74% durante a noite.

Para Rountree (1998), a vitimização prévia tem relação com o medo. A afirmação é confirmada pela pesquisa apresentada por Borges (2011), que apresenta níveis maiores de insegurança para pessoas que experimentaram a vitimização no ano anterior à pesquisa. Para Ferraro (1995), essa relação depende do tipo de vitimização. Os estudos apresentados por Borges (2011) demonstram que crimes violentos geram maior insegurança.

Em posse dessas informações, a pesquisa do presente trabalho, realizada nos arredores das praças Nilo Peçanha e Praça do Grotá, no bairro Sagrada Família, buscou verificar relações entre essas variáveis e a sensação de segurança de seus frequentadores. Contudo, como essa relação tende a ser afetada de acordo com a disponibilidade de serviços policiais, o próximo capítulo descreve a ideia de policiamento comunitário que subjaz a implantação das Bases Comunitárias Móveis.

Capítulo 2 – O POLICIAMENTO COMUNITÁRIO E AS BASES COMUNITÁRIAS MÓVEIS

Historicamente, a polícia reflete características da relação entre as forças políticas de sua própria sociedade. A polícia brasileira foi criada no século XVIII, para atender a uma sociedade fortemente autocrática, autoritária e controlada por uma pequena classe dominante (BEGONCHEA, GUIMARÃES, GOMES e ABREU, 2004). Segundo os autores, a instituição foi criada para proteger a pequena minoria privilegiada e dominante das consequências da maioria pobre e excluída, servindo como barreira física entre esses grupos, ditos como “bons” e “maus”. Para o funcionamento da instituição, bastava coragem e vigor físico, em uma polícia de atuação caracterizada pela influência de estigmas e preconceitos.

Begonchea, Guimarães, Gomes e Abreu (2004) apontam a prioritária necessidade de desenvolvimento dos aspectos social e sustentável da questão policial, diante das características de sua origem. Destacam também a necessidade da formatação no sistema de segurança no Brasil, buscando um sistema que estabeleça responsabilidades aos governantes, Judiciário, Ministério Público, ao órgão penitenciário e às polícias, criando conexões técnicas e operacionais, determinando objetivos sociais de prevenção, tratamento e recuperação. Além disso, recomendam um sistema de segurança sistêmico, rápido, que envolva não só atividades preventivas ou de contenção, mas que realizem além da prevenção, o tratamento dos autores de delitos, pois caso contrário, serão reincidentes, escapando ao objetivo de um sistema de segurança pública eficaz. Os autores também sugerem que todos os órgãos citados coparticipem juntamente à sociedade para a criação de um sistema em que todos assumam responsabilidades. Segundo esses autores, a polícia seria mais eficiente se suas divisões trabalhassem de forma mais conjunta e integrada, diferentemente do modelo atual, em que há uma polícia que trabalha só com a parte investigativa (Polícia Civil), outra só pericial, outra com a parte ostensiva (Polícia Militar), tendo a divisão amplificada por problemas como o corporativismo.

Há algum consenso sobre este problema, atribuído às próprias características das instituições policiais. Segundo os autores, se há déficit de compreensão do fenômeno segurança e polícia, o corporativismo apropria-se disso em seu interesse. A sociedade deve compreender a polícia para provocar as mudanças necessárias em suas práticas de policiamento (BEGONCHEA, GUIMARÃES, GOMES E ABREU, 2004). Os autores exemplificam esse fato com tentativas de se reduzir o problema no Rio Grande Sul durante o governo Dutra (1999-2002), por meio de medidas como a coordenação única de comando, o registro de ocorrência policial único, o banco de dados integrados, a confecção do Termo Circunstanciado pelas duas organizações policiais, o ensino integrado, as ações de inteligência em

conjunto, o controle das polícias e a reforma das Corregedorias. Faltou à empreitada o endosso de um debate público de qualidade, discutindo pouco sobre os méritos dessas ações, se rendendo à visibilidade e ao senso comum, fortalecendo os mitos corporativos e a manutenção de privilégios.

Para Begonchea, Guimarães, Gomes e Abreu (2004) há necessidade de uma mudança de visão por parte do policial de seu objeto de trabalho, reconhecendo e compreendendo a diversidade social. Há grande dificuldade em trabalhar em situações em que a responsabilidade e a culpabilidade não são bem definidas. Os autores apontam que, à época do texto, a polícia trabalhava com um único instrumento, que é a ação-reação, utilizando a força como instrumento de solução de qualquer conflito.

A constante presença da violência e da criminalidade na sociedade evidencia a necessidade do aperfeiçoamento perene da qualificação, do aparelhamento tecnológico e da atualização das técnicas das polícias e, principalmente, do aprimoramento de seu conceito (BEGONCHEA, GUIMARÃES, GOMES E ABREU, 2004).

Um entrave para o desenvolvimento da chamada polícia cidadã está justamente no campo conceitual. A percepção coletiva sobre a segurança pública se limita à função policial, não reconhecendo a responsabilidade da comunidade organizada dentro do processo sistêmico e otimizado que é a segurança pública. Em tese, esse campo deveria buscar, por meio de um conjunto de ações públicas e comunitárias, garantir a proteção da população e o cumprimento das leis, garantindo direitos e cidadania a todos. Esse processo envolve todo um arcabouço prático e teórico dos poderes constituídos e ao alcance da comunidade, devidamente organizada, que se complementam em visão, compromissos e objetivos, buscando decisões e soluções rápidas (BEGONCHEA, GUIMARÃES, GOMES E ABREU, 2004).

Os autores caracterizam a polícia cidadã e a consideram praticante de um controle social legítimo, este definido como “aquele que sai da sociedade e entra para a polícia” (BEGONCHEA, GUIMARÃES, GOMES E ABREU, 2004). Sugerem uma transformação em diversos aspectos de sua estrutura e funcionamento, sendo dever da polícia cidadã possuir em relação à polícia contemporânea as seguintes características: (i) logística mais leve, com menos uso de armas de guerra; (ii) formação cidadã mais interativa e unificada, fugindo ao etnocentrismo e segregação da atual; (iii) disciplina que valorize mais a defesa e o combate à corrupção; e (iv) hierarquia menor, com menor quantidade de graus. Consideram importante a polícia manter níveis adequados à ação que produz, possivelmente reduzindo custos e sendo mais eficiente. Apontam que a polícia atual prende para investigar, enquanto a polícia cidadã deveria investigar para prender, exercendo um trabalho mais inteligente.

A polícia pode ser vista como um poder que pode ser problemático. Begonchea, Guimarães, Gomes e Abreu (2004) sugerem, para uma polícia cidadã, que esta seja vista como um serviço. As políticas de segurança pública em uma polícia de controle são isoladas e responsabilizam apenas o policial, não responsabilizando os políticos e a sociedade, que podem dar força a novas estratégias por meio da participação, do debate e do exercício do controle social sobre as ações públicas de segurança e as políticas de segurança pública (BEGONCHEA, GUIMARÃES, GOMES E ABREU, 2004). Os autores também acreditam que a polícia, numa sociedade democrática, não deve ocupar papel central no processo da segurança, mas sim coadjuvante a uma série de outras ações, devendo ser extremamente técnica para reconhecer e compreender a diversidade social e conviver adequadamente.

A polícia comunitária como um exemplo de polícia cidadã?

O policiamento comunitário é uma iniciativa de reforma da organização pessoal, em busca de uma relação mais próxima entre a instituição policial e os cidadãos, por meio da descentralização dos processos de tomada de decisão, que podem ser determinadas pelo policial presente, ao invés de depender de seus comandantes. Dessa forma, a polícia conta com a ajuda da população para mapeamento dos problemas e definição de prioridades, para a elaboração de estratégias para solucionar os problemas relacionados à criminalidade e à desordem. Nessa perspectiva, são valorizados aspectos como a orientação dos denunciadores e a rápida resposta ao crime, com intervenções estruturadas pelos padrões de incidência criminal em determinada área. Para que a população confie mais no trabalho da polícia, é necessária além da resposta rápida, a realização de policiamento ostensivo, para que a presença da instituição seja notada e transmita a capacidade de responder prontamente a algum delito nas proximidades (RIBEIRO, 2014).

Durante a década de 1980, foram implementados os primeiros programas de policiamento comunitário no Brasil, sendo a Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro (PMERJ) a instituição pioneira no uso desse modelo, traduzindo manuais sobre o assunto e realizando um programa nesses moldes em 1983. Desde então, a PMERJ realizou diversos outros programas, com diferentes características e resultados (RIBEIRO, 2014).

Em Minas Gerais, durante a mesma época, era perceptível o desenvolvimento institucional e normativo da Polícia Militar de Minas Gerais (PMMG). Em um contexto que impunha uma necessidade de complexificação de sua organização e condicionantes de sua atividade, a PMMG buscou melhorar sua

coordenação e adequar-se ao novo marco político legal trazido pela Constituição Federal de 1988 (CF/1988).

Em consequência da nova constituição, houve um investimento estratégico do estado-maior da PMMG orientado à sua capacidade de sistematizar cognitivamente o escopo e a dinâmica de sua atuação, produzindo e consolidando normas de atuação operacional. No final dos anos 1990 e início dos anos 2000, pode-se observar o ressurgimento da produção doutrinária na PMMG, com características mais técnicas, focada no assessoramento da atividade substantiva de policiamento, rompendo com parte da fraseologia do modelo militar, considerada fundamental por muitos anos (BATITUCI, GODINHO, CASTRO E GOMES, 2014).

O primeiro documento que regula na PMMG as atividades de polícia comunitária é a Diretriz de Planejamento de Operações (DPO) no 3.008, de 1993. Por identificar um aumento na sensação de insegurança subjetiva, a diretriz aponta para a necessidade de “a concepção e o planejamento da polícia ostensiva contemplarem a cooperação e a interação entre a polícia e as lideranças comunitárias, comprometidas com a melhoria da qualidade de vida da população” (Minas Gerais, 1993, p. 88 apud BATITUCI, GODINHO, CASTRO E GOMES, 2014). Com essa mudança, o foco da PMMG deixa de ser resolver problemas “aleatórios” e passa a ser buscar a solução para problemas “comunitários”.

A diretriz contrapõe fatores intervenientes de seu planejamento, colocando de um lado o ambiente de insegurança e de injustiças sociais, a ineficácia do sistema de justiça criminal e o insulamento da polícia; e do outro lado, a necessidade de a organização policial acompanhar as mudanças sociais, principalmente por meio de interação com lideranças sociais, buscando também fontes alternativas de recursos financeiros para o cumprimento de suas atividades.

Atualmente, em Belo Horizonte, uma proposta vigente de política pública de segurança pública que busca cumprir os requisitos de policiamento comunitário, com características de uma polícia cidadã, é o projeto “Base de Segurança Comunitária”, que promoveu a instalação das Bases Comunitárias Móveis, operadas pela Polícia Militar de Minas Gerais.

As bases comunitárias móveis em Minas Gerais

A Polícia Militar de Minas Gerais, por meio da Instrução Nº 3.03.21/2017- CG, instituiu o projeto “Base de Segurança Comunitária”, Belo Horizonte, 2017, parte de um projeto de “Segurança

Comunitária” vinculado ao Programa “Mais Segurança”, do Governo de Minas Gerais.”. Por meio desta instrução, a PMMG explica informações fundamentais para o bom entendimento da política pública.

A política das Bases Comunitárias é uma estratégia da PMMG para cumprir o dever constitucional de polícia ostensiva, atuando na prevenção criminal e na manutenção da ordem pública, fortalecendo a segurança pública em prol do desenvolvimento do Estado e de uma maior qualidade de vida para a população. A estratégia e a filosofia da instituição pregam que a prevenção criminal se consolida a partir de ações conjuntas entre a Polícia Militar e a sociedade, inibindo potenciais infratores e evitando a ocorrência de algum crime.

A estratégia da PMMG, baseada em uma produção eficiente de serviços de segurança preventiva, foi a subdivisão territorial, também conhecida como setorização. A estratégia “permite que os recursos disponíveis na Unidade de Execução Operacional sejam lançados nos espaços físicos e territórios com maior racionalidade e eficiência, com base em informações de análise e inteligência criminal, ao mesmo tempo em que considera e exige a proximidade do policial militar com a comunidade.”(Instrução Nº 3.03.21/2017- CG , PMMG, 2017). No documento, a estratégia é resumida como uma metodologia de segurança de foco preventivo, buscando organizar o espaço de atuação junto à comunidade, com atenção aos problemas que afetam a qualidade de vida local, especialmente a prevenção/combate ao crime, à violência e à desordem.

O modelo da setorização é um princípio baseado no conceito de Policiamento Comunitário, em que há interação entre o policial militar e a comunidade, buscando prevenção criminal, o que segundo a própria instituição, inclui a repressão imediata após a eclosão do delito, e também informações úteis ao planejamento e à execução do trabalho da polícia. Na Instrução Nº 3.03.21/2017- CG o conceito é resumido de forma bastante esclarecedora:

1.1.6 Assim, com base no conceito de setorização, o modelo da gestão da rotina operacional da Polícia Militar deve se alicerçar na intervenção estratégica do policiamento comunitário, definindo setores e responsabilidades de atuação correspondentes, alvos, locais e territórios de atenção, monitoramento e ação/reação qualificada. Objetiva-se a identificação de demandas, o planejamento de ações e operações adequadas ao combate e mitigação do fenômeno criminal, violência e desordem, além da resolução de problemas, aumento da sensação de segurança, maior interação com a comunidade local e fortalecimento da coesão social (Polícia Militar de Minas Gerais, 2017).

A PMMG aponta elementos adversos que deverão ser enfrentados para o sucesso da política pública, tais como: (i) o aumento da demanda causada pelo crescimento da violência, agravada por crise

econômica e antagonismos políticos e sociais; a utilização de recursos tecnológicos, meios de comunicação e diversificação do *modus operandi* em favor dos infratores; e (ii) a necessidade de uma reestruturação institucional, com racionalização do emprego de recursos humanos e logísticos concomitantemente à busca por maiores resultados com maior eficiência.

As Bases atuam em modelo territorial, mas em constante contato com seus respectivos Comandante de Setor e Comandante de Companhia para suplementação em algum possível evento no modelo supra territorial. Caso necessário, esses Comandantes interagem com Comandantes de níveis superiores, solicitando recursos como recobrimento, reforço, implementação de serviços com foco na prevenção, ou algum auxílio como para, por exemplo, retomar a tranquilidade pública no território.

No modelo territorial, o foco é a prevenção criminal, por meio da proximidade e da interação comunitária, buscando se adequar ao conceito de Polícia Comunitária. Já no modelo supra territorial, o foco é, por meio da especialização, responder aos fenômenos criminais ou violentos, que exijam atuação estratégica e qualificada, seja por sua dimensão, repercussão ou complexidade (PMMG, 2017).

Como as bases foram implantadas no modelo de Setorização, os policiais dessas estabelecem critérios como características socioeconômicas, demográficas, culturais e a concentração de crimes violentos para determinação dos locais onde as bases serão estabelecidas. Consideram também as características geográficas do local, a concentração de estabelecimentos comerciais/bancários e a concentração de demanda por registros de ocorrências (PMMG, 2017).

Rodeada por estabelecimentos comerciais, a Praça Nilo Peçanha é cenário da pesquisa do presente trabalho, que tem como um de seus objetivos averiguar se há efeito da Base Comunitária Móvel instalada na praça sob a sensação de segurança de seus frequentadores na percepção dos próprios.

Contemplado com a instalação de uma Base Comunitária Móvel, é necessário apresentar um pouco da história do bairro e averiguar o que pode ter levado à necessidade da política pública. O presente trabalho buscou verificar elementos que possam dar uma noção sobre seu nível de violência no bairro, como os tipos de crimes e suas frequências, por meio dos dados de boletins de ocorrência e as notícias sobre o assunto divulgadas em veículos de comunicação, que seguem no capítulo a seguir.

Capítulo 3 – A INCIDÊNCIA DO CRIME NO BAIRRO SAGRADA FAMÍLIA

De acordo com o site da Associação de Moradores e Empresários do Bairro Sagrada Família – a AME Sagrada Família – o bairro começou a ser povoado à beira do “córrego da mata”, na fazenda que, à época, pertencia a Altamiro Corrêa. Durante o mandato do prefeito Otacílio Negrão de Lima, essa fazenda foi loteada e, os lotes, vendidos por 400 mil réis, em prestações de 50 mil réis por mês. Diversas ruas do bairro foram nomeadas com a alcunha de moradores e familiares desses antigos residentes. O nome do bairro foi sugerido por Marília Brasilina, uma das primeiras moradoras do bairro, inspirada no Presépio do Pípiripau.

O bairro Sagrada Família começou a se formar no início do século XX, como uma das primeiras vilas que surgiram fora do perímetro da Avenida do Contorno, em consequência do crescimento de Belo Horizonte. Segundo a AME Sagrada Família, o bairro hoje “convive com o crescimento conturbado da especulação imobiliária”. É um bairro relativamente central, com uma população que reside neste espaço há muitos anos, o que facilitaria a implementação de programas de policiamento comunitário e, por conseguinte, o desenvolvimento de iniciativas que tenham como objetivo o desenvolvimento de mecanismos de controle social que possam diminuir a incidência do crime.

Para tanto, na próxima seção, os dados sobre registros de crime pela Polícia Militar e pelos Jornais Super e Estado de Minas. Visa-se entender quais são os delitos que mais chamam das instituições de controle e da mídia, para depois verificar quais são as percepções dos entrevistados sobre esses fenômenos e sobre o funcionamento da base comunitária.

A violência no Bairro Sagrada Família

As cidades, em sua origem, foram criadas para a segurança de seus habitantes, proporcionando o desenvolvimento da cidadania, da racionalidade econômica, de um sistema de leis universalistas e de novas formas de associação entre indivíduos em consequência de seu crescimento (WEBER, 1978 apud BEATO, SILVA e TAVARES, 2008; DURKHEIM, 1978 apud BEATO, SILVA e TAVARES, 2008). Em um contexto mais contemporâneo, o desenvolvimento de grandes cidades tornou-se sinônimo de medo e crime, cerceando a liberdade de seus habitantes e causando sensação de insegurança (BEATO, SILVA e TAVARES, 2008).

Localizado em uma das principais capitais brasileiras, Belo Horizonte, o bairro Sagrada Família também é cenário de alguns crimes. Para se obter uma estimativa da quantidade e variedade de delitos que ocorrem no bairro, foram analisados os dados dos boletins de ocorrência registrados no bairro Sagrada Família, que foram solicitados por meio da Lei de Acesso à Informação no próprio site da PMMG, com dados de 01/01/2016 à 12/08/2019.

Para compatibilizar as notícias dos jornais com os crimes registrados pela polícia, foi criada a tabela abaixo. O crime de “drogas” que aparece nos jornais, na base de dados da PMMG aparece a partir de duas categorias – tráfico e uso de drogas. Assim, elas foram somadas para compatibilizar com as matérias de jornais. Além disso, invasão aparece nos jornais, mas não na base de dados da PMMG e, por isso, ela foi deixada como uma categoria sem correspondência nos registros oficiais. Com isso, as próximas análises serão baseadas nessa correspondência, que sumariza os indicadores monitorados pela PMMG com as notícias de jornais.

(1) Análise do ano de 2016 – O ano anterior à implantação das Bases Comunitárias Móveis

No ano de 2016, foram registrados pela PMMG 304 boletins de ocorrência no bairro Sagrada Família, sendo que entre os crimes selecionados somam-se 62 registros, o que representa 20% dos delitos que foram notificados no bairro Sagrada Família. Entre os indicadores monitorados, furto foi o crime mais registrado pela PMMG.

De todos os crimes registrados pela PMMG, somente alguns poucos ganham as páginas dos jornais (Tabela 1).

Tabela 1 – Comparação entre os delitos notificados pela PMMG e os noticiados pelos jornais O Tempo-Super e Estado de Minas (2016)

Crime	Contabilidade PMMG		Super - O tempo		Estado de Minas	
	N	%	N	%	N	%
Drogas	2	1%	0	0%	0	0%
Estupro	4	1%	0	0%	0	0%
Extorsão	3	1%	0	0%	0	0%
Furto	23	8%	1	20%	0	0%
Homicídio	3	1%	1	20%	1	25%
Invasão	0	0%	1	20%	1	25%

Lesão Corporal	7	2%	0	0%	1	25%
Roubo	19	6%	1	20%	1	25%
Sequestro e cárcere privado	1	0%	0	0%	0	0%
Tentativa de Homicídio	0	0%	0	0%	0	0%
Outros	242	80%	0	0%	0	0%
Total	304	100%	5	100%	4	100%

Fonte: Elaboração do autor

Analisando o conteúdo dos sites dos jornais durante o ano de 2016, há registros no Super de 1 homicídio consumado, 1 lesão corporal consumada, 1 roubo consumado, 1 furto consumado, e 1 invasão de um grupo a uma escola ocupada por estudantes. Já o site do Estado de Minas apresentou 1 homicídio consumado, 1 lesão corporal consumada, 1 roubo consumado e também uma notícia sobre uma invasão, ocorrida em uma escola.

Em maio de 2016, foi publicada pelo jornal O Tempo e divulgada no site do jornal Super uma notícia com a seguinte manchete: “Sagrada Família – Bairro é tomado por violência”. O subtítulo, igualmente alarmante: “Assaltos e arrombamentos ocorrem em todos os horários do dia e mudam rotina da população”. A matéria contém relatos de moradores sobre crimes graves, como assaltos, arrombamentos e furtos. Segundo a matéria, em consequência da onda de violência, a população passou a se comunicar por meio de grupos em aplicativos de mensagens, adquirir equipamentos, como fechaduras e câmeras, e investir em segurança privada.

A reportagem indica a articulação da AME Sagrada Família em busca de melhorar a situação, reivindicando, à época, a instalação de um Registro de Eventos de Defesa Social (Reds) na Praça do Grota, região considerada violenta pelos moradores, para facilitar a solicitação de boletins de ocorrência. Não é possível estabelecer uma conexão direta entre a matéria e a implementação da Base Comunitária Móvel no bairro, mas é a principal reportagem sobre a violência no bairro Sagrada Família publicada nos veículos analisados desde sua publicação. É interessante notar que a PMMG aparentemente não registrou a invasão da escola.

(2) Análise do ano de 2017 – O ano da implementação das Bases Comunitárias Móveis

No ano de 2017, ano de implantação da Base Comunitária Móvel, foram registrados pela PMMG no bairro Sagrada Família 299 boletins de ocorrência, cuja distribuição pode ser vista na tabela anexa.

Comparando os dados da contabilidade da Polícia Militar de Minas Gerais com os divulgados pelos veículos selecionados, podemos constatar mais uma vez a grande diferença entre a quantidade de crimes notificados e noticiados.

Tabela 2 – Comparação entre os delitos notificados pela PMMG e os noticiados pelos jornais O Tempo-Super e Estado de Minas (2017)

Crime	Contabilidade PMMG		Super - O tempo		Estado de Minas	
	N	%	N	%	N	%
Roubo	14	4,68%	2	50%	2	66,67%
Tentativa de Homicídio	0	0%	1	25%	0	0%
Furto	16	5,35%	1	25%	0	0%
Estupro Tentado	0	0%	0	0%	1	33,33%
Outros	269	90%	0	0%	0	0%
Total	299	100%	4	100%	3	100%

Fonte: Elaboração do autor

Analisando as notícias de divulgadas nos sites dos jornais durante o ano de 2017, constata-se que o jornal Super publicou 4 notícias sobre crimes e atos de violência no bairro Sagrada Família, distribuídas da seguinte forma: 1 homicídio tentado, 2 roubos consumados e 1 furto consumado. Já o Estado de Minas apresenta 3 notícias, sendo 1 estupro tentado e 2 roubos consumados. É importante destacar que a tentativa de estupro divulgada pelo jornal Estado de Minas não é identificável ou não consta no registro da PMMG.

(3) Análise do ano de 2018 – O ano seguinte à implementação das Bases Comunitárias Móveis

No ano de 2018, a PMMG registrou no bairro Sagrada Família 300 boletins de ocorrência. Os registros do jornal Super sobre crimes e violência no bairro Sagrada Família em 2018 são de 1 homicídio consumado, 1 homicídio tentado, 1 lesão corporal consumada e 1 caso relacionado a drogas. O Estado de Minas publicou 1 homicídio consumado, 1 homicídio tentado, 2 roubos e 2 casos relacionados a drogas. Diante dessas informações, é possível constatar que uma parcela muito pequena dos crimes desperta o interesse da imprensa em noticiá-los.

Tabela 3 – Comparação entre os delitos notificados pela PMMG e os noticiados pelos jornais O Tempo-Super e Estado de Minas (2018)

Crime	Contabilidade PMMG		Super - O tempo		Estado de Minas	
	N	%	N	%	N	%
Roubo	14	4,67%	0	0%	2	33,33%

Tentativa de Homicídio	0	0%	1	25%	1	16,67%
Homicídio	4	1,33%	1	25%	1	16,67%
Lesão Corporal	5	1,67%	1	25%	0	0%
Drogas	4	1,33%	1	25%	2	33,33%
Outros	273	91%	0	0%	0	0%
Total	300	100%	4	100%	6	100%

Fonte: Elaboração do autor

(4) Análise do ano de 2019 – Dois anos após a implementação das Bases Comunitárias Móveis

No ano de 2019, até o dia 21/08/2019, foram registrados 229 boletins de ocorrência. Entretanto, apenas 4 foram noticiados pelos veículos de comunicação em análise.

Tabela 4 – Comparação entre os delitos notificados pela PMMG e os noticiados pelos jornais O Tempo-Super e Estado de Minas (2019)

Crime	Contabilidade PMMG		Super - O tempo		Estado de Minas	
	N	%	N	%	N	%
Roubo	11	4,80%	2	50%	0	0%
Tentativa de Homicídio	0	0%	1	25%	0	0%
Lesão Corporal	5	2,18%	1	25%	0	0%
Outros	213	93%	0	0%	0	0%
Total	229	100%	4	100%	0	0%

Fonte: Elaboração do autor

Em 2019, foram publicadas no site do jornal Super 4 notícias, divididas em 1 homicídio tentado, 1 lesão corporal e 2 roubos. Já o Estado de Minas não publicou notícias sobre violência no bairro Sagrada Família até 21/08/2019. Destaca-se o fato de existir notícia tratando de uma tentativa de homicídio que não consta, ao menos com esse nome, nos registros da PMMG, o que pode indicar uma subnotificação ou a falta de padronização dos registros, que pode atribuir um nome diferente, dificultando a identificação e seu uso em trabalhos estatísticos.

(5) Comparando o antes e o depois da instalação das bases comunitárias móveis

Observando os dados de crimes violentos disponibilizados pela Secretaria de Segurança, em Belo Horizonte, há registros de 49.259 ocorrências municipais para 2016, 41.132 para 2017, 26.007 para 2018 e até 17/09/2019, 12.870 para 2019. Esses dados contêm registros de estupro consumado, estupro de vulnerável consumado, estupro de vulnerável tentado, estupro tentado, sequestro, extorsão mediante sequestro e homicídios tentado e consumado. Confrontando os dados municipais com os dados do bairro Sagrada Família para os mesmos quatro anos, há 82 registros desses crimes violentos para o bairro Sagrada Família, sendo roubo o delito mais frequente, representando 67,44% da estatística (Dados Abertos - Crimes Violentos, 2018).

Apesar de uma comprovada ocorrência de delitos no bairro, os números não são alarmantes se comparados a outros bairros de Belo Horizonte, principalmente considerando que o Sagrada Família é o bairro mais populoso da cidade.

Em levantamento feito pelo jornal O Tempo e disponibilizado na internet por meio da plataforma Tableau, com dados de agosto de 2018, fornecidos por força da Lei pelo governo municipal, é possível observar a taxa de homicídio por 100 mil habitantes para cada bairro de Belo Horizonte. Nesse contexto, há grande diferença estatística entre os bairros. Casos mais extremos, como o bairro Cidade Jardim Taquaril, popularmente conhecido como Taquaril, apresenta 578 homicídios para cada 100 mil habitantes, um número comparável a situações de guerra. O bairro Serra do Curral registrou 387,6 homicídios, número também alarmante. Ambos ficam em áreas pobres. Áreas mais ricas possuem índices consideravelmente menores, como Savassi, 5,6 p/100 mil, e Lourdes, 1,7 p/ 100 mil (ARTE, 2018).

Apesar de não pertencer às regiões mais abastadas de Belo Horizonte, o bairro Sagrada Família apresenta no estudo 1,9 homicídios por 100 mil habitantes, uma das menores taxas da cidade. Os bairros fronteiriços são: Floresta com 5,6; Graça com 0; Silveira com 5,7; Cidade Nova com 0; Horto Florestal, popularmente conhecido como Instituto Agrônômico, com 0; Santa Tereza com 19,2 e o mais violento, Horto, com 77,8 homicídios por 100 mil habitantes. O Sagrada Família está a 3km do Centro, que apresenta 86,2 homicídios por 100 mil habitantes (ARTE, 2018).

Diante das informações levantadas, pode-se afirmar que, como qualquer outro bairro de Belo Horizonte, o Sagrada Família sofre com a criminalidade, entretanto possui uma das menores taxas de homicídio da cidade, menor inclusive que a maioria dos bairros vizinhos. Como afirmado pela própria

AME Sagrada Família, em texto publicado em seu próprio site, “o bairro continua um excelente lugar para se morar e a amizade ainda prevalece”.

Os dados da PMMG se mostraram oscilantes, com a maior diminuição entre 2016 e 2017, e um pequeno aumento em 2018. Entretanto, é possível observar a redução dos índices entre os anos, já que entre 2016 e 2018 vemos uma redução de 4 crimes segundo a PMMG, 1 notícia do Super- O Tempo e um aumento de 2 notícias sobre violência no Estado de Minas. Em 2019 vemos que, considerando uma média aritmética mensal, a quantidade de crimes notificados aumentou consideravelmente. A divulgação de notícias sobre crimes no bairro do jornal Super reforça esse entendimento, já que em aproximadamente 7 meses, já publicou a mesma quantidade de notícias dos 2 anos anteriores. Curiosamente, o Estado de Minas não apresentou notícias sobre violência no bairro Sagrada Família em 2019.

Tabela 5: Comparação dos registros de crimes pela PMMG, Super e Estados de Minas

Ano	PMMG	Super-O Tempo	Estado de Minas
2016	304	5	4
2017	299	4	3
2018	300	4	6
2019	229*	4*	0*
Diferença (2016 a 2018)	4	1	-2

* até agosto de 2019

Os dados oficiais da PMMG indicam que ocorrem diversificados delitos no bairro Sagrada Família, mas os veículos jornalísticos, predominantemente, preocupam-se em noticiar crimes contra a vida e a propriedade. A mídia promove, de modo geral, maior divulgação de crimes violentos, transmitindo a falsa ideia de que estes são mais frequentes (CAMINHAS, 2010).

Não há consenso sobre a afirmação de que o consumo de informações que relatam fatos criminosos aumenta a sensação de medo do crime. Porém a exposição indireta ao crime por meio de relatos

interpessoais, ampliados por meio do uso das redes sociais, provoca um efeito chamado pela literatura de vitimização indireta, ou vitimização vicária. Esta, sim, aumenta a percepção de risco e medo do indivíduo, simplesmente por este conhecer alguém que foi vítima anteriormente ou por saber que determinado local é cenário de muitos crimes (CAMINHAS, 2010).

O presente trabalho não se aprofundará na discussão a respeito dos tipos de crimes ocorridos no Sagrada Família, pois se mantém no escopo da sensação de segurança dos frequentadores da Praça Nilo Peçanha. Entretanto, considera-se necessária uma breve análise sobre a violência objetiva no bairro, para averiguar se este é um lugar especialmente perigoso, que possa desencadear um nível de medo do crime muito diferente do que já foi estudado anteriormente em outras localidades.

Como se pode observar, o bairro Sagrada Família não se destaca por altos índices de violência se comparados aos demais bairros de Belo Horizonte. A instalação da Base Comunitária Móvel não aparentou alterar a notificação dos crimes, nem a divulgação de notícias sobre os delitos no bairro.

O capítulo a seguir apresenta o perfil dos entrevistados que, por meio do *survey*, contribuirão para identificar elementos que indiquem, apesar de aparentar pequena diferença no risco objetivo, se há uma maior sensação de segurança dos frequentadores do bairro Sagrada Família em consequência da política das Bases Comunitárias Móveis.

Capítulo 4 – O SURVEY NAS PRAÇAS DO BAIRRO SAGRADA FAMÍLIA

Para uma melhor apreensão da sensação de segurança dos entrevistados, é relevante compreender seus perfis sociodemográficos, dentro dos quais fenômenos como medo e percepção do crime se desenvolvem. Estes não costumam seguir um padrão homogêneo de distribuição. A Pesquisa da Percepção do Medo em Minas Gerais, realizada pelo CRISP em 2010, ressalta que, em muitos casos, esses acontecimentos podem variar quando pensados em termos de sexo, idade, faixa de renda, local onde se vive, estado civil, escolaridade, dentre outros.

Traçar os perfis dos entrevistados é importante para observar relações entre os índices de medo e percepção do risco medidos pela pesquisa e suas configurações socioeconômicas, demográficas e estruturais, para uma compreensão mais abrangente sobre a sensação de segurança dos frequentadores do bairro Sagrada Família. De acordo com as quotas estabelecidas, foram entrevistados 50 homens e 50 mulheres em cada praça, divididos igualmente em cinco faixas etárias de 18 a 30 anos, 31 a 40, 41 a 50, 51 a 60 e 61 em diante, totalizando 200 entrevistados.

Tabela 6: Distribuição dos entrevistados por Sexo (Sagrada Família / Belo Horizonte, 2019)

	Nilo Peçanha				Grotá				Total	
	Masculino		Feminino		Masculino		Feminino			
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
18-30	10	5%	10	5%	10	5%	10	5%	40	20%
31-40	10	5%	10	5%	10	5%	10	5%	40	20%
41-50	10	5%	10	5%	10	5%	10	5%	40	20%
51-60	10	5%	10	5%	10	5%	10	5%	40	20%
> 60	10	5%	10	5%	10	5%	10	5%	40	20%
Total	50	25%	50	25%	50	25%	50	25%	200	100%

Fonte: Elaboração do autor

De todos os 200 entrevistados, 151, ou 75,5%, residem no bairro Sagrada Família. Os outros 24,5% são pessoas que frequentam o bairro por razões de trabalho, lazer ou relações familiares. Já tabela 7 indica o estado civil dos entrevistados. É possível observar que há uma frequência idêntica ao comparar solteiros, que representam 43% dos entrevistados e casados ou amasiados, igualmente com 43%.

Tabela 7: Distribuição dos entrevistados por Estado Civil (Sagrada Família / Belo Horizonte, 2019)

	Nilo Peçanha		Grotá		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Casado(a)	44	22%	36	18%	80	40%
Amasiado(a)	4	2%	2	1%	6	3%
Separado(a)	2	1%	2	1%	4	2%
Divorciado(a)	10	5%	8	4%	18	9%
Solteiro(a)	37	18,50%	49	24,50%	86	43%
Viúvo(a)	3	1,50%	3	1,50%	6	3%
Total	100	50%	100	50%	200	100%

Fonte: Elaboração do autor

A tabela 8 apresenta a divisão dos entrevistados por cor/raça, utilizando a autodeclaração dentro do critério do IBGE. É possível verificar que a maior parte dos entrevistados são negros, somando entre os que se declaram pretos ou pardos, 55,5% seguidos pelos brancos com 40%. A terceira resposta mais frequente foi a dos que se declaram como Amarelos, com 3%, Indígenas, com 1%, e 0,5% não soube responder.

Tabela 8: Distribuição dos entrevistados por Cor (Sagrada Família / Belo Horizonte, 2019)

	Nilo Peçanha		Grotá		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Branco(a)	44	22%	36	18%	80	40%
Negro(a)	21	10,50%	14	7%	35	17,50%
Amarelo(a)	3	1,50%	3	1,50%	6	3%
Pardo(a)	30	15%	46	23%	76	38%
Indígena(a)	1	0,50%	1	0,50%	2	1%
Outra. Qual?	1	0,50%	0	0%	1	0,50%
Total	100	50%	100	50%	200	100%

Fonte: Elaboração do autor

A tabela 9 classifica os entrevistados em relação ao seu nível de escolaridade. A categoria mais frequente foi Ensino Médio Completo, com 40,5%, seguida por Ensino Superior Completo, com 26,5%. O menor percentual registrado foi Ensino Fundamental Completo, e não houve entrevistado que nunca tenha frequentado a escola.

Tabela 9: Distribuição dos entrevistados por Escolaridade (Sagrada Família / Belo Horizonte, 2019)

	Nilo Peçanha		Grotá		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Nunca foi à escola	0	0%	0	0%	0	0%
Ensino Fundamental Incompleto	4	2%	10	5%	14	7%
Ensino Fundamental Completo	9	4,50%	4	2%	13	6,50%
Ensino Médio Incompleto	7	3,50%	8	4%	15	7,50%
Ensino Médio Completo	44	22%	37	18,50%	81	40,50%
Ensino Superior Incompleto	13	6,50%	11	5,50%	24	12%
Ensino Superior Completo	23	11,50%	30	15%	53	26,50%
Total	100	50%	100	50%	200	100%

Fonte: Elaboração do autor

A tabela 10 apresenta a divisão dos entrevistados entre os que exercem atividade remunerada e os que não. 73% dos entrevistados exercem atividade remunerada. Os outros 27% contêm desempregados, estudantes e aposentados.

Tabela 10: Distribuição dos entrevistados por Exercício de atividade remunerada (Sagrada Família / Belo Horizonte, 2019)

	Nilo Peçanha		Grotá		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Sim	77	38,5%	69	34,5%	146	73%
Não	23	11,5%	31	15,5%	54	27%
Total	100	50%	100	50%	200	100%

Fonte: Elaboração do autor

As rendas familiares informadas pelos entrevistados foram registradas na tabela 11. É possível observar que a grande maioria, 50%, dos entrevistados, possui renda familiar mensal de 2 a aproximadamente 8,7 salários mínimos. Em seguida, as categorias mais frequentes são menos abastadas, sendo 18,5% de aproximadamente 1,3 a 2 salários mínimos e 16% de 0 a 1,3 salários mínimos.

Tabela 11: Distribuição dos entrevistados por Renda (Sagrada Família / Belo Horizonte, 2019)

	Nilo Peçanha		Grotá		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
De R\$0,00 à R\$1.254,00.	16	8%	16	8%	32	16%
De R\$1.255,00 à R\$2.004,00.	15	7,50%	22	11%	37	18,50%
De R\$2.005,00 à R\$8.640,00.	53	26,50%	47	23,50%	100	50%
De R\$8.641,00 à R\$11.261,00.	7	3,50%	3	1,50%	10	5%
Acima de R\$11.261,00.	3	1,50%	5	2,50%	8	4%
NS/NR	6	3%	7	3,50%	13	6,50%
Total	100	50%	100	50%	200	100%

Fonte: Elaboração do autor

As razões que levam um indivíduo a ser vitimado não se devem apenas ao acaso. Há uma complexa combinação de predisposições, que podem ser geográficas, físicas e/ou comportamentais. Alguns costumes podem expor os indivíduos a um maior risco de ser vitimado. Sem atribuir qualquer juízo moral sobre o comportamento dos entrevistados, estes foram questionados se saíram à noite por razões de lazer nos últimos 3 meses.

A tabela abaixo indica dois tipos de exposição ao risco individual, sendo maior nos casos em que responderam sim, e menor nos casos em que responderam não. No teste qui-quadrado, não observamos diferenças entre as praças. Entretanto observar essa característica contribui para uma melhor compreensão dos hábitos dos entrevistados em relação à exposição ao risco.

Tabela 12: Distribuição dos entrevistados por Saídas Noturnas recentes por motivos de lazer (Sagrada Família / Belo Horizonte, 2019)

	Frequência	Percentual
Sim	138	69%
Não	62	31%
NS/NR	0	0%
Total	200	100%

Fonte: Elaboração do autor

Conforme pode-se verificar, nas praças do bairro Sagrada Família há predominância de pessoas negras, solteiras, de classe média, com Ensino Médio completo, com a maioria dos indivíduos exercendo atividade remunerada e com algum nível de exposição, já que 1/3 dos entrevistados costuma sair à noite por lazer. Observados os perfis desses cidadãos, o presente trabalho verificará a seguir como algumas

dessas características interagem com o medo de vitimização por determinados crimes, em busca de informações que se destaquem de acordo com a organização dos dados.

Capítulo 5 – MEDO, PERCEPÇÃO DE RISCO E VITIMIZAÇÃO NAS PRAÇAS DO BAIRRO SAGRADA FAMÍLIA

A literatura ainda não possui consenso sobre padrões conceituais da percepção do risco e medo do crime, tampouco sobre seus métodos de mensuração. Alguns estudos, como os de ALTHEIDE (2002); GLASSNER (2003) e WARR (2000), apontam para o impacto dos meios de comunicação de massa na ampliação do medo do crime. Outros pesquisadores indicam a necessidade de ampliar o debate sobre o tema, considerando a natureza das sociedades pós-modernas com suas questões sobre riscos e ordem (HOLLWAY e JEFFERSON: 2003). Os estudos de WARR (1998), que observa diferentes atributos sociodemográficos associados ao medo e percepção de risco como sexo e idade, e SKOGAN & MAXFIELD, 1981; LAGRANGE ET AL., 1992, MCCREA ET AL., 2005 buscam explicar os fenômenos com enfoque em questões ecológicas, como atributos de desordem social e suas associações com o aumento da percepção de risco e medo do crime (CRISP, 2008).

Consciente das diferentes formas sustentadas pela literatura de observar esses fenômenos, o presente trabalho buscou realizar uma análise exploratória utilizando elementos de diversas correntes teóricas, a fim de observar fatores que influenciem na percepção de risco e na sensação de segurança dos entrevistados, que foi resumida no desenho abaixo.



Primeiramente, a análise verifica elementos que indicam as causas do medo. Características individuais que possam fazer com que a pessoa se sinta um alvo atrativo para a criminalidade, tendo

maiores chances de ser vitimado; Experiências vividas direta ou indiretamente também podem influenciar na percepção do risco e na sensação de segurança e sensação de vulnerabilidade, causada por ausência da polícia, indicando algum nível de desordem social.

Em seguida, verificam-se elementos de percepção de risco em relação a vitimização direta e/ou indireta, observando se há alguma relação com os índices da criminalidade registrados pela PMMG e com as matérias publicadas nos veículos de comunicação analisados. Para finalizar a análise, o trabalho buscou verificar se a presença da polícia por meio das Bases Comunitárias Móveis cumpre o objetivo de proporcionar sensação de segurança aos cidadãos, com base em suas respostas ao *survey*.

Medo do crime

Características individuais podem influenciar tanto o risco percebido quanto o risco objetivo de vitimização (FERNANDES, 2007). Essa constatação foi realizada em observação de diferenças em fatores como proximidade, exposição, atratividade e vigilância entre os diferentes perfis que frequentam determinado ambiente. Nos estudos de Fernandes (2007), observou-se uma relação inversa entre risco objetivo e percebido de vitimização em relação às variáveis sexo, idade e status socioeconômico. Por exemplo, em média, mulheres têm maior percepção de risco de vitimização do que homens, apesar de esses apresentarem maiores taxas de vitimização (WARR, 1984 apud FERNANDES, 2007; SKOGAN e MAXFIELD, 1981 apud FERNANDES 2007). De maneira geral, é possível observar que a percepção de si mesmo como alvo atrativo é um fator que influencia em uma maior percepção de risco, sendo assim um dos fatores que conduz ao medo do crime. Considerando a relevância da individualidade dos entrevistados, foi realizada análise de acordo com essas variáveis, buscando compreender padrões de como essas características interagem com determinados tipos de crimes.

Uma das formas mais comuns de mensurar o “medo” é a partir da percepção de segurança geral na residência, na rua ou na vizinhança, principalmente em estudos que analisam elementos que influenciam a percepção do medo. (BAUMER, 1985 apud FERNANDES e RODRIGUES, 2007; SKOGAN e MAXFIELD, 1981 apud FERNANDES e RODRIGUES, 2007). Por esse motivo, o presente trabalho iniciará a análise da relação entre vitimização por crime e características sociodemográficas pelo delito “invasão à residência”.

(1) Invasão à residência

Os dados da pesquisa Percepção de Medo no Estado de Minas Gerais sugerem que 13,5% das residências do estado foram invadidas ou arrombadas nos últimos cinco anos. Na pesquisa realizada para o presente trabalho, 47% dos entrevistados afirmaram ter medo de se tornar vítima desse crime um dia, e 55% acredita na possibilidade de se tornar vítima nos próximos 12 meses. Apesar de a maioria afirmar não ter medo, a maior parte acredita que pode se tornar vítima no próximo ano.

No que se refere à relação entre a percepção de risco e o espaço do bairro Sagrada Família, é possível observar que há uma diferença considerável entre as praças em relação aos seus frequentadores. Os entrevistados na praça do Grotá, representam 29% dos respondentes afirmando ter medo de vitimização por invasão de residência, enquanto os entrevistados da Nilo Peçanha que compartilham desse sentimento representam 18% dos respondentes. O teste qui-quadrado apresentou um resultado no valor de 0,007, evidenciando associação estatisticamente significativa entre o medo desse tipo de crime e a praça em que foi realizada a entrevista, mas não se pode estabelecer causalidade.

Tabela 13: Distribuição do sentimento de medo do crime de invasão de residência por praça (Sagrada Família / Belo Horizonte, 2019)

	Nilo Peçanha		Grotá		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Sim	36	18,00%	58	29,00%	94	47,00%
Não	62	31,00%	42	21,00%	104	52,00%
NS/NR	2	1,00%	0	0,00%	2	1,00%
Total	100	50,00%	100	50,00%	200	100,00%

Cruzando essas informações com outras variáveis, é possível observar uma sutil diferença entre homens e mulheres em relação ao crime de invasão de residência.

Tabela 14: Distribuição do sentimento de medo do crime de invasão de residência por sexo (Sagrada Família / Belo Horizonte, 2019)

Nas proximidades dessa praça, você tem medo de ter sua residência invadida/arrombada?						
	Masculino		Feminino		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Sim	43	21,50%	51	25,50%	94	47,00%
Não	57	28,50%	47	23,50%	104	52,00%
NS/NR	0	0,00%	2	1,00%	2	1,00%
Total	100	50,00%	100	50,00%	200	100,00%
Você acredita que pode se tornar vítima desse crime no próximo ano?						
	Masculino		Feminino		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Sim	54	27,00%	56	28,00%	110	55,00%
Não	46	23,00%	44	22,00%	90	45,00%
NS/NR	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%
Total	100	50,00%	100	50,00%	200	100,00%

Fonte: elaboração do autor

Com uma diferença de 4%, constatou-se que há mais mulheres que possuem medo de se tornarem vítima desse crime. Há 1% a mais de mulheres que acreditam que podem se tornar vítimas nos próximos 12 meses em relação aos homens.

Em relação à variável Idade, o grupo etário que demonstrou maior medo foi o de entrevistados entre 31 e 40 anos, que atingiu 12,5%. Este grupo foi o único em que a maioria dos entrevistados afirmou ter esse medo. Em ordem decrescente, são seguidos pelo grupo entre 41 e 50 anos, em que 9,5% afirmou ter medo de se tornar vítima, e em seguida os idosos, com 60 anos ou mais, com 9%.

Sobre acreditar que pode se tornar vítima, o maior índice também foi o de entrevistados entre 31 e 40 anos, mas dessa vez, seguidos pelos grupos entre 51 e 60 anos e o de 60 ou mais, que atingiram a marca de 10,5% cada. Novamente, o grupo entre 31 a 40 anos foi o único em que a maioria dos entrevistados afirmou temer uma invasão à residência.

Tabela 15: Distribuição do sentimento de medo do crime de invasão de residência por idade (Sagrada Família / Belo Horizonte, 2019)

Nas proximidades dessa praça, você tem medo de ter sua residência invadida/arrombada?												
	18-30		31-40		41-50		51-60		> 60		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Sim	15	7,50%	25	12,50%	19	9,50%	17	8,50%	18	9,00%	94	47,00%
Não	25	12,50%	15	7,50%	21	10,50%	22	11,00%	21	10,50%	104	52,00%
NS/NR	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	1	0,50%	1	0,50%	2	1,00%
Total	40	20,00%	40	20,00%	40	20,00%	40	20,00%	40	20,00%	200	100,00%

Você acredita que pode se tornar vítima desse crime no próximo ano?												
	18-30		31-40		41-50		51-60		> 60		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Sim	17	8,50%	33	16,50%	18	9,00%	21	10,50%	21	10,50%	110	55,00%
Não	23	11,50%	7	3,50%	22	11,00%	19	9,50%	19	9,50%	90	45,00%
NS/NR	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%
Total	40	20,00%	40	20,00%	40	20,00%	40	20,00%	40	20,00%	200	100,00%

Fonte: Elaboração do autor

Em relação à Escolaridade, uma observação interessante é que apenas os grupos com ensino médio incompleto ou completo possuem a maioria dos entrevistados afirmando não ter medo de ter sua residência invadida ou arrombada.

Tabela 16: Distribuição do sentimento de medo do crime de invasão de residência por escolaridade (Sagrada Família / Belo Horizonte, 2019)

Nas proximidades dessa praça, você tem medo de ter sua residência invadida/arrombada?														
	Fund. Incompleto		Fund. Completo		Médio Incompleto		Médio Completo		Superior Incompleto		Superior Completo		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Sim	8	4,00%	8	4,00%	2	1,00%	34	17,00%	16	8,00%	26	13,00%	94	47,00%
Não	6	3,00%	5	2,50%	13	6,50%	45	22,50%	8	4,00%	27	13,50%	104	52,00%
NS/NR	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	2	1,00%	0	0,00%	0	0,00%	2	1,00%
Total	14	7,00%	13	6,50%	15	7,50%	81	40,50%	24	12,00%	53	26,50%	200	100,00%

Você acredita que pode se tornar vítima desse crime no próximo ano?														
	Fund. Incompleto		Fund. Completo		Médio Incompleto		Médio Completo		Superior Incompleto		Superior Completo		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Sim	7	3,50%	7	3,50%	7	3,50%	41	20,50%	19	9,50%	29	14,50%	110	55,00%
Não	7	3,50%	6	3,00%	8	4,00%	40	20,00%	5	2,50%	24	12,00%	90	45,00%
NS/NR	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%
Total	14	7,00%	13	6,50%	15	7,50%	81	40,50%	24	12,00%	53	26,50%	200	100,00%

Fonte: Elaboração do autor

O mesmo não se repete sobre acreditar na possibilidade de se tornar vítima no próximo ano. Nesse caso, apenas o grupo com Ensino Médio Completo apresentou maioria sem medo, com uma diferença muito pequena, de 0,5%.

Observando a distribuição dos dados em relação à renda, é possível constatar que apenas os grupos entre R\$1.255,00 a R\$2.004,00 e de R\$2.005,00 a R\$8.640,00 possuem a maioria de integrantes afirmando possuir medo de uma invasão à residência.

Tabela 17: Distribuição do sentimento de medo do crime de invasão de residência por renda (Sagrada Família / Belo Horizonte, 2019)

Nas proximidades dessa praça, você tem medo de ter sua residência invadida/arrombada?														
	De R\$0,00 à R\$1.254,00		De R\$1.255,00 à R\$2.004,00		De R\$2.005,00 à R\$8.640,00		De R\$8.641,00 à R\$11.261,00		Acima de R\$11.261,00		NS/NR		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Sim	12	6,00%	19	9,50%	55	27,50%	2	1,00%	2	1,00%	4	2,00%	94	47,00%
Não	19	9,50%	18	9,00%	44	22,00%	8	4,00%	6	3,00%	9	4,50%	104	52,00%
NS/NR	1	0,50%	0	0,00%	1	0,50%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	2	1,00%
Total	32	16,00%	37	18,50%	100	50,00%	10	5,00%	8	4,00%	13	6,50%	200	100,00%

Você acredita que pode se tornar vítima desse crime no próximo ano?														
	De R\$0,00 à R\$1.254,00		De R\$1.255,00 à R\$2.004,00		De R\$2.005,00 à R\$8.640,00		De R\$8.641,00 à R\$11.261,00		Acima de R\$11.261,00		NS/NR		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Sim	14	7,00%	20	10,00%	63	31,50%	5	2,50%	3	1,50%	5	2,50%	110	55,00%
Não	18	9,00%	17	8,50%	37	18,50%	5	2,50%	5	2,50%	8	4,00%	90	45,00%
NS/NR	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%
Total	32	16,00%	37	18,50%	100	50,00%	10	5,00%	8	4,00%	13	6,50%	200	100,00%

Fonte: Elaboração do autor

É possível observar também que as classes mais altas são as que apresentaram os menores índices de medo em relação ao crime. Uma das razões pode ser a possibilidade de residir em um lugar seguro, utilizando recursos como equipamentos tecnológicos de segurança e contratação de serviços privados.

Os dados também foram organizados de acordo com a cor da pele dos entrevistados, cuja distribuição pode ser observada na tabela abaixo:

Tabela 18: Distribuição do sentimento de medo do crime de invasão de residência por cor da pele (Sagrada Família / Belo Horizonte, 2019)

Nas proximidades dessa praça, você tem medo de ter sua residência invadida/arrombada?														
	Branco(a)		Negro(a)		Amarelo(a)		Pardo(a)		Indígena		NS/NR		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Sim	36	18,00%	17	8,50%	4	2,00%	36	18,00%	1	0,50%	0	0,00%	94	47,00%
Não	44	22,00%	17	8,50%	2	1,00%	39	19,50%	1	0,50%	1	0,50%	104	52,00%
NS/NR	0	0,00%	1	0,50%	0	0,00%	1	0,50%	0	0,00%	0	0,00%	2	1,00%
Total	80	40,00%	35	17,50%	6	3,00%	76	38,00%	2	1,00%	1	0,50%	200	100,00%

Se crê na possibilidade de vitimização														
	Branco(a)		Negro(a)		Amarelo(a)		Pardo(a)		Indígena		NS/NR		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Sim	41	20,50%	20	10,00%	2	1,00%	45	22,50%	2	1,00%	0	0,00%	110	55,00%
Não	39	19,50%	15	7,50%	4	2,00%	31	15,50%	0	0,00%	1	0,50%	90	45,00%
NS/NR	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%
Total	80	40,00%	35	17,50%	6	3,00%	76	38,00%	2	1,00%	1	0,50%	200	100,00%

Fonte: Elaboração do autor

Em relação ao medo de ser vitimado, apenas o grupo dos entrevistados autodeclarados amarelos possui maioria afirmando ter esse sentimento. Entretanto, em relação à crença na possibilidade de vitimização no próximo ano, esse mesmo grupo é o único em os que acreditam que podem se tornar vítima são minoria.

Tratando-se do medo do crime de invasão à residência, destacam-se grupos como mulheres, pessoas entre 31-40 anos e pessoas com curso superior incompleto, em razão de apresentarem a maioria de seus respondentes afirmando sentir esse medo.

(2) Roubo/Assalto

Os dados da pesquisa Percepção de Medo no Estado de Minas Gerais, 2010, indicam 14,7% de seus entrevistados vítima de roubo nos últimos 5 anos no estado. No presente trabalho, 71,5% dos entrevistados afirmou ter medo de ser vítima de roubo ou assalto, e 79% acredita que pode se tornar vítima nos próximos 12 meses.

Apesar de o teste qui-quadrado apresentar valor de 0,333, e, portanto, não indicar associação estatisticamente significativa entre as praças para esse tipo de crime, ele foi o que apresentou os maiores índices de medo em toda a pesquisa, com uma larga diferença para o segundo lugar, fraude, que atingiu 60% e do crime com o terceiro maior percentual, carros roubados ou arrombados, com 56,5%. Portanto, é interessante para o presente trabalho analisar os dados sobre roubos e assaltos.

No que se refere à dinâmica do crime e o espaço do bairro Sagrada Família, o medo de roubos e assaltos é comum entre os frequentadores de ambas as praças, porém, como é possível observar na tabela abaixo, novamente, o número de entrevistados que afirmam sentir medo de serem vitimados por crime de roubo ou assalto é maior na praça do Grota, representando 38% dos entrevistados, frente a 33,5% da praça Nilo Peçanha.

Tabela 19: Distribuição do sentimento de medo do crime de roubo/assalto por praça (Sagrada Família / Belo Horizonte, 2019)

	Nilo Peçanha		Grotá		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Sim	67	33,50%	76	38,00%	143	71,50%
Não	32	16,00%	24	12,00%	56	28,00%
NS/NR	1	0,50%	0	0,00%	1	0,50%
Total	100	50,00%	100	50,00%	200	100,00%

Fonte: Elaboração do autor

Desagregando os percentuais de vitimização e medo por características socioeconômicas, em relação aos crimes de roubo e assalto, é possível observar uma considerável diferença entre os sexos, principalmente em relação ao medo. 82% das mulheres afirmou sentir medo, enquanto apenas 61% dos homens possuem a mesma sensação.

Tabela 20: Distribuição do sentimento de medo do crime de roubo/assalto por sexo (Sagrada Família / Belo Horizonte, 2019)

Nas proximidades dessa praça, você tem medo de ter objetos subtraídos à força?						
	Masculino		Feminino		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Sim	61	30,50%	82	41,00%	143	71,50%
Não	38	19,00%	18	9,00%	56	28,00%
NS/NR	1	0,50%	0	0,00%	1	0,50%
Total	100	50,00%	100	50,00%	200	100,00%
Você acredita que pode se tornar vítima desse crime no próximo ano?						
	Masculino		Feminino		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Sim	74	37,00%	84	42,00%	158	79,00%
Não	26	13,00%	15	7,50%	41	20,50%
NS/NR	0	0,00%	1	0,50%	1	0,50%
Total	100	50,00%	100	50,00%	200	100,00%

Fonte: Elaboração do autor

Essa diferença já foi observada em alguns estudos (FERNANDES, 2007) que afirmam que as mulheres se consideram alvos mais atrativos e vulneráveis, apesar de os dados de criminalidade nem sempre confirmarem essa visão. Sobre a crença em ser vitimado no próximo ano, o índice subiu em 1% para as mulheres e 6,5% para os homens, indicando um grupo que acredita na possibilidade, mas afirma não possuir medo.

Os dados organizados em relação à idade revelam que, em todos os grupos, a maioria tem medo e crê na possibilidade de ser vítima de roubos e assaltos. Os grupos etários de 31 a 40 e idosos com mais de 60 anos foram os que tiveram os maiores índices, com 15,5%, porém não há grande diferença em relação aos outros grupos.

Sobre acreditar numa possível vitimização, o grupo dos adultos entre 31-40 anos também se destaca, com um índice ainda maior, de 17,5% dos entrevistados, seguidos dessa vez pelos jovens entre 18-30 anos, com 17%.

Tabela 21: Distribuição do sentimento de medo do crime de roubo/assalto por idade (Sagrada Família / Belo Horizonte, 2019)

Nas proximidades dessa praça, você tem medo de ter objetos subtraídos à força?												
	18-30		31-40		41-50		51-60		> 60		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Sim	27	13,50%	31	15,50%	26	13,00%	28	14,00%	31	15,50%	143	71,50%
Não	13	6,50%	9	4,50%	13	6,50%	12	6,00%	9	4,50%	56	28,00%
NS/NR	0	0,00%	0	0,00%	1	0,50%	0	0,00%	0	0,00%	1	0,50%
Total	40	20,00%	40	20,00%	40	20,00%	40	20,00%	40	20,00%	200	100,00%
Se crê na possibilidade de vitimização												
	18-30		31-40		41-50		51-60		> 60		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Sim	34	17,00%	35	17,50%	30	15,00%	28	14,00%	31	15,50%	158	79,00%
Não	5	2,50%	5	2,50%	10	5,00%	12	6,00%	9	4,50%	41	20,50%
NS/NR	1	0,50%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	1	0,50%
Total	40	20,00%	40	20,00%	40	20,00%	40	20,00%	40	20,00%	200	100,00%

Fonte: Elaboração do autor

Em relação à escolaridade, a maioria de todos os grupos possui medo e acredita que pode ser vítima de roubo no próximo ano. O principal grupo foi o de entrevistados com Ensino Médio Completo, que representa 29% dos entrevistados que têm medo e 32% dos que acreditam que podem ser vitimados nos próximos 12 meses.

Tabela 22: Distribuição do sentimento de medo do crime de roubo/assalto por escolaridade (Sagrada Família / Belo Horizonte, 2019)

Nas proximidades dessa praça, você tem medo de ter objetos subtraídos à força?														
	Fund. Incompleto		Fund. Completo		Médio Incompleto		Médio Completo		Superior Incompleto		Superior Completo		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Sim	9	4,50%	10	5,00%	8	4,00%	58	29,00%	19	9,50%	39	19,50%	143	71,50%
Não	4	2,00%	3	1,50%	7	3,50%	23	11,50%	5	2,50%	14	7,00%	56	28,00%
NS/NR	1	0,50%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	1	0,50%
Total	14	7,00%	13	6,50%	15	7,50%	81	40,50%	24	12,00%	53	26,50%	200	100,00%
Se crê na possibilidade de vitimização														
	Fund. Incompleto		Fund. Completo		Médio Incompleto		Médio Completo		Superior Incompleto		Superior Completo		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Sim	11	5,50%	9	4,50%	10	5,00%	64	32,00%	19	9,50%	45	22,50%	158	79,00%
Não	3	1,50%	4	2,00%	5	2,50%	17	8,50%	4	2,00%	8	4,00%	41	20,50%
NS/NR	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	1	0,50%	0	0,00%	1	0,50%
Total	14	7,00%	13	6,50%	15	7,50%	81	40,50%	24	12,00%	53	26,50%	200	100,00%

Fonte: Elaboração do autor

Em relação à variável Renda, a maioria dos entrevistados em todos os grupos possui medo e acredita que pode ser vítima de roubo no próximo ano. Destacou-se o grupo entre De R\$2.005,00 à R\$8.640,00, que é o maior em número de membros e em respondentes que afirmam ter medo e acreditam na possibilidade de ser vítima no próximo ano.

Tabela 23: Distribuição do sentimento de medo do crime de roubo/assalto por renda (Sagrada Família / Belo Horizonte, 2019)

Nas proximidades dessa praça, você tem medo de ter objetos subtraídos à força?														
	De R\$0,00 à R\$1.254,00.		De R\$1.255,00 à R\$2.004,00		De R\$2.005,00 à R\$8.640,00.		De R\$8.641,00 à R\$11.261,00.		Acima de R\$11.261,00.		NS/NR		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Sim	21	10,50%	27	13,50%	73	36,50%	8	4,00%	4	2,00%	10	5,00%	143	71,50%
Não	11	5,50%	10	5,00%	26	13,00%	2	1,00%	4	2,00%	3	1,50%	56	28,00%
NS/NR	0	0,00%	0	0,00%	1	0,50%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	1	0,50%
Total	32	16,00%	37	18,50%	100	50,00%	10	5,00%	8	4,00%	13	6,50%	200	100,00%
Você acredita que pode se tornar vítima desse crime no próximo ano?														
	De R\$0,00 à R\$1.254,00.		De R\$1.255,00 à R\$2.004,00		De R\$2.005,00 à R\$8.640,00.		De R\$8.641,00 à R\$11.261,00.		Acima de R\$11.261,00.		NS/NR		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Sim	24	12,00%	30	15,00%	81	40,50%	8	4,00%	5	2,50%	10	5,00%	158	79,00%
Não	8	4,00%	7	3,50%	18	9,00%	2	1,00%	3	1,50%	3	1,50%	41	20,50%
NS/NR	0	0,00%	0	0,00%	1	0,50%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	1	0,50%
Total	32	16,00%	37	18,50%	100	50,00%	10	5,00%	8	4,00%	13	6,50%	200	100,00%

Fonte: Elaboração do autor

A organização dos dados em relação à variável cor da pele nos permite observar, conforme tabela abaixo, que em todos os grupos, a maioria dos respondentes afirma sentir medo de roubos e assaltos, e acreditar na possibilidade de ser vitimado no próximo ano.

Tabela 24: Distribuição do sentimento de medo do crime de roubo/assalto por cor da pele (Sagrada Família / Belo Horizonte, 2019)

Nas proximidades dessa praça, você tem medo de ter objetos subtraídos à força?														
	Branco(a)		Negro(a)		Amarelo(a)		Pardo(a)		Indígena		NS/NR		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Sim	56	28,00%	26	13,00%	6	3,00%	53	26,50%	2	1,00%	0	0,00%	143	71,50%
Não	24	12,00%	9	4,50%	0	0,00%	22	11,00%	0	0,00%	1	0,50%	56	28,00%
NS/NR	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	1	0,50%	0	0,00%	0	0,00%	1	0,50%
Total	80	40,00%	35	17,50%	6	3,00%	76	38,00%	2	1,00%	1	0,50%	200	100,00%

Se crê na possibilidade de vitimização														
	Branco(a)		Negro(a)		Amarelo(a)		Pardo(a)		Indígena		NS/NR		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Sim	69	34,50%	26	13,00%	5	2,50%	56	28,00%	2	1,00%	0	0,00%	158	79,00%
Não	11	5,50%	9	4,50%	1	0,50%	19	9,50%	0	0,00%	1	0,50%	41	20,50%
NS/NR	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	1	0,50%	0	0,00%	0	0,00%	1	0,50%
Total	80	40,00%	35	17,50%	6	3,00%	76	38,00%	2	1,00%	1	0,50%	200	100,00%

Fonte: Elaboração do autor

Portanto, o crime de assalto é um dos principais medos dos frequentadores do bairro. É possível observar que há uma quantidade maior de entrevistados do Grotá que afirmam ter esse medo. Destaca-se também o grupo das mulheres, que apresentou uma frequência maior que os homens em relação ao medo do crime de roubo ou assalto, confirmando novamente a observação de Borges (2011). O autor também apresentou dados que colocam o crime de roubo empatado com o de furto, como os crimes com maiores taxas de vitimização entre os participantes da Pesquisa sobre as Condições de Vida e o Acesso das Pessoas a Serviços Públicos aqui na sua Região (FIGUEIREDO, SALLES, RIBEIRO e BORGES, 2010 apud BORGES, 2011). Em todas as demais organizações dos dados, pode-se observar que a maioria dos membros das categorias possui medo de ser vitimado e acredita nessa possibilidade nos próximos 12 meses.

(3) Furto e roubo de carros e motos

Por motivos como o alto valor desses tipos de bens, e ao uso de serviços de seguros, os roubos de veículos estão entre as vitimizações com maior proporção de notificação à polícia. Essa característica faz dos crimes de furto e roubo de carros e motos para o presente trabalho um instrumento de mensuração interessante, além da associação estatisticamente significativa entre as praças, demonstrando um maior nível de medo na praça do Grotá, que não possui Base Comunitária Móvel da Polícia Militar. Os entrevistados que afirmam sentir medo de serem vitimados por crime de roubo/furto de veículos representam 50,5% dos entrevistados, sendo 29,5% da praça do Grotá e 21% da Nilo Peçanha. O teste qui-quadrado apresentou valor de 0,016, revelando que há alguma medida de associação entre a praça em

que foi realizada a entrevista e o medo de ser vitimado pelo crime de furto ou roubo de carros e motos.

Tabela 25: Distribuição do sentimento de medo do crime de roubo/furto de carro/moto por praça (Sagrada Família / Belo Horizonte, 2019)

	Nilo Peçanha		Grotá		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Sim	42	21,00%	59	29,50%	101	50,50%
Não	58	29,00%	41	20,50%	99	49,50%
NS/NR	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%
Total	100	50,00%	100	50,00%	200	100,00%

Fonte: Elaboração do autor

Sobre esse tipo de vitimização, os homens apresentaram níveis um pouco maiores, tanto em relação ao medo quanto na crença da possibilidade de vitimização. É interessante observar que os dados da pesquisa demonstram que roubos e assaltos de outros tipos de bens, são mais temidos pelas mulheres, mas ao especificar veículo como o bem subtraído, os homens demonstraram maior medo.

Tabela 26: Distribuição do sentimento de medo do crime de roubo/furto de carro/moto por sexo (Sagrada Família / Belo Horizonte, 2019)

Se tem medo nas proximidades da praça de ter carro ou moto roubado/furtado						
	Masculino		Feminino		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Sim	51	25,50%	50	25,00%	101	50,50%
Não	49	24,50%	50	25,00%	99	49,50%
NS/NR	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%
Total	100	50,00%	100	50,00%	200	100,00%
Se crê na possibilidade de vitimização						
	Masculino		Feminino		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Sim	58	29,00%	55	27,50%	113	56,50%
Não	42	21,00%	43	21,50%	85	42,50%
NS/NR	0	0,00%	2	1,00%	2	1,00%
Total	100	50,00%	100	50,00%	200	100,00%

Fonte: Elaboração do autor

O medo dessa vitimização em relação à idade não demonstrou grande diferença entre as faixas

etárias. Destacam-se os mais jovens, que são o grupo com menor número de pessoas que afirmam ter esse medo. Sobre a crença na possibilidade de vitimização, destaca-se o grupo entre 31 e 40 anos, representando 15% dos que creem que podem se tornar vítimas.

Tabela 27: Distribuição do sentimento de medo do crime de roubo/furto de carro/moto por idade (Sagrada Família / Belo Horizonte, 2019)

Se tem medo nas proximidades da praça de ter carro ou moto roubado/furtado												
	18-30		31-40		41-50		51-60		> 60		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Sim	17	8,50%	22	11,00%	21	10,50%	21	10,50%	20	10,00%	101	50,50%
Não	23	11,50%	18	9,00%	19	9,50%	19	9,50%	20	10,00%	99	49,50%
NS/NR	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%
Total	40	20,00%	40	20,00%	40	20,00%	40	20,00%	40	20,00%	200	100,00%

Se crê na possibilidade de vitimização												
	18-30		31-40		41-50		51-60		> 60		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Sim	21	10,50%	30	15,00%	22	11,00%	19	9,50%	21	10,50%	113	56,50%
Não	18	9,00%	10	5,00%	18	9,00%	21	10,50%	18	9,00%	85	42,50%
NS/NR	1	0,50%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	1	0,50%	2	1,00%
Total	40	20,00%	40	20,00%	40	20,00%	40	20,00%	40	20,00%	200	100,00%

Fonte: Elaboração do autor

A organização dos dados em relação à escolaridade nos permite observar que apenas os grupos de Superior Incompleto e Superior Completo possuem maioria de membros que afirmam possuir medo de ser vitimado. O mesmo ocorre sobre a crença na possibilidade de vitimização, mas dessa vez o grupo de entrevistados com Ensino Médio Completo também possui maioria respondendo “sim”.

Tabela 28: Distribuição do sentimento de medo do crime de roubo/furto de carro/moto por escolaridade (Sagrada Família / Belo Horizonte, 2019)

Se tem medo nas proximidades da praça de ter carro ou moto roubado/furtado														
	Fund. Incompleto		Fund. Completo		Médio Incompleto		Médio Completo		Superior Incompleto		Superior Completo		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Sim	5	2,50%	6	3,00%	6	3,00%	39	19,50%	13	6,50%	32	16,00%	101	50,50%
Não	9	4,50%	7	3,50%	9	4,50%	42	21,00%	11	5,50%	21	10,50%	99	49,50%
NS/NR	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%
Total	14	7,00%	13	6,50%	15	7,50%	81	40,50%	24	12,00%	53	26,50%	200	100,00%

Se crê na possibilidade de vitimização														
	Fund. Incompleto		Fund. Completo		Médio Incompleto		Médio Completo		Superior Incompleto		Superior Completo		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Sim	5	2,50%	6	3,00%	7	3,50%	41	20,50%	15	7,50%	39	19,50%	113	56,50%
Não	9	4,50%	7	3,50%	8	4,00%	39	19,50%	8	4,00%	14	7,00%	85	42,50%
NS/NR	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	1	0,50%	1	0,50%	0	0,00%	2	1,00%
Total	14	7,00%	13	6,50%	15	7,50%	81	40,50%	24	12,00%	53	26,50%	200	100,00%

Fonte: Elaboração do autor

Em relação à renda, é possível observar que os menores índices de medo e crença na possibilidade de vitimização são da classe com menor renda, em muitos casos por não possuir esse tipo de bem, demonstrando algum nível de exclusão dessa parte da sociedade.

Tabela 29: Distribuição do sentimento de medo do crime de roubo/furto de carro/moto por renda (Sagrada Família / Belo Horizonte, 2019)

Se tem medo nas proximidades da praça de ter carro ou moto roubado/furtado														
	De R\$0,00 à R\$1.254,00		De R\$1.255,00 à R\$2.004,00		De R\$2.005,00 à R\$8.640,00		De R\$8.641,00 à R\$11.261,00		Acima de R\$11.261,00		NS/NR		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Sim	6	3,00%	20	10,00%	60	30,00%	6	3,00%	4	2,00%	5	2,50%	101	50,50%
Não	26	13,00%	17	8,50%	40	20,00%	4	2,00%	4	2,00%	8	4,00%	99	49,50%
NS/NR	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%
Total	32	16,00%	37	18,50%	100	50,00%	10	5,00%	8	4,00%	13	6,50%	200	100,00%
Se acredita que pode ser vitimado														
	De R\$0,00 à R\$1.254,00		De R\$1.255,00 à R\$2.004,00		De R\$2.005,00 à R\$8.640,00		De R\$8.641,00 à R\$11.261,00		Acima de R\$11.261,00		NS/NR		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Sim	10	5,00%	20	10,00%	67	33,50%	7	3,50%	4	2,00%	5	2,50%	113	56,50%
Não	22	11,00%	16	8,00%	32	16,00%	3	1,50%	4	2,00%	8	4,00%	85	42,50%
NS/NR	0	0,00%	1	0,50%	1	0,50%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	2	1,00%
Total	32	16,00%	37	18,50%	100	50,00%	10	5,00%	8	4,00%	13	6,50%	200	100,00%

Fonte: Elaboração do autor

Tabela 30: Distribuição do sentimento de medo do crime de roubo/furto de carro/moto por cor da pele (Sagrada Família / Belo Horizonte, 2019)

Se tem medo nas proximidades da praça de ter carro ou moto roubado ou arrombado?														
	Branco(a)		Negro(a)		Amarelo(a)		Pardo(a)		Indígena		NS/NR		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Sim	42	21,00%	17	8,50%	6	3,00%	34	17,00%	2	1,00%	0	0,00%	101	50,50%
Não	38	19,00%	18	9,00%	0	0,00%	42	21,00%	0	0,00%	1	0,50%	99	49,50%
NS/NR	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%
Total	80	40,00%	35	17,50%	6	3,00%	76	38,00%	2	1,00%	1	0,50%	200	100,00%
Se crê na possibilidade de vitimização														
	Branco(a)		Negro(a)		Amarelo(a)		Pardo(a)		Indígena		NS/NR		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Sim	47	23,50%	22	11,00%	5	2,50%	37	18,50%	2	1,00%	0	0,00%	113	56,50%
Não	33	16,50%	13	6,50%	1	0,50%	37	18,50%	0	0,00%	1	0,50%	85	42,50%
NS/NR	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	2	1,00%	0	0,00%	0	0,00%	2	1,00%
Total	80	40,00%	35	17,50%	6	3,00%	76	38,00%	2	1,00%	1	0,50%	200	100,00%

Ao organizar os dados em relação à cor da pele dos entrevistados, é possível observar que apenas os grupos de origem negra possuem a minoria de seus membros afirmando possuir medo de ser vitimado por roubo ou furto de carro ou moto. Entretanto, o mesmo não ocorre em relação à crença na possibilidade de vitimização, já que a maioria de todos os grupos acredita nesse risco.

Portanto, é possível observar que, ao contrário dos demais crimes, no caso do delito de furto e roubo de carros ou motos, as mulheres não possuem níveis maiores de medo em relação aos homens, ao

contrário das observações apontadas por Borges (2011), utilizando dados da Pesquisa sobre as Condições de Vida e o Acesso das Pessoas a Serviços Públicos aqui na sua Região (FIGUEIREDO, SALLES, RIBEIRO e BORGES, 2010 apud BORGES, 2011). Em relação aos demais grupos, destacam-se os mais jovens, entre 18 e 31 anos, que são o único grupo cuja maioria afirma não sentir medo desse crime, concordando com as observações de Borges, 2011. O mesmo ocorre em relação à renda, em que apenas os mais pobres possuem maioria afirmando não possuir esse medo e à cor da pele, em que os negros em maioria afirmam nem ter esse medo.

(4) Brigas Agressões físicas

A pesquisa de Percepção do Medo em Minas Gerais realizada pelo CRISP-MG observou que, em comparação aos outros crimes, são raros os eventos de vitimização por agressão física, sendo menor que 10% a parte dos entrevistados em todo o estado que já foi vitimada por esse crime. Entretanto, de acordo com os registros da PMMG, não são tão raros no bairro, representando mais que 4% dos crimes ocorridos no Sagrada Família desde 2016.

A tabela abaixo permite observar que, diferentemente dos outros crimes, na praça Nilo Peçanha houve uma maior quantidade de respondentes confirmando o medo de se envolver em brigas ou ser vítima de agressão. Apesar da pequena diferença, dos 36,5% dos respondentes que têm esse receio, 19% respondeu ao questionário na praça Nilo Peçanha, enquanto 17,5% respondeu na praça do Grotá. O teste qui-quadrado apresentou valor de 0,009, revelando que realmente há algum nível de associação entre o medo de se envolver em uma briga ou sofrer uma agressão física, em relação às diferentes praças.

Tabela 31: Distribuição do sentimento de medo do crime de brigas/agressão física por praça (Sagrada Família / Belo Horizonte, 2019)

	Nilo Peçanha		Grotá		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Sim	38	19,00%	35	17,50%	73	36,50%
Não	62	31,00%	63	31,50%	125	62,50%
NS/NR	0	0,00%	2	1,00%	2	1,00%
Total	100	50,00%	100	50,00%	200	100,00%

Fonte: Elaboração do autor

Desagregando as informações sobre agressão física por características socioeconômicas dos entrevistados, é possível identificar um número maior de mulheres, entretanto, o inverso acontece em relação à possibilidade de vitimização, em que um maior número de homens acredita que podem ser vitimados.

Tabela 32: Distribuição do sentimento de medo do crime de brigas/agressão física por sexo (Sagrada Família / Belo Horizonte, 2019)

Nas proximidades dessa praça, você tem medo dese envolver em brigas/agressão física?						
	Masculino		Feminino		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Sim	34	17,00%	39	19,50%	73	36,50%
Não	65	32,50%	60	30,00%	125	62,50%
NS/NR	1	0,50%	1	0,50%	2	1,00%
Total	100	50,00%	100	50,00%	200	100,00%
Se crê na possibilidade de vitimização						
	Masculino		Feminino		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Sim	50	25,00%	31	15,50%	81	40,50%
Não	50	25,00%	69	34,50%	119	59,50%
NS/NR	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%
Total	100	50,00%	100	50,00%	200	100,00%

Fonte: Elaboração do autor

Em relação à idade, podemos observar que apenas o grupo entre 31-40 apresentou a maioria de seus membros afirmando ter medo e acreditar na possibilidade de se tornar vítima de uma agressão.

Tabela 33: Distribuição do sentimento de medo do crime de brigas/agressão física por idade (Sagrada Família / Belo Horizonte, 2019)

Nas proximidades dessa praça, você tem medo dese envolver em brigas/agressão física?												
	18-30		31-40		41-50		51-60		> 60		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Sim	18	9,00%	21	10,50%	14	7,00%	11	5,50%	9	4,50%	73	36,50%
Não	22	11,00%	19	9,50%	26	13,00%	29	14,50%	29	14,50%	125	62,50%
NS/NR	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	2	1,00%	2	1,00%
Total	40	20,00%	40	20,00%	40	20,00%	40	20,00%	40	20,00%	200	100,00%
Se crê na possibilidade de vitimização												
	18-30		31-40		41-50		51-60		> 60		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Sim	17	8,50%	24	12,00%	17	8,50%	14	7,00%	9	4,50%	81	40,50%
Não	23	11,50%	16	8,00%	23	11,50%	26	13,00%	31	15,50%	119	59,50%
NS/NR	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%
Total	40	20,00%	40	20,00%	40	20,00%	40	20,00%	40	20,00%	200	100,00%

Fonte: Elaboração do autor

A distribuição dos dados de medo desse tipo de vitimização em relação à escolaridade revela apenas o grupo com ensino Fundamental Completo com maioria das respostas positivas. Mas quando questionados pela possibilidade de vitimização, o grupo em que a maior parte acredita que há o risco é o dos entrevistados com Superior Completo.

Tabela 34: Distribuição do sentimento de medo do crime de brigas/agressão física por escolaridade (Sagrada Família / Belo Horizonte, 2019)

Nas proximidades dessa praça, você tem medo dese envolver em brigas/agressão física?														
	Fund. Incompleto		Fund. Completo		Médio Incompleto		Médio Completo		Superior Incompleto		Superior Completo		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Sim	5	2,50%	7	3,50%	2	1,00%	31	15,50%	8	4,00%	20	10,00%	73	36,50%
Não	9	4,50%	6	3,00%	13	6,50%	49	24,50%	16	8,00%	32	16,00%	125	62,50%
NS/NR	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	1	0,50%	0	0,00%	1	0,50%	2	1,00%
Total	14	7,00%	13	6,50%	15	7,50%	81	40,50%	24	12,00%	53	26,50%	200	100,00%

Se crê na possibilidade de vitimização														
	Fund. Incompleto		Fund. Completo		Médio Incompleto		Médio Completo		Superior Incompleto		Superior Completo		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Sim	4	2,00%	6	3,00%	3	1,50%	33	16,50%	5	2,50%	30	15,00%	81	40,50%
Não	10	5,00%	7	3,50%	12	6,00%	48	24,00%	19	9,50%	23	11,50%	119	59,50%
NS/NR	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%
Total	14	7,00%	13	6,50%	15	7,50%	81	40,50%	24	12,00%	53	26,50%	200	100,00%

Fonte: Elaboração do autor

No ponto de vista da renda, em todos os grupos a maioria afirmou não possuir medo de se envolver em uma briga ou agressão física. Um ponto interessante é que apesar do baixo índice de medo da vitimização por esse tipo de crime, sendo em algumas vezes mais frequentes que os roubos, o crime de agressão esteve entre os 10 principais crimes nos últimos 4 anos, representando 5,26% em 2016; 5,35% em 2017; 4,33% em 2018; e 5,24% em 2019. Em relação à crença na possibilidade de vitimização, o grupo que possui renda de R\$8.641,00 à R\$11.261,00 foi o único em que a maioria afirmou que acredita nesse risco.

Tabela 35: Distribuição do sentimento de medo do crime de brigas/agressão física por renda (Sagrada Família / Belo Horizonte, 2019)

Nas proximidades dessa praça, você tem medo dese envolver em brigas/agressão física?														
	De R\$0,00 à R\$1.254,00.		De R\$1.255,00 à R\$2.004,00		De R\$2.005,00 à R\$8.640,00.		De R\$8.641,00 à R\$11.261,00.		Acima de R\$11.261,00.		NS/NR		Total	
Sim	13	6,50%	13	6,50%	36	18,00%	4	2,00%	2	1,00%	5	2,50%	73	36,50%
Não	19	9,50%	22	11,00%	64	32,00%	6	3,00%	6	3,00%	8	4,00%	125	62,50%
NS/NR	0	0,00%	2	1,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	2	1,00%
Total	32	16,00%	37	18,50%	100	50,00%	10	5,00%	8	4,00%	13	6,50%	200	100,00%

Se acredita que pode ser vitimado														
	De R\$0,00 à R\$1.254,00.		De R\$1.254,00 à R\$2.005,00		De R\$2.005,00 à R\$8.640,00.		De R\$8.641,00 à R\$11.261,00.		Acima de R\$11.261,00.		NS/NR		Total	
Sim	12	6,00%	18	9,00%	42	21,00%	7	3,50%	1	0,50%	1	0,50%	81	40,50%
Não	20	10,00%	19	9,50%	58	29,00%	3	1,50%	7	3,50%	12	6,00%	119	59,50%
NS/NR	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%
Total	32	16,00%	37	18,50%	100	50,00%	10	5,00%	8	4,00%	13	6,50%	200	100,00%

Fonte: Elaboração do autor

Em relação à cor da pele autodeclarada pelos entrevistados, é possível observar que apenas os grupos Amarelo e Indígena possuem a maioria de seus entrevistados confirmando o sentimento de medo e a crença na possibilidade de se envolver em brigas ou sofrer agressão física.

Tabela 36: Distribuição do sentimento de medo do crime de brigas/agressão física por cor da pele (Sagrada Família / Belo Horizonte, 2019)

Nas proximidades dessa praça, você tem medo de se envolver em brigas/agressão física?														
	Branco(a)		Negro(a)		Amarelo(a)		Pardo(a)		Indígena		NS/NR		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Sim	20	10,00%	22	11,00%	5	2,50%	24	12,00%	2	1,00%	0	0,00%	73	36,50%
Não	59	29,50%	12	6,00%	1	0,50%	52	26,00%	0	0,00%	1	0,50%	125	62,50%
NS/NR	1	0,50%	1	0,50%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	2	1,00%
Total	80	40,00%	35	17,50%	6	3,00%	76	38,00%	2	1,00%	1	0,50%	200	100,00%

Se crê na possibilidade de vitimização														
	Branco(a)		Negro(a)		Amarelo(a)		Pardo(a)		Indígena		NS/NR		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Sim	31	15,50%	16	8,00%	4	2,00%	28	14,00%	2	1,00%	0	0,00%	81	40,50%
Não	49	24,50%	19	9,50%	2	1,00%	48	24,00%	0	0,00%	1	0,50%	119	59,50%
NS/NR	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%
Total	80	40,00%	35	17,50%	6	3,00%	76	38,00%	2	1,00%	1	0,50%	200	100,00%

Fonte: Elaboração do autor

Portanto, em relação ao medo do crime de agressão física, destacam-se alguns fatores, como ao contrário dos demais delitos, nesse caso houve um maior número de entrevistados na Nilo Peçanha que afirmaram sentir esse medo. Mais uma vez confirmando as observações de Borges (2011), houve um maior número de mulheres afirmando ter esse sentimento. Uma observação interessante que o presente trabalho possibilitou é que apesar do maior medo das mulheres, há uma maior quantidade de homens que acreditam na possibilidade de serem agredidos ou se envolverem em uma briga. Pessoas entre 31 e 40 anos também se destacaram, por em relação à idade, serem o único grupo cuja maioria tem medo e acredita

nessa possibilidade.

(5) Agressão Sexual

O crime de agressão sexual tem um número de casos registrados relativamente baixo. Entretanto, como indicado na pesquisa Percepção do Medo realizada pelo CRISP-MG, esse é um crime com grande potencial de constrangimento à vítima, que pode não reportar à polícia, causando uma subnotificação que dificulta a compreensão da dimensão do problema.

Tabela 37: Distribuição do sentimento de medo do crime de agressão sexual por praça (Sagrada Família / Belo Horizonte, 2019)

	Nilo Peçanha		Grotta		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Sim	33	16,50%	51	25,50%	84	42,00%
Não	66	33,00%	49	24,50%	115	57,50%
NS/NR	1	0,50%	0	0,00%	1	0,50%
Total	100	50,00%	100	50,00%	200	100,00%

Fonte: Elaboração do autor

A tabela acima permite constatar que há uma grande diferença entre as praças em relação ao medo de vitimização por agressão sexual. Entre 42% que afirmou ter esse sentimento, 25,50% responderam ao questionário na praça do Grotta, enquanto 16,5% na praça Nilo Peçanha, revelando mais uma vez um crime em que há uma diferença significativa entre as praças. O teste qui-quadrado confirma algum nível de associação entre as diferentes praças e o medo do crime de agressão sexual, pois o valor apresentado foi 0,039.

Em relação ao medo e à crença na possibilidade de vitimização, é possível observar que o crime de agressão sexual foi o que apresentou a maior diferença entre homens e mulheres. Em ambas as questões sobre o tema houve mais que o dobro de respostas positivas de mulheres.

Tabela 38: Distribuição do sentimento de medo do crime de agressão sexual por sexo (Sagrada Família / Belo Horizonte, 2019)

Se tem medo nas proximidades da praça de sofrer uma agressão sexual?						
	Masculino		Feminino		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Sim	26	13,00%	58	29,00%	84	42,00%
Não	73	36,50%	42	21,00%	115	57,50%
NS/NR	1	0,50%	0	0,00%	1	0,50%
Total	100	50,00%	100	50,00%	200	100,00%

Se crê na possibilidade de vitimização						
	Masculino		Feminino		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Sim	24	12,00%	53	26,50%	77	38,50%
Não	76	38,00%	46	23,00%	122	61,00%
NS/NR	0	0,00%	1	0,50%	1	0,50%
Total	100	50,00%	100	50,00%	200	100,00%

Fonte: Elaboração do autor

Em relação à variável idade, é possível observar que tanto em relação ao medo quanto à crença na possibilidade de vitimização, os maiores índices ocorreram entre as duas categorias mais jovens. A categoria que demonstrou os menores índices foram os mais idosos.

Tabela 39: Distribuição do sentimento de medo do crime de agressão sexual por idade (Sagrada Família / Belo Horizonte, 2019)

Se tem medo nas proximidades da praça de sofrer uma agressão sexual?												
	18-30		31-40		41-50		51-60		> 60		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Sim	21	10,50%	21	10,50%	15	7,50%	18	9,00%	9	4,50%	84	42,00%
Não	19	9,50%	18	9,00%	25	12,50%	22	11,00%	31	15,50%	115	57,50%
NS/NR	0	0,00%	1	0,50%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	1	0,50%
Total	40	20,00%	40	20,00%	40	20,00%	40	20,00%	40	20,00%	200	100,00%

Se crê na possibilidade de vitimização												
	18-30		31-40		41-50		51-60		> 60		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Sim	17	8,50%	24	12,00%	14	7,00%	14	7,00%	8	4,00%	77	38,50%
Não	23	11,50%	16	8,00%	26	13,00%	25	12,50%	32	16,00%	122	61,00%
NS/NR	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	1	0,50%	0	0,00%	1	0,50%
Total	40	20,00%	40	20,00%	40	20,00%	40	20,00%	40	20,00%	200	100,00%

Fonte: Elaboração do autor

Sobre o medo de uma agressão sexual em relação à escolaridade, as categorias com mais estudo foram as únicas em que a maioria afirmou ter esse receio. Em todas as categorias a maioria não acredita na possibilidade de vitimização, exceto a categoria fundamental incompleto, que está igualmente dividida em ambas as questões.

Tabela 40: Distribuição do sentimento de medo do crime de agressão sexual por escolaridade (Sagrada Família / Belo Horizonte, 2019)

Se tem medo nas proximidades da praça de sofrer uma agressão sexual?														
	Fund. Incompleto		Fund. Completo		Médio Incompleto		Médio Completo		Superior Incompleto		Superior Completo		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Sim	7	3,50%	5	2,50%	5	2,50%	27	13,50%	13	6,50%	27	13,50%	84	42,00%
Não	7	3,50%	8	4,00%	10	5,00%	54	27,00%	10	5,00%	26	13,00%	115	57,50%
NS/NR	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	1	0,50%	0	0,00%	1	0,50%
Total	14	7,00%	13	6,50%	15	7,50%	81	40,50%	24	12,00%	53	26,50%	200	100,00%

Se crê na possibilidade de vitimização														
	Fund. Incompleto		Fund. Completo		Médio Incompleto		Médio Completo		Superior Incompleto		Superior Completo		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Sim	7	3,50%	5	2,50%	4	2,00%	26	13,00%	11	5,50%	24	12,00%	77	38,50%
Não	7	3,50%	8	4,00%	11	5,50%	55	27,50%	13	6,50%	28	14,00%	122	61,00%
NS/NR	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	1	0,50%	1	0,50%
Total	14	7,00%	13	6,50%	15	7,50%	81	40,50%	24	12,00%	53	26,50%	200	100,00%

Fonte: Elaboração do autor

Em relação à renda, uma observação interessante é que apenas a classe mais pobre possui a maioria de seus membros afirmando ter medo de uma agressão sexual. Sobre a crença na possibilidade de vitimização, em todas as categorias a maioria não acredita na possibilidade.

Tabela 41: Distribuição do sentimento de medo do crime de agressão sexual por renda (Sagrada Família / Belo Horizonte, 2019)

Se tem medo nas proximidades da praça de sofrer uma agressão sexual?														
	De R\$0,00 à R\$1.254,00.		De R\$1.255,00 à R\$2.004,00		De R\$2.005,00 à R\$8.640,00.		De R\$8.641,00 à R\$11.261,00.		Acima de R\$11.261,00.		NS/NR		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Sim	17	8,50%	14	7,00%	43	21,50%	3	1,50%	1	0,50%	6	3,00%	84	42,00%
Não	15	7,50%	23	11,50%	56	28,00%	7	3,50%	7	3,50%	7	3,50%	115	57,50%
NS/NR	0	0,00%	0	0,00%	1	0,50%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	1	0,50%
Total	32	16,00%	37	18,50%	100	50,00%	10	5,00%	8	4,00%	13	6,50%	200	100,00%

se acredita que pode ser vitimado														
	De R\$0,00 à R\$1.254,00.		De R\$1.255,00 à R\$2.004,00		De R\$2.005,00 à R\$8.640,00.		De R\$8.641,00 à R\$11.261,00.		Acima de R\$11.261,00.		NS/NR		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Sim	15	7,50%	15	7,50%	39	19,50%	3	1,50%	1	0,50%	4	2,00%	77	38,50%
Não	17	8,50%	22	11,00%	61	30,50%	6	3,00%	7	3,50%	9	4,50%	122	61,00%
NS/NR	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	1	0,50%	0	0,00%	0	0,00%	1	0,50%
Total	32	16,00%	37	18,50%	100	50,00%	10	5,00%	8	4,00%	13	6,50%	200	100,00%

Fonte: Elaboração do autor

Em relação à cor da pele, com exceção dos que se classificam como Amarelos e Indígenas, que são grupos com poucos respondentes na pesquisa, a maioria dos membros dos demais grupos afirma não sentir esse medo ou acreditar na possibilidade de ser vitimado no próximo ano.

Tabela 42: Distribuição do sentimento de medo do crime de agressão sexual por cor da pele (Sagrada Família / Belo Horizonte, 2019)

Nas proximidades dessa praça, você tem medo de sofrer uma agressão sexual(estupro)?														
	Branco(a)		Negro(a)		Amarelo(a)		Pardo(a)		Indígena		NS/NR		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Sim	25	12,50%	17	8,50%	4	2,00%	36	18,00%	2	1,00%	0	0,00%	84	42,00%
Não	54	27,00%	18	9,00%	2	1,00%	40	20,00%	0	0,00%	1	0,50%	115	57,50%
NS/NR	1	0,50%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	1	0,50%
Total	80	40,00%	35	17,50%	6	3,00%	76	38,00%	2	1,00%	1	0,50%	200	100,00%

Se crê na possibilidade de vitimização														
	Branco(a)		Negro(a)		Amarelo(a)		Pardo(a)		Indígena		NS/NR		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Sim	28	14,00%	16	8,00%	4	2,00%	28	14,00%	1	0,50%	0	0,00%	77	38,50%
Não	52	26,00%	19	9,50%	2	1,00%	47	23,50%	1	0,50%	1	0,50%	122	61,00%
NS/NR	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	1	0,50%	0	0,00%	0	0,00%	1	0,50%
Total	80	40,00%	35	17,50%	6	3,00%	76	38,00%	2	1,00%	1	0,50%	200	100,00%

Fonte: Elaboração do autor

Portanto, a pesquisa permitiu observar diversos grupos que se destacaram em relação ao crime de agressão sexual, em que os frequentadores do Grota apresentam mais medo. Em relação ao sexo, esse delito apresentou a maior diferença entre homens e mulheres, em que estas apresentam frequência de medo mais que duas vezes maior, confirmando as observações de Borges (2011) em relação ao sentimento de segurança. Grupos mais jovens, até 40 anos, também se destacaram, assim como pessoas com níveis mais altos de escolaridade, com superior completo e incompleto. O grupo de menor renda também se destacou, sendo o único em que a maioria afirma sentir esse medo.

*

O medo do crime é um conceito amplo e subjetivo, baseado em componentes mais psicológicos e emotivos, que a pesquisa buscou captar em padrões estatísticos de grupos determinados por diversas variáveis. Realizar essa análise foi necessário para que o presente trabalho pudesse se aprofundar um pouco mais, buscando avaliar elementos da percepção de risco dos entrevistados, para uma melhor compreensão de algum feedback que os dados possam fornecer sobre o trabalho que vem sendo realizado na área da Segurança Pública por meio das Bases Comunitárias Móveis.

Percepção de Risco

A pesquisa de Percepção do Medo, realizada pelo CRISP/UFMG conceitua a percepção do risco como uma tentativa de tornar incertezas em possibilidades, como um pressentimento de perigo quando

nada existe nas proximidades que justifique o medo. Geralmente, acontece quando o indivíduo se encontra em um ambiente estranho, podendo lhe causar desorientação, distante de seu território e dos símbolos que considera que lhe dão apoio.

Tabela 43: Distribuição da percepção da violência nos últimos 12 meses dos entrevistados por praça (Sagrada Família / Belo Horizonte, 2019)

	Nilo Peçanha		Grotá		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Aumentou muito	2	1,00%	4	2,00%	6	3,00%
Aumentou	11	5,50%	20	10,00%	31	15,50%
Permaneceu a mesma	26	13,00%	30	15,00%	56	28,00%
Diminuiu	43	21,50%	33	16,50%	76	38,00%
Diminuiu muito	9	4,50%	3	1,50%	12	6,00%
NS/NR	9	4,50%	10	5,00%	19	9,50%
Total	100	50%	100	50%	200	100,00%

Fonte: Elaboração do autor

A fim de medir a percepção de risco, a pesquisa pediu aos entrevistados que comparassem o nível de violência da data da pesquisa em relação a 12 meses atrás. Organizamos essas informações de acordo com sexo, idade, escolaridade e renda, para verificar se alguma dessas características provoque nos entrevistados uma percepção diferente dos demais.

As informações obtidas por meio do *survey* aplicado nos permitem inferir que, entre os entrevistados do sexo feminino, é mais frequente uma visão de aumento ou permanência da violência no último ano. 12% das entrevistadas acreditam que a violência aumentou ou aumentou muito, e 15,5% delas acreditam que permaneceu a mesma. Já na visão dos homens, 6,5% acreditam que houve aumento da violência e 12,5% acreditam que não houve mudança. Enquanto 23,5% dos homens acreditam que a violência diminuiu ou diminuiu muito, apenas 14,5% das mulheres compartilham dessa visão.

Tabela 44: Distribuição da percepção da violência nos últimos 12 meses dos entrevistados por sexo (Sagrada Família / Belo Horizonte, 2019)

	Feminino		Masculino		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Aumentou muito	4	2,00%	2	1,00%	6	3,00%
Aumentou	20	10,00%	11	5,50%	31	15,50%
Permaneceu a mesma	31	15,50%	25	12,50%	56	28,00%
Diminuiu	29	14,50%	47	23,50%	76	38,00%
Diminuiu muito	4	2,00%	8	4,00%	12	6,00%
NS/NR	12	6,00%	7	3,50%	19	9,50%
Total	100	50,00%	100	50,00%	200	100%

Fonte: Elaboração do autor

Ao analisar a percepção da violência no bairro em relação à idade dos entrevistados, observamos que a ideia do aumento e da permanência da violência é mais comum entre os mais jovens, entre 18 e 30 anos e os entrevistados entre 51 e 60 anos respectivamente. Destacam-se os entrevistados a partir de 41 anos, que percebem uma redução da violência no bairro Sagrada Família.

Tabela 45: Distribuição da percepção da variação do risco nos últimos 12 meses dos entrevistados por idade (Sagrada Família / Belo Horizonte, 2019)

	18-30		31-40		41-50		51-60		> 60		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Aumentou Muito	0	0,00%	1	0,50%	1	0,50%	2	1,00%	3	1,50%	7	3,50%
Aumentou	9	4,50%	4	2,00%	3	1,50%	7	3,50%	6	3,00%	29	14,50%
Permaneceu a mesma	13	6,50%	12	6,00%	9	4,50%	15	7,50%	9	4,50%	58	29,00%
Diminuiu	14	7,00%	16	8,00%	23	11,50%	12	6,00%	13	6,50%	78	39,00%
Diminuiu muito	2	1,00%	2	1,00%	0	0,00%	2	1,00%	6	3,00%	12	6,00%
NS/NR	2	1,00%	5	2,50%	4	2,00%	2	1,00%	3	1,50%	16	8,00%
Total	40	20%	40	20%	40	20%	40	20%	40	20%	200	100%

Fonte: Elaboração do autor

A maior parte dos entrevistados, 45%, acredita que houve redução da violência no bairro. 29% acredita que o nível permanece o mesmo. 18% dos respondentes acredita que a violência aumentou ou aumentou muito nos últimos 12 meses.

Sobre a percepção da violência por parte dos entrevistados, em relação a seus níveis de escolaridade, percebe-se que entre os respondentes das categorias entre Fundamental Incompleto e Ensino Médio Completo, é mais comum uma percepção da redução da violência. A maioria dos entrevistados com maior escolaridade, com Ensino Superior Incompleto ou Completo acreditam na permanência dos níveis de violência. A maior parte dos entrevistados, 44%, acredita que a violência diminuiu ou diminuiu

muito. 28% acredita que a violência permaneceu a mesma. A menor parte dos respondentes corresponde a 18,5%, que acredita que a violência aumentou ou aumentou muito.

Tabela 46: Distribuição da percepção da variação do risco nos últimos 12 meses dos entrevistados por Escolaridade (Sagrada Família / Belo Horizonte, 2019)

	Nunca foi à escola		Fundamental Incompleto		Fundamental Completo		Médio Incompleto	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Aumentou Muito	0	0,00%	0	0,00%	1	0,50%	1	0,50%
Aumentou	0	0,00%	4	2,00%	1	0,50%	0	0,00%
Permaneceu a mesma	0	0,00%	1	0,50%	3	1,50%	3	1,50%
Diminuiu	0	0,00%	6	3,00%	6	3,00%	10	5,00%
Diminuiu Muito	0	0,00%	2	1,00%	2	1,00%	0	0,00%
NS/NR	0	0,00%	1	0,50%	0	0,00%	1	0,50%
Total		0,00%	14	7,00%	13	6,50%	15	7,50%

	Médio Completo		Superior Incompleto		Superior Completo		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Aumentou Muito	1	0,50%	0	0,00%	3	1,50%	6	3,00%
Aumentou	15	7,50%	7	3,50%	4	2,00%	31	15,50%
Permaneceu a mesma	18	9,00%	8	4,00%	23	11,50%	56	28,00%
Diminuiu	35	17,50%	7	3,50%	12	6,00%	76	38,00%
Diminuiu Muito	6	3,00%	0	0,00%	2	1,00%	12	6,00%
NS/NR	6	3,00%	2	1,00%	9	4,50%	19	9,50%
Total	81	40,50%	24	12,00%	53	26,50%	200	100%

Fonte: Elaboração do autor

A maioria dos entrevistados das categorias de R\$2.005,00 à R\$8.640,00 e acima de R\$11.261,00 acreditam que a violência no Sagrada Família nos últimos 12 meses permaneceu a mesma. Nas demais categorias, os respondentes acreditam em maioria que a violência diminuiu ou diminuiu muito. Apesar de serem minoria, existem pessoas que acreditam que a violência aumentou ou aumentou muito em todas as categorias.

Tabela 47: Distribuição da percepção da variação do risco nos últimos 12 meses dos entrevistados por Renda (Sagrada Família / Belo Horizonte, 2019)

	De R\$0,00 à R\$1.254,00.		De R\$1.255,00 à R\$2.004,00.		De R\$2.005,00 à R\$8.640,00.		De R\$8.641,00 à R\$11.261,00.	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Aumentou muito	2	1,00%	1	0,50%	2	1,00%	0	0,00%
Aumentou	4	2,00%	5	2,50%	20	10,00%	1	0,50%
Permaneceu a mesma	5	2,50%	5	2,50%	35	17,50%	4	2,00%
Diminuiu	13	6,50%	20	10,00%	30	15,00%	4	2,00%
Diminuiu muito	3	1,50%	4	2,00%	3	1,50%	1	0,50%
NS/NR	5	2,50%	2	1,00%	10	5,00%	0	0,00%
Total	32	16,00%	37	18,50%	100	50,00%	10	5,00%
	Acima de R\$11.261,00.		NS/NR		Total			
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência		Percentual	
Aumentou muito	0	0,00%	1	0,50%	6		3,00%	
Aumentou	1	0,50%	0	0,00%	31		15,50%	
Permaneceu a mesma	4	2,00%	3	1,50%	56		28,00%	
Diminuiu	3	1,50%	6	3,00%	76		38,00%	
Diminuiu muito	0	0,00%	1	0,50%	12		6,00%	
NS/NR	0	0,00%	2	1,00%	19		9,50%	
Total	8	4,00%	13	6,50%	200		100,00%	

Fonte: Elaboração do autor

Tabela 48: Distribuição da percepção da variação do risco nos últimos 12 meses dos entrevistados por cor da pele (Sagrada Família / Belo Horizonte, 2019)

	Branco(a)		Negro(a)		Amarelo(a)		Pardo(a)		Indígena		NS/NR		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Aumentou muito	3	1,50%	1	0,50%	0	0,00%	2	1,00%	0	0,00%	0	0,00%	6	3,00%
Aumentou	13	6,50%	5	2,50%	1	0,50%	11	5,50%	1	0,50%	0	0,00%	31	15,50%
Permaneceu a mesma	22	11,00%	8	4,00%	4	2,00%	22	11,00%	0	0,00%	0	0,00%	56	28,00%
Diminuiu	30	15,00%	16	8,00%	1	0,50%	28	14,00%	0	0,00%	1	0,50%	76	38,00%
Diminuiu muito	5	2,50%	2	1,00%	0	0,00%	5	2,50%	0	0,00%	0	0,00%	12	6,00%
NS/NR	7	3,50%	3	1,50%	0	0,00%	8	4,00%	1	0,50%	0	0,00%	19	9,50%
Total	80	40,00%	35	17,50%	6	3,00%	76	38,00%	2	1,00%	0	0,00%	200	100,00%

Fonte: Elaboração do autor

Sobre a cor da pele, a maioria dos membros dos grupos que se autodeclararam brancos, e negros acreditam que a violência diminuiu. Para o grupo Amarelo, a maioria acredita na permanência dos índices e os indígenas estão divididos entre os que acreditam no aumento e os que não sabem responder.

Os dados nos permitem observar que, de maneira geral, a maioria dos frequentadores das praças em que foram realizadas as pesquisas acreditam que a violência diminuiu ou diminuiu muito, seguidos por aqueles que acreditam que permaneceu a mesma. Entretanto, é possível observar que na praça do Grotá há uma quantidade consideravelmente maior de pessoas que acreditam que a violência aumentou ou aumentou muito em relação à Nilo Peçanha. Destacam-se as mulheres, que demonstraram uma percepção sobre um possível aumento da violência maior que as demais categorias. Observou-se que, em

relação à escolaridade, o grupo com Superior Incompleto é o único que a maioria acredita na permanência dos índices de violência.

Sensação de Segurança

A sensação de segurança possui diversos fatores muito pessoais de cada indivíduo. Entretanto, em busca de uma análise exploratória, organizamos os dados obtidos com a pesquisa em relação às variáveis sexo, idade, escolaridade e renda, em busca de padrões e elementos que se destaquem na estatística levantada.

Tabela 49: Distribuição da Sensação de Segurança dos entrevistados durante o dia por praça (Sagrada Família / Belo Horizonte, 2019)

	Nilo Peçanha		Grota		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Muito seguro	12	6,00%	8	4,00%	20	10,00%
Seguro	66	33,00%	55	27,50%	121	60,50%
Pouco Seguro	14	7,00%	20	10,00%	34	17,00%
Inseguro	7	3,50%	16	8,00%	23	11,50%
NS/NR	1	0,50%	1	0,50%	2	1,00%
Total	100	50,00%	100	50,00%	200	100,00%

Fonte: Elaboração do autor

Tabela 50: Distribuição da Sensação de Segurança dos entrevistados durante a noite por praça (Sagrada Família / Belo Horizonte, 2019)

	Nilo Peçanha		Grota		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Muito seguro	6	3,00%	6	3,00%	12	6,00%
Seguro	35	17,50%	16	8,00%	51	25,50%
Pouco Seguro	23	11,50%	22	11,00%	45	22,50%
Inseguro	26	13,00%	46	23,00%	72	36,00%
NS/NR	10	5,00%	10	5,00%	20	10,00%
Total	100	50,00%	100	50,00%	200	100,00%

Fonte: Elaboração do autor

Sobre a sensação de segurança dos frequentadores de ambas as praças do bairro Sagrada Família durante o dia, é possível observar que a maioria, 70,50% se sente segura ou muito segura. É possível observar que há mais entrevistados se sentindo seguros ou muito seguros na praça Nilo Peçanha. Mas a principal observação foi a influência do período do dia na sensação de segurança dos frequentadores de ambas as praças, que em maioria afirmam sentirem-se seguros durante o dia, mas o contrário acontece durante a noite. A maioria dos entrevistados se sentem pouco seguros ou inseguros durante a noite, principalmente na praça do Grotá.

Dos 70,50% que se sente segura ou muito segura, apenas 29,5% é mulher. Essa diferença na sensação de segurança entre os sexos fica mais evidente quando se observa que 19,5% das mulheres se sentem pouco seguras ou inseguras, e apenas 9% dos homens se sentem da mesma forma.

Tabela 51: Distribuição da Sensação de Segurança dos entrevistados durante o dia por sexo (Sagrada Família / Belo Horizonte, 2019)

	Feminino		Masculino		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Muito Seguro	5	2,50%	15	7,50%	20	10,00%
Seguro	54	27,00%	67	33,50%	121	60,50%
Pouco Seguro	24	12,00%	10	5,00%	34	17,00%
Inseguro	15	7,50%	8	4,00%	23	11,50%
NS/NR	2	1,00%	0	0,00%	2	1,00%
Total	100	50%	100	50%	200	100%

Fonte: Elaboração do autor

No período da noite a diferença entre os sexos é maior. Enquanto 22% dos homens afirmam se sentirem seguros ou muito seguros, apenas 9,5% das mulheres desfrutam da mesma sensação. A opção mais frequente entre os entrevistados foi inseguro, o menor nível utilizado na pesquisa, revelando uma considerável diferença na sensação de segurança entre os diferentes períodos do dia.

Tabela 52: Distribuição da Sensação de Segurança dos entrevistados durante a noite por sexo (Sagrada Família / Belo Horizonte, 2019)

	Feminino		Masculino		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Muito Seguro	3	1,50%	9	4,50%	12	6,00%
Seguro	16	8,00%	35	17,50%	51	25,50%
Pouco Seguro	22	11,00%	23	11,50%	45	22,50%
Inseguro	50	25,00%	22	11,00%	72	36,00%
NS/NR	9	4,50%	11	5,50%	20	10,00%
Total	100	50%	100	50%	200	100%

Fonte: Elaboração do autor

Em todas as análises sobre a variável sexo, foi observada uma maior sensação de insegurança por parte das mulheres. Para ambos os sexos, é possível observar que há uma menor sensação de segurança durante o período noturno.

Durante o dia, observa-se que a faixa etária que mais se sente pouco segura ou insegura é das pessoas entre 31-40 anos. Entretanto, não há grandes diferenças entre as faixas etárias, prevalecendo entre todas as idades a sensação de estarem seguras ou muito seguras durante o dia, atingindo um total de 70,5%. Destacam-se os entrevistados entre 51-60 anos, que foi a faixa etária que mais afirmou sentir-se segura ou muito segura, alcançando 17,5% dos respondentes.

Tabela 53: Distribuição da Sensação de Segurança dos entrevistados durante o dia por idade (Sagrada Família / Belo Horizonte, 2019)

	18-30		31-40		41-50	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Muito Seguro	4	2,00%	2	1,00%	6	3,00%
Seguro	24	12,00%	22	11,00%	20	10,00%
Indiferente	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%
Pouco Seguro	9	4,50%	9	4,50%	9	4,50%
Inseguro	3	1,50%	6	3,00%	5	2,50%
NS/NR	0	0,00%	1	0,50%	0	0,00%
Total	40	20,00%	40	20,00%	40	20,00%
	51-60		> 60		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Muito Seguro	6	3,00%	2	1,00%	20	10,00%
Seguro	29	14,50%	26	13,00%	121	60,50%
Indiferente	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%
Pouco Seguro	2	1,00%	5	2,50%	34	17,00%
Inseguro	3	1,50%	6	3,00%	23	11,50%
NS/NR	0	0,00%	1	0,50%	2	1,00%
Total	40	20,00%	40	20,00%	200	100,00%

Fonte: Elaboração do autor

Ao analisar a sensação de segurança no período da noite, observa-se que em todos os grupos etários há uma maior sensação de insegurança durante a noite. 56,5% dos entrevistados afirmaram sentirem-se pouco seguros ou inseguros no período noturno. Destacam-se os respondentes entre 31-40 anos, em que 14% afirmaram se sentir pouco seguros ou inseguros durante a noite. O grande aumento de pessoas que não sabem responder pode indicar que o entrevistado não sabe responder por não frequentar o espaço durante a noite.

Tabela 54: Distribuição da Sensação de Segurança dos entrevistados durante a noite por Idade (Sagrada Família / Belo Horizonte, 2019)

	18-30		31-40		41-50	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Muito Seguro	3	1,50%	0	0,00%	6	3,00%
Seguro	11	5,50%	10	5,00%	8	4,00%
Indiferente	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%
Pouco Seguro	10	5,00%	11	5,50%	8	4,00%
Inseguro	15	7,50%	17	8,50%	15	7,50%
NS/NR	1	0,50%	2	1,00%	3	1,50%
Total	40	20,00%	40	20,00%	40	20,00%
	51-60		> 60		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Muito Seguro	2	1,00%	1	0,50%	12	6,00%
Seguro	11	5,50%	11	5,50%	51	25,50%
Indiferente	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%
Pouco Seguro	12	6,00%	4	2,00%	45	22,50%
Inseguro	10	5,00%	15	7,50%	72	36,00%
NS/NR	5	2,50%	9	4,50%	20	10,00%
Total	40	20,00%	40	20,00%	200	100,00%

Fonte: Elaboração do autor

É possível observar que, em todas as categorias, a maioria dos entrevistados afirmaram sentirem-se seguros ou muito seguros durante o dia. A categoria que apresentou maior nível de insegurança foi Ensino Médio Completo, com 11% dos entrevistados que afirmam sentirem-se pouco seguros ou inseguros.

Tabela 55: Distribuição da Sensação de Segurança dos entrevistados durante o dia por Escolaridade (Sagrada Família / Belo Horizonte, 2019)

	Nunca foi à escola		Fundamental Incompleto		Fundamental Completo		Médio Incompleto	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Muito Seguro	0	0,00%	3	1,50%	0	0,00%	3	1,50%
Seguro	0	0,00%	6	3,00%	8	4,00%	9	4,50%
Indiferente	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%
Pouco Seguro	0	0,00%	3	1,50%	3	1,50%	0	0,00%
Inseguro	0	0,00%	2	1,00%	2	1,00%	3	1,50%
NS/NR	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%
Total	0	0,00%	14	7,00%	13	6,50%	15	7,50%
	Médio Completo		Superior Incompleto		Superior Completo		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Muito Seguro	7	3,50%	1	0,50%	6	3,00%	20	10,00%
Seguro	51	25,50%	12	6,00%	35	17,50%	121	60,50%
Indiferente	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%
Pouco Seguro	13	6,50%	9	4,50%	6	3,00%	34	17,00%
Inseguro	9	4,50%	2	1,00%	5	2,50%	23	11,50%
NS/NR	1	0,50%	0	0,00%	1	0,50%	2	1,00%
Total	81	40,50%	24	12,00%	53	26,50%	200	100%

Fonte: Elaboração do autor

As diversas variáveis já trabalhadas permitem constatar que há uma menor sensação de segurança durante a noite. Mas em busca de verificar algum possível efeito da escolaridade e a sensação de segurança no período noturno, foram confrontados também os níveis de escolaridade com a sensação de segurança durante o período noturno. Os resultados obtidos estão na tabela abaixo. É possível perceber que, em todas as categorias, a sensação de segurança é consideravelmente menor no período noturno em relação ao diurno.

Tabela 56: Distribuição da Sensação de Segurança dos entrevistados durante a noite por Escolaridade (Sagrada Família / Belo Horizonte, 2019)

	Nunca foi à escola		Fundamental Incompleto		Fundamental Completo		Médio Incompleto	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Muito Seguro	0	0,00%	2	1,00%	0	0,00%	1	0,50%
Seguro	0	0,00%	4	2,00%	2	1,00%	4	2,00%
Indiferente	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%
Pouco Seguro	0	0,00%	3	1,50%	2	1,00%	3	1,50%
Inseguro	0	0,00%	5	2,50%	7	3,50%	7	3,50%
NS/NR	0	0,00%	0	0,00%	2	1,00%	0	0,00%
Total	0	0,00%	14	7,00%	13	6,50%	15	7,50%
	Médio Completo		Superior Incompleto		Superior Completo		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Muito Seguro	4	2,00%	1	0,50%	4	2,00%	12	6,00%
Seguro	29	14,50%	3	1,50%	9	4,50%	51	25,50%
Indiferente	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%
Pouco Seguro	13	6,50%	7	3,50%	17	8,50%	45	22,50%
Inseguro	23	11,50%	12	6,00%	18	9,00%	72	36,00%
NS/NR	12	6,00%	1	0,50%	5	2,50%	20	10,00%
Total	81	40,50%	24	12,00%	53	26,50%	200	100%

Fonte: Elaboração do autor

Com relação à renda, a maioria de todas as categorias se sente segura ou muito segura na área das praças durante o dia.

Tabela 57: Distribuição da Sensação de Segurança dos entrevistados durante o dia por Renda (Sagrada Família / Belo Horizonte, 2019)

	De R\$0,00 à R\$1.254,00.		De R\$1.255,00 à R\$2.004,00.		De R\$2.005,00 à R\$8.640,00.		De R\$8.641,00 à R\$11.261,00.	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Muito Seguro	3	1,50%	1	0,50%	12	6,00%	1	0,50%
Seguro	22	11,00%	22	11,00%	58	29,00%	5	2,50%
Indiferente	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%
Pouco Seguro	3	1,50%	7	3,50%	19	9,50%	4	2,00%
Inseguro	3	1,50%	6	3,00%	11	5,50%	0	0,00%
NS/NR	1	0,50%	1	0,50%	0	0,00%	0	0,00%
Total	32	16,00%	37	18,50%	100	50,00%	18	9,00%
	Acima de R\$11.261,00.		NS/NR		Total			
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência		Percentual	
Muito Seguro	1	0,50%	2	1,00%	20		10,00%	
Seguro	6	3,00%	8	4,00%	121		60,50%	
Indiferente	0	0,00%	0	0,00%	0		0,00%	
Pouco Seguro	0	0,00%	1	0,50%	34		17,00%	
Inseguro	1	0,50%	2	1,00%	23		11,50%	
NS/NR	0	0,00%	0	0,00%	2		1,00%	
Total	8	4,00%	13	6,50%	200		100,00%	

Fonte: Elaboração do autor

É possível observar que, em todas as categorias, a maioria dos entrevistados se sentem pouco seguros ou inseguros nas praças durante a noite. As menores diferenças entre os que se sentem muito seguros e seguros em relação aos que se sentem pouco seguros ou inseguros se deu nas categorias em posições mais extremas, como de R\$0,00 a R\$1.254,00, acima de R\$11.261,00 e os que não responderam sobre suas rendas.

Tabela 58: Distribuição da Sensação de Segurança dos entrevistados durante a noite por Renda (Sagrada Família / Belo Horizonte, 2019)

	De R\$0,00 à R\$1.254,00.		De R\$1.255,00 à R\$2.004,00.		De R\$2.005,00 à R\$8.640,00.		De R\$8.641,00 à R\$11.261,00.	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Muito Seguro	3	1,50%	0	0,00%	6	3,00%	0	0,00%
Seguro	11	5,50%	8	4,00%	24	12,00%	2	1,00%
Indiferente	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%
Pouco Seguro	3	1,50%	6	3,00%	26	13,00%	6	3,00%
Inseguro	12	6,00%	18	9,00%	33	16,50%	2	1,00%
NS/NR	3	1,50%	5	2,50%	11	5,50%	0	0,00%
Total	32	16,00%	37	18,50%	100	50,00%	10	5,00%
	Acima de R\$11.261,00.		NS/NR		Total			
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência		Percentual	
Muito Seguro	1	0,50%	2	1,00%	12		6,00%	
Seguro	2	1,00%	4	2,00%	51		25,50%	
Indiferente	0	0,00%	0	0,00%	0		0,00%	
Pouco Seguro	2	1,00%	2	1,00%	45		22,50%	
Inseguro	2	1,00%	5	2,50%	72		36,00%	
NS/NR	1	0,50%	0	0,00%	20		10,00%	
Total	8	4,00%	13	6,50%	200		100,00%	

Fonte: Elaboração do autor

Em todas as categorias, pode-se observar que a maioria se sente seguro durante o dia, mas não se pode dizer o mesmo no período noturno, demonstrando que, além das variáveis analisadas, o horário do dia é um fator de grande relevância na sensação de segurança das pessoas entrevistadas.

Organizando os dados de acordo com a cor autodeclarada dos entrevistados, é possível identificar que, com exceção dos que se classificam como amarelos, em todos os grupos a maioria dos entrevistados afirmou sentir-se seguro ou muito seguro ao andar pelas praças durante o dia.

Tabela 59: Distribuição da Sensação de Segurança dos entrevistados durante o dia por Cor da pele (Sagrada Família / Belo Horizonte, 2019)

	Branco(a)		Negro(a)		Amarelo(a)		Pardo(a)		Indígena		NS/NR		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Muito seguro	8	4,00%	4	2,00%	0	0,00%	7	3,50%	0	0,00%	1	0,50%	20	10,00%
Seguro	49	24,50%	22	11,00%	2	1,00%	46	23,00%	2	1,00%	0	0,00%	121	60,50%
Pouco Seguro	11	5,50%	6	3,00%	3	1,50%	14	7,00%	0	0,00%	0	0,00%	34	17,00%
Inseguro	11	5,50%	3	1,50%	1	0,50%	8	4,00%	0	0,00%	0	0,00%	23	11,50%
NS/NR	1	0,50%	0	0,00%	0	0,00%	1	0,50%	0	0,00%	0	0,00%	2	1,00%
Total	80	40,00%	35	17,50%	6	3,00%	76	38,00%	2	1,00%	1	0,50%	200	100,00%

Fonte: elaboração do autor

Conforme a tabela abaixo, durante o período noturno essa distribuição muda consideravelmente, e em todos os grupos, a maioria dos entrevistados afirmou sentir-se pouco seguro ou inseguro. Novamente com exceção da categoria Amarelo, a resposta mais frequente nas demais divisões foi “Inseguro”.

Tabela 60: Distribuição da Sensação de Segurança dos entrevistados durante a noite por Cor da pele (Sagrada Família / Belo Horizonte, 2019)

	Branco(a)		Negro(a)		Amarelo(a)		Pardo(a)		Indígena		NS/NR		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Muito seguro	3	1,50%	3	1,50%	0	0,00%	5	2,50%	0	0,00%	1	0,50%	12	6,00%
Seguro	22	11,00%	8	4,00%	0	0,00%	21	10,50%	0	0,00%	0	0,00%	51	25,50%
Pouco Seguro	13	6,50%	9	4,50%	3	1,50%	19	9,50%	1	0,50%	0	0,00%	45	22,50%
Inseguro	34	17,00%	12	6,00%	2	1,00%	23	11,50%	1	0,50%	0	0,00%	72	36,00%
NS/NR	8	4,00%	3	1,50%	1	0,50%	8	4,00%	0	0,00%	0	0,00%	20	10,00%
Total	80	40,00%	35	17,50%	6	3,00%	76	38,00%	2	1,00%	1	0,50%	200	100,00%

Fonte: Elaboração do autor

Vitimização

Além de se considerar um alvo atrativo à criminalidade, a vitimização anterior, ou mesmo a vitimização de conhecidos e vizinhos, é outro fator que influencia o indivíduo em seu risco percebido de vitimização (FERNANDES E RODRIGUES, 2007). O estudo de GAROFALO (1979) afirma que indivíduos vitimados anteriormente na vida tendem a sentir mais medo. Isso também se aplica na percepção de risco na vizinhança (TAUB, TAYLOR & DUNHAM, 1981 apud FERNANDES E RODRIGUES, 2007).

Outros estudos indicam que essa relação não é tão forte, como os de FORDE, (1993) e TAYLOR (1996), mas ainda assim o presente trabalho considera importante verificar alguma influência de diversos fatores demográficos, ecológicos e de atividades rotineiras dos frequentadores do bairro mais populoso de Belo Horizonte, portanto serão analisadas abaixo as taxas de vitimização, vitimização vicária e na vizinhança dos entrevistados.

Tabela 61: Distribuição dos entrevistados por vitimização direta (Sagrada Família / Belo Horizonte, 2019)

	Nilo Peçanha		Grotá		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Sim	44	22,00%	42	21,00%	86	43,00%
Não	56	28,00%	58	29,00%	114	57,00%
NS/NR	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%
Total	100	50,00%	100	50,00%	200	100,00%

Fonte: Elaboração do autor

Quando questionados por algum evento de vitimização anterior, apenas 43% dos entrevistados afirmaram já ter sido vítima de crime em algum momento. Apresentando uma pequena diferença de 1% entre as praças, em que há mais frequentadores da Nilo Peçanha que já foram vitimados. Os crimes relatados pelos respondentes se distribuem da seguinte forma:

Tabela 62: Distribuição dos crimes que os respondentes já foram vitimados (Sagrada Família / Belo Horizonte, 2019)

	Nilo Peçanha		Grotá		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Agressão Física	3	3,23%	3	3,23%	6	6,45%
Agressão Sexual	1	1,08%	1	1,08%	2	2,15%
Furto	8	8,60%	9	9,68%	17	18,28%
Roubo	29	31,18%	25	26,88%	54	58,06%
Tentativa de Homicídio	2	2,15%	1	1,08%	3	3,23%
NS/NR	5	5,38%	6	6,45%	11	11,83%
Total	48	51,61%	45	48,39%	93	100,00%

Fonte: Elaboração do autor

Considerando que alguns respondentes relataram mais de um crime, e que alguns não souberam ou não quiseram especificar o tipo de delito, obteve-se um total de 92 crimes sofridos pelos entrevistados.

Novamente o Roubo aparece em evidência, representando 58,06% dos relatos de crimes captados pelo survey, bem mais frequente que o segundo colocado, Furto, com 18,28%. De fato, os dados da PMMG corroboram com esse destaque em relação a esses crimes, já que roubo foi o 3º crime mais frequente em 2016, representando 6,25% das ocorrências; 7º em 2017, representando 4,68%; 4º em 2018

com 4,67% e 7° em 2019 com 4,80%. Sobre os furtos, 2° em 2016 com 8%; 3° em 2017, com 5,35%; 3° em 2018 com 5,67%; e 3° em 2019% com 7,42%. Apesar de existir mais medo em relação aos roubos, os furtos são mais frequentes. Provavelmente, o crime de roubo é mais temido por existir contato entre o criminoso e a vítima, correndo risco de violência física.

Uma outra forma de mensurar a vitimização é perguntando se pessoas próximas já foram vítimas de crimes. Dependendo de quem foi a pessoa vitimada, o feito pode ser tão profundo como a vitimização direta. É o que chamamos de vitimização vicária, conceito que descreve a ocorrência de vitimização não com o agente em si, mas com alguma pessoa conhecida. A pesquisa de Percepção do Medo afirma que tomar conhecimento sobre esses eventos com pessoas conhecidas pode afetar a percepção do indivíduo acerca da realidade. A tabela abaixo contém a distribuição da vitimização vicária relatada pelos 200 entrevistados.

Tabela 63: Distribuição da vitimização vicária dos entrevistados por crime (Sagrada Família / Belo Horizonte, 2019)

		Nilo Peçanha		Grotá		Total	
		Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Residência Invasida	Sim	45	22,50%	46	23,00%	91	45,50%
	Não	55	27,50%	53	26,50%	108	54,00%
	NS/NR	0	0,00%	1	0,50%	1	0,50%
	Total	100	50,00%	100	50,00%	200	100,00%
Roubo/Assalto	Sim	86	43,00%	82	41,00%	168	84,00%
	Não	14	7,00%	17	8,50%	31	15,50%
	NS/NR	0	0,00%	1	0,50%	1	0,50%
	Total	100	50,00%	100	50,00%	200	100,00%
Roubo/Arrombamento de Veículo	Sim	71	35,50%	70	35,00%	141	70,50%
	Não	29	14,50%	29	14,50%	58	29,00%
	NS/NR	0	0,00%	1	0,50%	1	0,50%
	Total	100	50,00%	100	50,00%	200	100,00%

Fonte: Elaboração do autor

Quando questionados sobre a vitimização de pessoas conhecidas, novamente há destaque para crime de roubo à pessoa, em que 84% dos entrevistados afirmou conhecer alguém que foi vítima desse tipo de crime, seguida por roubos e furtos de veículos, em que 70,5% dos respondentes confirmaram conhecer alguém que passou por essa experiência. Em geral, a maioria dos entrevistados conhece alguém que foi vítima de algum crime.

A praça Nilo Peçanha se destacou em relação ao crime de roubos/assaltos e roubos/furtos à

veículos, enquanto a praça do Grotá se destacou em relação ao delito de residência invadida.

Dados da PMMG e as notícias divulgadas nos sites do Super e Estado de Minas reforçam esse destaque dos crimes de furto e roubo. Furtos representam 8% dos crimes registrados no bairro em 2016, com 1 notícia divulgada no Super; 5,35% em 2017, com 1 registro no site do Super; 5,67% em 2018, sem registros na imprensa; 7,42% em 2019, também sem registros na imprensa.

Foi analisada também a diferença entre a vitimização vicária e na vizinhança, já que esta última possui uma demarcação geográfica, relacionada ao local em que o indivíduo mora. Para verificar esse fator, foram utilizadas perguntas sobre roubos e assaltos em comércios, e homicídios consumados ou tentados, que estão registrados na tabela abaixo.

Tabela 64: Distribuição da vitimização na vizinhança dos entrevistados por crime (Sagrada Família / Belo Horizonte, 2019)

		Nilo Peçanha		Grotá		Total	
		Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Roubos/Assaltos em Comércios	Sim	68	34,00%	68	34,00%	136	68,00%
	Não	32	16,00%	30	15,00%	62	31,00%
	NS/NR	0	0,00%	2	1,00%	2	1,00%
	Total	100	50,00%	100	50,00%	200	100,00%
Assassinatos ou Tentativas	Sim	27	13,50%	52	26,00%	79	39,50%
	Não	73	36,50%	48	24,00%	121	60,50%
	NS/NR	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%
	Total	100	50,00%	100	50,00%	200	100,00%

Fonte: Elaboração do autor

Novamente há algum destaque para roubos, já que 68% dos entrevistados afirmou ter conhecimento dessa prática em algum estabelecimento próximo à sua residência. Homicídios tentados ou consumados próximos à residência foram relatados por 79%. Por ser um crime tão grave, esse tipo de informação costuma ser fidedigna, pois é rapidamente noticiado na região, e a praça do Grotá apresentou números consideravelmente maiores sobre o conhecimento desse tipo de ocorrência na região.

Os dados de homicídios apresentados pela PMMG e pelos sites do Super e Estado de Minas confirmam os dados, no sentido de não ser um dos crimes com maior frequência no bairro, mas que ocorre em todos os anos, sendo 0,99% dos crimes ocorridos em 2016, com 1 registro no Super e 1 no Estado de Minas; 0,67% em 2017, com 1 registro de homicídio tentado no Super; 1,33% dos crimes registrados pela

PMMG em 2018, com 1 registro no Super e 1 no Estado de Minas; 1,31% dos crimes registrados em 2019 até 21/08/2019, com apenas 1 registro de homicídio tentado no Super.

Considerando a possibilidade da influência da vitimização direta, vicária ou na vizinhança, pode-se esperar, em média, esse efeito sobre os entrevistados, pois a maioria já teve algum tipo contato com vitimização por crime, principalmente os roubos e furtos, conforme observado durante a pesquisa.

O estudo realizado por Zhao, Scheider e Thurman (2002), verificou a extensão da presença de projetos e de estratégias da polícia (incluindo experiências de policiamento comunitário) na redução do medo do crime e na satisfação da população com esse órgão de controle. Como conclusão, obteve-se que o aumento da presença de policiais diminui a sensação pública de medo de crimes (CAMINHAS, 2010).

Resultados semelhantes foram encontrados em estudos como Baker et al. (1983) Box, Hale e Andrews (1988: 353) (CAMINHAS, 2010), e por existir todo esse robusto embasamento teórico que caracteriza o medo do crime como uma consequência da ausência da instituição policial, o presente trabalho considera necessário verificar também a influência da presença da Base Comunitária Móvel da Polícia Militar do Estado de Minas Gerais na sensação de segurança dos frequentadores das praças Nilo Peçanha e Grota, no bairro Sagrada Família.

Percepção sobre as bases comunitárias

Os dados abaixo relatam o conhecimento da população sobre a política pública, e a comparação dos entrevistados com o período antes da política e agora, nos períodos do dia e da noite, uma vez que a base só se faz presente no período noturno.

Tabela 65: Distribuição do conhecimento do entrevistado sobre a existência da política pública (Sagrada Família / Belo Horizonte, 2019)

	Nilo Peçanha		Grota		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Sim	90	45,00%	83	41,50%	173	86,50%
Não	10	5,00%	17	8,50%	27	13,50%
NS/NR	0	0,00%	0	0,00%	0	0
Total	100	50%	100	50%	200	100%

Fonte: Elaboração do autor

A Base Comunitária Móvel instalada na praça Nilo Peçanha é conhecida por 86,50% dos

respondentes, sendo assim a grande maioria dos entrevistados. Mas ela também é bastante conhecida na praça do Grotá, sendo a diferença estatisticamente insignificante.

Os entrevistados também foram questionados se acreditam que a implementação da política pública tornou o bairro mais seguro. Conforme a tabela abaixo, para 66,50% houve uma melhora na segurança do bairro após a instalação da Base Comunitária Móvel na praça Nilo Peçanha. Por meio do teste qui-quadrado, verificou-se associação estatisticamente significativa em relação à praça em que se realizou a entrevista. Portanto, em média, o efeito positivo é melhor percebido pelos frequentadores da praça Nilo Peçanha, apesar de o teste não estabelecer relação causal.

Tabela 66: Aprovação do resultado da Base Comunitária Móvel na redução da violência (Sagrada Família / Belo Horizonte, 2019)

	Nilo Peçanha		Grotá		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Sim	79	39,50%	54	27,00%	133	66,50%
Não	14	7,00%	36	18,00%	50	25,00%
NS/NR	7	3,50%	10	5,00%	17	8,50%
Total	100	50%	100	50%	200	100%

Fonte: Elaboração do autor

A tabela abaixo contém a sensação de segurança dos entrevistados durante a noite após a instalação da Base Comunitária Móvel:

Tabela 67: Comparação da atual sensação de segurança com a de antes da Base Comunitária Móvel durante o dia (Sagrada Família / Belo Horizonte, 2019)

	Nilo Peçanha		Grotá		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Muito mais seguro	6	3,00%	2	1,00%	8	4,00%
Mais Seguro	48	24,00%	30	15,00%	78	39,00%
Indiferente	29	14,50%	32	16,00%	61	30,50%
Mais Inseguro	11	5,50%	22	11,00%	33	16,50%
Muito mais inseguro	2	1,00%	5	2,50%	7	3,50%
NS/NR	4	2,00%	9	4,50%	13	6,50%
Total	100	50,00%	100	50,00%	200	100,00%

Fonte: Elaboração do autor

A tabela acima permite observar que 43% dos entrevistados se sentem mais seguros ou muito mais seguros após a instalação da Base Comunitária Móvel na praça Nilo Peçanha durante o dia. Em seguida, há a fração dos respondentes que se sentem indiferentes sobre a política pública. Comparando os dados entre as praças, é possível perceber que há mais frequentadores da praça Nilo Peçanha, que usufruem da presença da política, se sentindo mais seguros durante o dia.

Durante a noite, há um grande aumento de pessoas que não sabem responder, muitas vezes por não terem o hábito de sair de casa durante a noite e também dos que afirmam se sentirem mais inseguros ou muito mais inseguros.

Tabela 68: Comparação da atual sensação de segurança com a de antes da Base Comunitária Móvel durante a noite (Sagrada Família / Belo Horizonte, 2019)

	Nilo Peçanha		Grotá		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Muito mais seguro	7	3,50%	3	1,50%	10	5,00%
Mais Seguro	36	18,00%	13	6,50%	49	24,50%
Indiferente	24	12,00%	30	15,00%	54	27,00%
Mais Inseguro	13	6,50%	23	11,50%	36	18,00%
Muito mais inseguro	6	3,00%	16	8,00%	22	11,00%
NS/NR	14	7,00%	15	7,50%	29	14,50%
Total	100	50,00%	100	50,00%	200	100,00%

Fonte: Elaboração do autor

Apesar da redução de entrevistados que afirmam se sentirem mais seguros ou muito mais seguros, eles ainda são maioria, com 29,5%, seguidos pelos que se sentem mais inseguros, com 29% e os indiferentes, que são 27%. É possível observar que as opiniões estão bastante divididas. Durante o período da noite, a diferença entre as praças se acentua, conforme pode-se observar, há mais que o dobro de pessoas se sentindo mais inseguras ou muito mais inseguras na praça que não possui Base Comunitária Móvel.

Quando questionados se acreditam que a política das Bases Comunitárias Móveis deve se expandir para o resto do bairro, 94% dos entrevistados confirmou esse anseio, reafirmando a visão positiva que têm da política pública.

Tabela 69: Distribuição dos entrevistados que anseiam a expansão das Bases Comunitárias Móveis no bairro Sagrada Família (Sagrada Família / Belo Horizonte, 2019)

	Nilo Peçanha		Grotá		Total	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Sim	92	46,00%	96	48,00%	188	94,00%
Não	4	2,00%	3	1,50%	7	3,50%
NS/NR	4	2,00%	1	0,50%	5	2,50%
Total	100	50%	100	50%	200	100%

Fonte: Elaboração do autor

Portanto, os dados nos permitem observar que há uma aprovação consideravelmente maior na praça que se beneficia diretamente da política pública. Apesar de em ambas as praças as pessoas se sentirem mais seguras durante o dia, a praça Nilo Peçanha possui a maioria de seus membros sentindo-se seguros tanto de dia quanto de noite. É importante destacar que a grande maioria dos entrevistados, em ambas as praças, acreditam que a política das Bases Comunitárias Móveis deveria ser expandida para o resto do bairro. Essas informações nos permitem observar que a estratégia de policiamento comunitário vem conquistando a aprovação dos cidadãos, aparentando cumprir os objetivos de uma melhor relação com o cidadão e de melhora na sensação de segurança, conforme apontado por Caminhas (2010). A diferença entre as praças indica elementos que contribuem para a ideia do policiamento como um mecanismo de redução do medo do crime (SILVA, BEATO FILHO, 2013).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou apresentar diversos conceitos de medo desenvolvidos ao longo do tempo, a fim de demonstrar sua complexa e subjetiva dimensão, cuja discussão acadêmica ganhou visibilidade mundial após os anos 1960, e especificamente no Brasil após 1980, e até hoje desperta o interesse científico na obtenção de maior compreensão e consenso.

O estudo aprofundou-se ao tratar da percepção do risco, considerando suas individualidades emocionais e cognitivas, buscando diferenciar sua versão percebida da objetiva, tratando determinantes de risco que, em interação no espaço urbano, esclarecem observações de diversos autores sobre características sociodemográficas e suas diversas percepções de risco de vitimização por crime.

Observou-se um esforço de modernização da Polícia Militar no sentido de se adequar às mudanças da sociedade, buscando um desenvolvimento dos aspectos social e sustentável, considerando uma maior diversidade social e reconhecendo a necessidade de um aperfeiçoamento por parte da qualificação, do aparato tecnológico e da atualização de conceitos. A estratégia utilizada em Minas Gerais para cumprir essa função de policiamento comunitário é a política pública das Bases Comunitárias Móveis, que o presente trabalho buscou caracterizar, apresentando sua origem e objetivos.

Em pesquisa sobre o bairro Sagrada Família, verificou-se que é um bairro antigo, extenso e populoso, que sofre com a presença da criminalidade, mas se comparado com os demais bairros de Belo Horizonte, não é considerado um bairro violento. Destaca-se os roubos e furtos que amedrontam a população, principalmente após o ano de 2016, em que houve notícia jornalística exclusiva sobre o Sagrada Família, relatando um grande aumento desses crimes em seu território, mas também algum nível de organização social, por meio da Associação de Moradores e Empresários do bairro, a AME Sagrada Família.

O *survey* de 200 questionários aplicados nas praças Nilo Peçanha, que dispõe de uma Base Comunitária Móvel, e Grota, que não é beneficiária direta da política pública, apresentou entrevistados distribuídos igualmente entre sexo e idade, de maioria solteiros, negros, com ensino médio completo, que exercem atividade remunerada, renda entre R\$2.005,00 à R\$8.640,00 e com níveis maiores de exposição individual, já que a maioria costuma sair à noite por razões de lazer.

Os crimes que apresentaram associação estatisticamente significativa em relação às diferenças entre as praças foram: invasão de residência, carro ou moto furtados ou roubados, brigas e agressões físicas e

agressão sexual. O crime de roubo e assalto, apesar de não possuir a mesma relação, foi o crime de que a maior parte dos entrevistados afirmou ter medo, portanto, também foi analisado.

Apesar do medo apresentado pelos entrevistados, verificou-se que a maioria acredita na redução da violência nos últimos 12 meses, e se sente segura ao caminhar pelas praças durante o dia, apesar de a praça Nilo Peçanha apresentar níveis melhores de sensação de segurança dos respondentes. Não se pode dizer o mesmo durante o período da noite, ficando constatado que o período do dia é um fator de forte influência na sensação de segurança dos entrevistados.

A maior parte dos respondentes nunca foi diretamente vítima de algum crime, mas indiretamente a grande maioria já tomou conhecimento de alguma experiência desse tipo com pessoas próximas, o que certamente aumenta seus medos e reduz sua sensação de segurança. O medo de alguns crimes se destaca em determinados grupos, como agressão sexual entre as mulheres, principalmente as mais pobres.

O presente trabalho possibilitou constatar que, apesar de não causar uma grande alteração no número de boletins de ocorrência, ou nas notícias sobre crimes no bairro, a Base Comunitária Móvel possui o apoio da população, que se sente mais segura, principalmente na praça em que há a política. Mesmo a maioria não se sentindo segura durante o período da noite, verificou-se que a maioria se sente melhor em relação ao período anterior à adoção da política em todos os períodos do dia.

Por essas razões, o presente trabalho considera que a Base Comunitária Móvel instalada na praça Nilo Peçanha aumenta a sensação de segurança e, conseqüentemente, contribui para o bem-estar dos frequentadores das praças Nilo Peçanha e Grota, especialmente a primeira, que usufrui diretamente da política. Constata-se que há diferença entre as praças ao realizar um teste qui-quadrado, que apresentou associação estatisticamente significativa em relação à mudança na sensação de segurança dos frequentadores após a instalação das Bases Comunitárias Móveis, durante o dia e principalmente durante a noite. A política é uma estratégia alinhada às novas tendências, que vem agradando a população, que anseia por sua ampliação, com a instalação de novas bases no bairro, em especial na praça do Grota.

REFERÊNCIAS

- ALVAZZI DEL FRATE, Anna. 1998. *Victims of Crime in the Developing countries*. Rome: UNICRI Publication, nº 57.
- BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003
- BEATO, Claudio; SILVA, Bráulio Figueiredo Alves da; TAVARES, Ricardo. Crime e estratégias de policiamento em espaços urbanos. **Dados**, Rio de Janeiro , v. 51, n. 3, p. 687-717, 2008. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52582008000300005&lng=en&nrm=iso. Acesso em 12 Mar. 2019.
- BENGOCHEA, Jorge Luiz Paz et al . A transição de uma polícia de controle para uma polícia cidadã. São Paulo Perspec., São Paulo , v. 18, n. 1, p. 119-131, Mar. 2004
- BORGES, Doriam. O medo do crime na cidade do Rio de Janeiro: uma análise sob a perspectiva das crenças de perigo. Curitiba: APPRIS, 2011.
- CONKLIN, John. E. **The Impact of Crime**. New York: Macmillan, 1975.
- CRISP. Percepção de Medo no Estado de Minas Gerais. Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública. UFMG, mar. 2010. Disponível em: <<https://goo.gl/vUx1NC>> . Acesso em: 20 out. 2019.
- DAVIS, Corinne; PEIXOTO, Betânia Totino. Medo e espaço urbano: uma análise da percepção do risco de vitimização local e não local. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 11. Campinas. **Anais...** Campinas: SBS, 2003. p. 2-26, 2003.
- DUBOW, Fred; MCCABE, Edward; KAPLAN, Gail. **Reactions to Crime: A Critical Review of the Literature**. Washington, D.C.: National Institute of Law Enforcement and Criminal Justice, US Government Printing Office, 1979.
- FERRARO, Kenneth F. e LAGRANGE, Randy. “The measurement of fear of crime”. **Sociological Inquiry**, n.57: 70-101, 1987.
- HALE, C. Fear of Crime: A Review of the Literature. **International Review of Victimology**, n. 4, p. 79-150, 1996.
- KANAK, James W. e PRUITT, Matthew V. “Modeling Fear of Crime and Perceived Victimization Risk: The (In) Significance of Neighborhood Integration”. **Sociological Inquiry**, v. 72, n. 4: 527-548, 2002.
- LEBRUN, Gerard. Hobbes aquém do Liberalismo. in: LEBRUN, Gerard. *A filosofia e sua história*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- MAIORES BAIRROS DE BELO HORIZONTE.POPULAÇÃO**. Disponível em: <http://populacao.net.br/os-maiores-bairros-belo-horizonte_mg.html> . Acesso em: 18 mai. 2018.
- MINAS GERAIS. Polícia Militar. Instrução Nº 3.03.21/2017- CG. Imprensa Oficial de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.
- OVIDO, Enrique; RODRÍGUEZ, Alfredo. Santiago, una ciudad con temor. **Temas Sociales**, n.26, 1999.
- PAIN, Rachel. “Place, social relations and the fear of crime: a review”. **Progress in Human Geography**, v. 24, n. 3: 365-387, 2000.

- PIQUET, Leandro. **Determinantes do crime na América Latina: Rio de Janeiro e São Paulo**. São Paulo. São Paulo: World Bank, 1999.
- RODRIGUES, C. D. e OLIVEIRA, V. C.. 2012 “Medo de Crime, Integração Social e Desordem: Uma análise da sensação de insegurança e do risco percebido na capital de Minas Gerais” em **Teoria & Sociedade**, nº 20.2 - julho-dezembro de 2012.
- RODRIGUES, C. D.; FERNANDES, R. A. Medo ou realidade? Uma Análise Comparada do Risco Percebido e Risco Objetivo de vitimização no município de Belo Horizonte em diferentes momentos no tempo. In: XXXI ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS. Minas Gerais, 2007
- ROUNTREE, Pamela W., and Kenneth LAND. Perceived risk versus fear of crime: Empirical evidence of conceptually distinct reactions in survey data. **Social Forces** 74, p.1353- 76, 1996.
- ROUNTREE, Pamela Wilcox. A reexamination of the crime-fear linkage. **Journal of Research in Crime and Delinquency**, New York, v. 35, n. 3, p. 341-372, 1998.
- SAMPSON, Robert J., MORENOFF, Jeffrey D. e EARLS, Felton. "Beyond Social Capital: Spatial Dynamics of Collective Efficacy for Children". **American Sociological Review**, 64, 5: 633-60, 1999.
- SHOEMAKER, Donald J. **Theories of delinquency: an examination of explanations of delinquent behavior**. Ed. 3. New York: Oxford University Press, 1996.
- SILVA, Bráulio Figueiredo Alves da; BEATO FILHO, Claudio Chaves. Ecologia social do medo: avaliando a associação entre contexto de bairro e medo de crime. Rev. bras. estud. popul., São Paulo , v. 30, supl. p. S155-S170, 2013 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-30982013000400010&lng=en&nrm=iso>. access on 12 Mar. 2019.
- SKOGAN, Wesley G. The impact of victimization of fear, **Crime and Delinquency** n.33, p.135- 54, 1987.
- SKOGAN, Wesley; MAXFIELD, Michael. **Coping with crime**. Beverly Hills: Sage, 1981.
- STAFFORD, Mark C.; GALLE, Omer R. Victimization Rates, Exposure to Risk, and Fear of Crime. **Criminology**, Chicago, nº 22: 173-185, 1984.
- TAYLOR, Ralph B.. GOTTFREDSON, Stephen D. e BROWER, Sidney. “Block crime and fear: defensible space, local social ties, and territorial functioning.” **Journal of Research in Crime and Delinquency**, 21(4): 303-331, 1984.
- VILLARREAL, Andreas e SILVA, Bráulio Figueiredo A.. 2006. “Social Cohesion, Criminal Victimization and Perceived Risk of Crime in Brazilian Neighborhoods” **Social Forces**, v.84, n.3:1725-1753.
- WARR, Mark & STAFFORD, Mark. Fear of victimization: a look at proximate causes. **Social Forces** n.61, p.1033-43, 1983.
- WARR, Mark. Fear of victimization: why are women and the elderly more afraid? **Social Science Quarterly** n.65, p.681-702, 1984.

Tabela 70: Distribuição dos crimes ocorridos em 2016 segundo a Polícia Militar de Minas Gerais

2016		
CRIME	N	%
Outras Infrações Contra O Patrimônio	25	8,22%
Furtos	22	7,24%
Roubo	19	6,25%
Outras Infrações Contra A Pessoa	18	5,92%
Outras Infrações Demais Leis Especiais	16	5,26%
Outras Ocorrências De Trânsito	16	5,26%
Agressão	16	5,26%
Estelionatos	12	3,95%
Apropriações Indébitas De Coisas Alheias Móveis	10	3,29%
Danos	8	2,63%
Ameaças	7	2,30%
Lesão Corporal	7	2,30%
Aplicações De Medidas Administrativas Previstas No Artigo 269 Do Ctb	6	1,97%
Outras Infrações Contra Dignidade Sexual E Família	6	1,97%
Clonagens De Veículos	5	1,64%
Perturbação Da Tranquilidade	5	1,64%
Calúnias	4	1,32%
Desobediência	4	1,32%
Maus Tratos	4	1,32%
Apropriação De Bens De Idoso	3	0,99%
Atos Obscenos	3	0,99%
Direção Perigosa	3	0,99%
Extorsão	3	0,99%
Falsidade Ideológica	3	0,99%
Falsificação De Documento Particular	3	0,99%
Homicídio	3	0,99%
Negar Saldar Despesa	3	0,99%
Outras Infrações Contra A Paz Pública	3	0,99%
Abuso De Autoridade	2	0,66%
Alterações Não Autorizadas Em Sistemas De Informação	2	0,66%
Condução Veículo Sob Influência De Álcool/Drogas	2	0,66%
Constrangimentos Ilegais	2	0,66%
Desacatos	2	0,66%
Difamações	2	0,66%
Estupros	2	0,66%
Estupros De Vulnerável	2	0,66%
Falsa Identidade	2	0,66%
Injúria	2	0,66%

Maus Tratos Contra Animal	2	0,66%
Moeda Falsa	2	0,66%
Receptação	2	0,66%
Venda De Ingresso De Evento Esportivo Por Preço Superior	2	0,66%
Violação De Domicílio	2	0,66%
Abandono De Incapaz	1	0,33%
Acidente Com Vítima	1	0,33%
Acidente Sem Vítima	1	0,33%
Arremesso Ou Colocação Perigosa	1	0,33%
Comunicação Falsa De Crime	1	0,33%
Confiar Direção À Pessoa Não Habilitada	1	0,33%
Constrangimento De Menor	1	0,33%
Corrupção De Menores	1	0,33%
Crime Assimilado À Moeda Falsa	1	0,33%
Declaração Omissa Para Se Eximir De Pagamento	1	0,33%
Desobediência De Ordem Judicial	1	0,33%
Direção Sem Permissão	1	0,33%
Exercício Arbitrário Das Próprias Razões	1	0,33%
Exercício Ilegal Da Profissão	1	0,33%
Extorsão Mediante Sequestro	1	0,33%
Falsidade De Atestado Médico	1	0,33%
Furto De Coisa Comum	1	0,33%
Jogos De Azar	1	0,33%
Maltratar Plantas	1	0,33%
Não Entrega Ao Consumidor O Termo De Garantia	1	0,33%
Omissão De Cautela Na Condução De Animal	1	0,33%
Outras Infrações Ambientais Relacionadas À Poluição	1	0,33%
Outras Infrações Contra Fé Pública	1	0,33%
Outras Infrações Referente À Entorpecente	1	0,33%
Peculato	1	0,33%
Perturbação Do Sossego	1	0,33%
Pichação	1	0,33%
Porte Ilegal De Armas	1	0,33%
Posse Ilegal De Armas	1	0,33%
Resistência	1	0,33%
Rixa	1	0,33%
Sequestro E Cárcere Privado	1	0,33%
Supressão De Documento	1	0,33%
Tráfico Ilícito De Drogas	1	0,33%
Uso De Documento Falso	1	0,33%
Uso E Consumo De Drogas	1	0,33%
Violação De Lugar	1	0,33%

TOTAL**304 | 100%**

Tabela 71: Distribuição dos crimes ocorridos em 2017 segundo a Polícia Militar de Minas Gerais

2017		
CRIME	N	%
Outras Infrações Contra O Patrimônio	28	9,36%
Outras Infrações Contra A Pessoa	20	6,69%
Furto	16	5,35%
Agressão	16	5,35%
Outras Infrações Demais Leis Especiais	14	4,68%
Outras Ocorrências De Trânsito	14	4,68%
Roubo	14	4,68%
Estelionato	13	4,35%
Ameaça	9	3,01%
Aplicação De Medidas Administrativas Previstas No Artigo 269 Do Ctb	9	3,01%
Apropriação Indébita De Coisa Alheia	7	2,34%
Dano	7	2,34%
Clonagem De Veículos	5	1,67%
Difamação	5	1,67%
Perturbação Da Tranquilidade	5	1,67%
Perturbação Do Trabalho Ou Do Sossego	5	1,67%
Calúnia	4	1,34%
Desobedecer Ordem Judicial	4	1,34%
Desobediência	4	1,34%
Falsificações De Documento Particular	4	1,34%
Injúria	4	1,34%
Lesão Corporal	4	1,34%
Violação De Domicílio	4	1,34%
Arremesso Ou Colocação Perigosa	3	1,00%
Assédio Sexual	3	1,00%
Falsidade Ideológica	3	1,00%
Maus Tratos	3	1,00%
Maus Tratos Contra Animais	3	1,00%
Outras Infrações Contra A Organização Do Trabalho	3	1,00%
Outras Infrações Contra Dignidade Sexual E Família	3	1,00%
Condução Veículo Sob Influência De Álcool/Drogas	2	0,67%
Animal Silvestre Sem Licença	2	0,67%
Constrangimento De Menor	2	0,67%

Desacato	2	0,67%
Homicídio	2	0,67%
Importunação Ofensiva Ao Pudor	2	0,67%
Incitação De Violência Em Contexto Esportivo	2	0,67%
Moeda Falsa	2	0,67%
Não Cumprimento De Ordem Judicial Contra Idoso	2	0,67%
Posse Ilegal De Arma	2	0,67%
Receptação	2	0,67%
Uso De Documento Falso	2	0,67%
Abandono De Incapaz	1	0,33%
Abandono Material	1	0,33%
Acidente Com Vítima	1	0,33%
Acidente Sem Vítima	1	0,33%
Alteração De Limite De Água	1	0,33%
Alteração Não Autorizada De Sistema De Informação	1	0,33%
Apropriação De Bens De Idoso	1	0,33%
Apropriação De Coisa Havida Por Erro	1	0,33%
Constrangimento Ilegal	1	0,33%
Crime Contra A Correspondência/Comunicação	1	0,33%
Cultivo De Drogas	1	0,33%
Denunciação Caluniosa	1	0,33%
Desobedecer A Ordem De Chamada Para Votação	1	0,33%
Estupro De Vulnerável	1	0,33%
Exercício Arbitrário Das Próprias Razões	1	0,33%
Exercício Ilegal Da Profissão	1	0,33%
Extorsão	1	0,33%
Extorsão Mediante Sequestro	1	0,33%
Falsidade De Atestado Médico	1	0,33%
Falsificação De Documento Público	1	0,33%
Fraude À Execução	1	0,33%
Fraude Em Financiamento Em Instituição Financeira	1	0,33%
Furto De Coisa Comum	1	0,33%
Maltratar Plantas	1	0,33%
Não Assistência À Saúde Do Idoso	1	0,33%
Não Assistência Ao Idoso	1	0,33%
Negar Saldar Despesa	1	0,33%
Omissão De Cautela Na Condução De Animal	1	0,33%
Omissão De Dado Em Documento Contábil	1	0,33%
Outras Infrações Contra A Paz Pública	1	0,33%
Outras Infrações Contra Fé Pública	1	0,33%
Pichação	1	0,33%
Poluição Ambiental	1	0,33%

Provocação De Tumulto	1	0,33%
Rixa	1	0,33%
Tráfico Ilícito De Drogas	1	0,33%
Uso E Consumo De Drogas	1	0,33%
Venda De Ingresso De Evento Esportivo Por Preço Superior	1	0,33%
Violação De Correspondência	1	0,33%
TOTAL	299	100%

Tabela 72: Distribuição dos crimes ocorridos em 2018 segundo a Polícia Militar de Minas Gerais

2018		
CRIME	N	%
Outras Infrações Contra O Patrimônio	31	10,33%
Outras Infrações Contra A Pessoa	18	6,00%
Furto	17	5,67%
Roubo	14	4,67%
Estelionato	13	4,33%
Outras Infrações Demais Leis Especiais	13	4,33%
Outras Ocorrências De Trânsito	13	4,33%
Agressão	13	4,33%
Ameaça	10	3,33%
Aplicação De Medidas Administrativas Previstas No Artigo 269 Do Ctb	8	2,67%
Apropriação Indébita De Coisa Alheia	8	2,67%
Dano	8	2,67%
Falsidade Ideológica	5	1,67%
Injúria	5	1,67%
Lesão Corporal	5	1,67%
Calúnia	4	1,33%
Desobedecer Ordem Judicial	4	1,33%
Difamação	4	1,33%
Extorsão	4	1,33%
Homicídio	4	1,33%
Maus Tratos	4	1,33%
Outras Infrações Contra O Sistema Eleitoral	4	1,33%
Perturbação Do Trabalho Ou Do Sossego	4	1,33%
Venda De Ingresso De Evento Esportivo Por Preço Superior	4	1,33%
Arremesso Ou Colocação Perigosa	3	1,00%
Clonagens De Veículos	3	1,00%
Condução Veículo Sob Influência De Álcool/Drogas	3	1,00%
Disparo De Arma De Fogo	3	1,00%
Exercício Ilegal Da Profissão	3	1,00%

Omissão De Cautela Na Condução De Animal	3	1,00%
Outras Infrações Contra A Dignidade Sexual E A Família	3	1,00%
Perturbação Da Tranquilidade	3	1,00%
Praticar Abuso/Maus Tratos Contra Animais	3	1,00%
Violação De Domicílio	3	1,00%
Abandono Do Local De Acidente De Trânsito	2	0,67%
Alteração Não Autorizada De Sistema De Informação	2	0,67%
Ato Obsceno	2	0,67%
Desacato	2	0,67%
Desobediência	2	0,67%
Falsa Identidade	2	0,67%
Negar Saldar Despesa	2	0,67%
Uso De Documento Falso	2	0,67%
Abandono De Incapaz	1	0,33%
Abandono De Material	1	0,33%
Acidente De Trânsito Com Vítima	1	0,33%
Acidente De Trânsito Sem Vítima	1	0,33%
Animal Silvestre Em Cativeiro Sem Licença	1	0,33%
Assédio Sexual	1	0,33%
Constrangimento Ilegal	1	0,33%
Correspondência Comercial	1	0,33%
Direção Perigosa	1	0,33%
Direção Sem Permissão	1	0,33%
Estupro	1	0,33%
Estupro De Vulnerável	1	0,33%
Falsidade De Atestado Médico	1	0,33%
Falsificação De Documento Particular	1	0,33%
Falsificação Documento Público	1	0,33%
Furto De Coisa Comum	1	0,33%
Importunação Ofensiva Ao Pudor	1	0,33%
Moeda Falsa	1	0,33%
Não Assistência Ao Idoso	1	0,33%
Omissão De Cautela	1	0,33%
Outra Infração Referente A Substância Entorpecente	1	0,33%
Outras Infrações Ambientais Contra A Flora	1	0,33%
Outras Infrações Contra A Fauna Silvestre	1	0,33%
Outras Infrações Relacionadas A Atividades Poluidoras	1	0,33%
Pichação	1	0,33%
Poluição Ambiental	1	0,33%
Realizar Corte Raso De Árvore	1	0,33%
Receptação	1	0,33%
Resistência	1	0,33%

Rixa	1	0,33%
Sequestro E Cárcere Privado	1	0,33%
Servir Bebida Alcoólica À Menor De Idade	1	0,33%
Subtrair Menor De Idade De Quem O Tem A Guarda	1	0,33%
Tráfico De Drogas	1	0,33%
Uso E Consumo De Drogas	1	0,33%
Usurpação De Função Pública	1	0,33%
Veículo Abandonado	1	0,33%
TOTAL	300	100%

Tabela 73: Distribuição dos crimes ocorridos em 2019 segundo a Polícia Militar de Minas Gerais até 21/08/2019

2019		
CRIME	N	%
Outras Infrações Contra O Patrimônio	27	11,79%
Outras Infrações Contra A Pessoa	19	8,30%
Furto	17	7,42%
Estelionato	12	5,24%
Agressão	12	5,24%
Outras Infrações Demais Leis Especiais	11	4,80%
Roubo	11	4,80%
Dano	8	3,49%
Outras Ocorrências De Trânsito	7	3,06%
Ameaça	6	2,62%
Falsidade Ideológica	5	2,18%
Lesão Corporal	5	2,18%
Perturbação Do Trabalho Ou Do Sossego Alheios	5	2,18%
Aplicação De Medidas Administrativas Previstas No Artigo 269 Do Ctb	4	1,75%
Difamação	4	1,75%
Extorsão	4	1,75%
Calúnia	3	1,31%
Desacato	3	1,31%
Desobediência	3	1,31%
Homicídio	3	1,31%
Perturbação Da Tranquilidade	3	1,31%
Violação De Domicílio	3	1,31%
Apropriação De Coisa Alheia Móvel	2	0,87%
Desobedecer Ordem Judicial	2	0,87%
Importunação Ofensiva Ao Pudor	2	0,87%
Injúria	2	0,87%

Maus Tratos	2	0,87%
Outras Infrações Contra A Dignidade Sexual E A Família	2	0,87%
Porte De Arma Branca	2	0,87%
Corte Raso De Árvore	2	0,87%
Animal Silvestre Sem Licença	2	0,87%
Abandono De Incapaz	1	0,44%
Abandono Material	1	0,44%
Acidente Com Vítima	1	0,44%
Acidente Sem Vítima	1	0,44%
Clonagem De Veículo	1	0,44%
Apropriação De Coisa Havida Por Erro	1	0,44%
Arremesso Ou Colocação Perigosa	1	0,44%
Assédio Sexual	1	0,44%
Condução Veículo Sob Influência De Álcool/Drogas	1	0,44%
Constrangimento Envolvendo Criança Em Ato Libidinoso	1	0,44%
Denúncia Caluniosa	1	0,44%
Disparo De Arma De Fogo	1	0,44%
Estupro	1	0,44%
Falsa Identidade	1	0,44%
Favorecimento Pessoal	1	0,44%
Frustra Direito Assegurado Na Lei Trabalhista	1	0,44%
Incêndio	1	0,44%
Inserção De Dados Falsos Em Sistemas De Informações	1	0,44%
Moeda Falsa	1	0,44%
Negar Saldar Despesa	1	0,44%
Omissão De Cautela Na Condução De Animal	1	0,44%
Outras Infrações Ambientais Relacionadas A Atividades Poluidoras	1	0,44%
Outras Infrações Contra A Organização Do Trabalho	1	0,44%
Perigo Para A Vida Ou Saúde De Outrem	1	0,44%
De Confiar Direção À Pessoa Não Habilitada	1	0,44%
Pichação	1	0,44%
Porte Ilegal De Arma De Fogo	1	0,44%
Posse De Arma De Fogo	1	0,44%
Maus Tratos Contra Animais	1	0,44%
Recusar Identificar-Se	1	0,44%
Resistência	1	0,44%
Rixa	1	0,44%
Servir Bebida À Menor De Idade	1	0,44%
Tráfico Ilícito De Drogas	1	0,44%
Transporte Ilegal De Passageiros	1	0,44%
Uso E Consumo De Drogas	1	0,44%
TOTAL	229	100%

Apêndice I – questionário

A influência da implantação da Base Comunitária Móvel da Polícia Militar de Minas Gerais na Praça Nilo Peçanha, na sensação de segurança dos frequentadores do bairro Sagrada Família em 2019.

Bom dia/ Boa tarde. Meu nome é _____ estou fazendo uma pesquisa sobre Base Comunitária Móvel da Polícia Militar de Minas Gerais na Praça Nilo Peçanha. A sua colaboração é muito importante e servirá para conhecermos alguns efeitos da implementação do programa sobre a sensação de segurança de seus frequentadores. Não há respostas certas e erradas, queremos é conhecer a sua opinião. A participação é voluntária e você pode deixar de responder as perguntas a qualquer momento. As perguntas que vou fazer também serão feitas para outros transeuntes de maneira anônima e aleatória. Você não será identificado(a) de nenhuma forma. Somente os pesquisadores da UFMG que trabalham especificamente nesta pesquisa terão acesso aos questionários. Em caso de qualquer dúvida, você ou seus familiares podem entrar em contato com a professora Ludmila Ribeiro, coordenadora da pesquisa, no telefone (31) 3409-6310. Podemos começar?

Data da aplicação: ____/____/____

Local de aplicação: _____

Entrevistador: _____

Número do questionário: _____

Observações: _____

Inicialmente, gostaríamos de saber um pouco sobre você e, por isso, vamos fazer algumas perguntas sobre o seu perfil.

1. Qual é a sua data de nascimento? ___/___/____
2. Quanto ao sexo, como você se classifica?
 - Masculino.
 - Feminino.
 - Outro. Qual? _____
3. Em relação à cor de sua pele, você se classifica como:
 - Branco(a).
 - Negro(a).
 - Amarelo(a).
 - Pardo(a).
 - Indígena.
 - Outra. Qual? _____
4. Qual é o seu nível de escolaridade?
 - Nunca foi à escola.
 - Ensino fundamental incompleto.
 - Ensino fundamental completo.
 - Ensino Médio incompleto.
 - Ensino Médio completo.
 - Ensino Superior incompleto.
 - Ensino Superior completo.
5. Qual é o seu estado civil?
 - Casado(a).
 - Amasiado(a).
 - Separado(a).
 - Divorciado(a).
 - Solteiro(a).
 - Viúvo(a).
6. Exerce atividade remunerada?
 - Sim.
 - Não
7. Em qual desses grupos se enquadra a sua renda familiar?
 - De R\$0,00 à R\$1.254,00.
 - De R\$1.255,00 à R\$2.004,00.
 - De R\$2.005,00 à R\$8.640,00.
 - De R\$8.641,00 à R\$11.261,00.
 - Acima de R\$11.261,00.
 - NS/NR.
8. Você reside no bairro Sagrada Família?
 - Sim.
 - Não
9. Se sim, há quanto tempo?

- Entre 0 e 2 anos.
- Entre 2 e 4 anos.
- Entre 4 e 6 anos.
- Acima de 6 anos.
- Não reside no bairro

10. Nos últimos 3 meses, você saiu à noite, em finais de semana, por motivos de lazer (como, por exemplo, para frequentar bares, clubes ou festas)?

- Sim.
- Não.
- NS/NR.

Na próxima seção, farei perguntas para avaliar experiências relacionadas à vitimização por crime.

11. Você conhece alguém que teve sua residência invadida nos últimos cinco anos?

- Sim.
- Não.
- NS/NR.

12. Você conhece alguém que foi roubado ou assaltado nos últimos cinco anos?

- Sim.
- Não.
- NS/NR.

13. Você conhece alguém que foi vítima de roubos ou arrombamento de veículos nos últimos cinco anos?

- Sim.
- Não.
- NS/NR.

14. Você tem conhecimento da ocorrência de roubos ou assaltos em farmácias, padarias, casas lotéricas e outros comércios nas proximidades da sua casa nos últimos cinco anos?

- Sim.
- Não.
- NS/NR.

15. Você tem conhecimento de assassinato ou tentativa de assassinato nas proximidades da sua casa?

- Sim.
- Não.
- NS/NR.

16. Você já foi vítima de algum crime grave (como roubo, estupro, agressões físicas) na vida?

- Sim.
- Não.
- NS/NR.

17. Há quanto tempo foi o crime mais grave do qual você foi vítima?

- Nunca fui vítima de nenhum crime. (Pular para questão 19)
- Uma semana
- Um mês
- Seis meses
- Um ano

- Mais de um ano

18. Qual foi o crime mais grave do qual você foi vítima no ano passado (entre setembro de 2018 e setembro de 2019) [Pode marcar mais de uma questão]

- Furto.
- Roubo.
- Agressão Física.
- Residência Invasa.
- Tentativa de Homicídio.
- Agressão Sexual.
- NS/NR.

Para finalizarmos, farei algumas últimas perguntas para saber como você se sente em relação à segurança nessa região.

19. Você conhece o programa Bases Comunitárias Móveis?

- Sim
- Não
- NS/NR.

20. Para você, o bairro Sagrada Família ficou mais seguro após a instalação das Bases Comunitárias Móveis?

- Sim
- Não
- NS/NR.

21. Comparando hoje com doze meses atrás, após a instalação das Bases Comunitárias Móveis a violência no bairro:

- Diminuiu muito.
- Diminuiu.
- Permaneceu a mesma.
- Aumentou.
- Aumentou muito.
- NS/NR.

22. Ao caminhar sozinho durante o DIA nessa região, como você se sente?

- Muito Seguro.
- Seguro.
- Pouco Seguro.
- Inseguro.
- NS/NR.

23. Ao caminhar sozinho durante a NOITE nessa região, como você se sente?

- Muito Seguro.
- Seguro.
- Pouco Seguro.
- Inseguro.
- NS/NR.

24. Comparando HOJE com vinte e quatro meses atrás, como você se sente quando caminha sozinho nessa região de DIA?

- Muito mais seguro.
- Mais seguro.
- Indiferente.

- Mais inseguro.
 - Muito mais inseguro.
 - NS/NR.
25. Comparando HOJE com vinte e quatro meses atrás, como você se sente quando caminha sozinho nessa região de NOITE?
- Muito mais seguro.
 - Mais seguro.
 - Indiferente.
 - Mais inseguro.
 - Muito mais inseguro.
 - NS/NR.
26. Nas proximidades dessa praça, você tem medo de:
- Ter sua residência invadida / arrombada? (Sim/Não) (Muito/Pouco)
 - Ter objetos pessoais de valor tomados a força por outras pessoas (roubo ou assalto)? (Sim/Não) (Muito/Pouco)
 - Ter seu carro ou moto tomado de assalto / furtados? (Sim/Não) (Muito/Pouco)
 - Se envolver em brigas / agressões físicas com outras pessoas? (Sim/Não) (Muito/Pouco)
 - Morrer assassinado? (Sim/Não) (Muito/Pouco)
 - Sequestro e Sequestro relâmpago? (Sim/Não) (Muito/Pouco)
 - Sofrer uma agressão sexual (estupro)? (Sim/Não) (Muito/Pouco)
 - Ser vítima de uma fraude e perder quantia significativa de dinheiro? (Sim/Não) (Muito/Pouco)
 - Receber uma ligação de bandidos exigindo dinheiro? (Sim/Não) (Muito/Pouco)
27. Você acredita que pode se tornar vítima de algum desses crimes no próximo ano?
- Ter sua residência invadida / arrombada? (Sim/Não)
 - Ter objetos pessoais de valor tomados a força por outras pessoas (roubo ou assalto)? (Sim/Não)
 - Ter seu carro ou moto tomado de assalto / furtados? (Sim/Não)
 - Se envolver em brigas / agressões físicas com outras pessoas? (Sim/Não)
 - Morrer assassinado? (Sim/Não)
 - Sequestro e Sequestro relâmpago? (Sim/Não)
 - Sofrer uma agressão sexual (estupro)? (Sim/Não)
 - Ser vítima de uma fraude e perder quantia significativa de dinheiro? (Sim/Não)
 - Receber uma ligação de bandidos exigindo dinheiro? (Sim/Não)
28. Na sua opinião, as Bases Comunitárias Móveis deveriam ser expandidas para todo o bairro?
- Sim
 - Não
 - NS/NR.
29. Há algo que não foi perguntado e você gostaria de acrescentar?
-
-
-
-

Agradecemos a sua participação. Sua opinião sincera é muito importante para o nosso estudo.

Apêndice II - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Na qualidade de aluno do curso de graduação em gestão pública, eu, Mateus Senna, estou realizando uma pesquisa sobre Base Comunitária Móvel da Polícia Militar de Minas Gerais no bairro Sagrada Família. O objetivo da pesquisa é fazer entender se há mudança na percepção de segurança com a instalação das bases comunitárias móveis.

A sua colaboração é muito importante e servirá para conhecermos alguns efeitos da implementação do programa sobre a sensação de segurança de seus frequentadores, fornecendo algum feedback sobre a política pública, que pode contribuir para mais análises sobre as intervenções de segurança pública do estado. Não há respostas certas e erradas, queremos apenas conhecer a sua opinião. Cabe ressaltar que, a qualquer momento de nossa entrevista, você poderá deixar de responder a qualquer pergunta, interromper ou abandonar o restante da entrevista caso julgue necessário ou conveniente

Como fazemos algumas perguntas sobre vitimização por crime, pode ser que você sinta algum desconforto nessas questões e, como forma de minimizar qualquer desconforto, reiteramos que não há qualquer obrigatoriedade de responder às perguntas formuladas, sendo que você pode interromper o questionário a qualquer momento ou a qualquer sinal de desconforto provocado por memórias relacionadas ao passado.

A participação na pesquisa é totalmente voluntária e, portanto, de sua livre escolha, e não implicará quaisquer riscos físicos, morais ou sociais. Também não trará quaisquer complicações legais, já que o anonimato de sua identidade e suas respostas será garantido durante toda a pesquisa. Além disso, sua participação também não acarretará nenhum tipo de preconceito ou discriminação. As perguntas que vou fazer a você também serão feitas para outros transeuntes do bairro Sagrada Família maneira anônima e aleatória. Você não será identificado(a) de nenhuma forma e todas as suas respostas são sigilosas, razão pela qual assumo o compromisso de manter a confidencialidade e sigilo de todas as informações e opiniões de caráter pessoal fornecidas pelo entrevistado(a).

Para participar deste estudo, você não terá nenhum custo nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, caso sejam identificados e comprovados danos provenientes desta pesquisa, você tem assegurado o direito à indenização. Você terá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar e a qualquer tempo e sem quaisquer prejuízos, pode retirar o consentimento de guarda e utilização do material da entrevista, valendo a desistência a partir da data de formalização desta.

Rubrica do pesquisador: _____

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pela pesquisadora responsável, na sala do Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública (CRISP) da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH) da UFMG, e outra será fornecida a você. Os dados e materiais utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de até 10 anos na mesma sala e após esse tempo serão destruídos. A pesquisadora tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resoluções N° 466/12; 441/11 e a Portaria 2.201 do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares), utilizando as informações somente para fins acadêmicos e científicos.

Eu, _____, portador do documento de Identidade _____ fui informado (a) dos objetivos, métodos, riscos e benefícios da pesquisa **“Base Comunitária Móvel da Polícia Militar de Minas Gerais no bairro Sagrada Família”**, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar.

() Concordo que as minhas respostas ao questionário sejam utilizadas somente para esta pesquisa.

() Concordo que as minhas respostas ao questionário sejam utilizadas em outras pesquisa, mas serei comunicado pelo pesquisador novamente e assinarei outro termo de consentimento livre e esclarecido que explique para que será utilizado o material.

Declaro que concordo em participar desta pesquisa. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido assinado por mim e pelo pesquisador, que me deu a oportunidade de ler e esclarecer todas as minhas dúvidas.

Nome completo do participante

Data

Assinatura do participante

Rubrica do pesquisador: _____

Nome completo do pesquisador: Mateus Senna Franco - Graduando em gestão pública
Endereço: Av. Presidente Antônio Carlos, nº 6627, Pampulha - Unidade Administrativa III
(UFMG)/ Belo Horizonte – MG
Telefone: (31) 992084424
E-mail: mateus_senna@hotmail.com

Assinatura do pesquisador Data

Nome completo do pesquisador: Ludmila Mendonça Lopes Ribeiro – Professora Adjunta do
DSO/UFMG
Endereço: Av. Presidente Antônio Carlos, nº 6627, Pampulha - Unidade Administrativa III
(UFMG)/ Belo Horizonte – MG
Telefones: (31) 3409-6310 / 3409-6306
E-mail: ludmila.ribeiro@crisp.ufmg.br

Assinatura do pesquisador Data

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:

COEP-UFMG - Comissão de Ética em Pesquisa da UFMG
Av. Antônio Carlos, 6627. Unidade Administrativa II - 2º andar - Sala 2005. Campus Pampulha.
Belo Horizonte, MG – Brasil. CEP: 31270-901.
E-mail: coep@prpq.ufmg.br. Tel: (31) 34094592.

Em caso de dúvidas sobre o andamento da pesquisa, você poderá consultar:

Ludmila Ribeiro – professora orientadora: Email: ludmila.ribeiro@crisp.ufmg.br
Telefones: (31) 3409-6310 / 3409-6306

Rubrica do pesquisador:

Rubrica do participante:
